

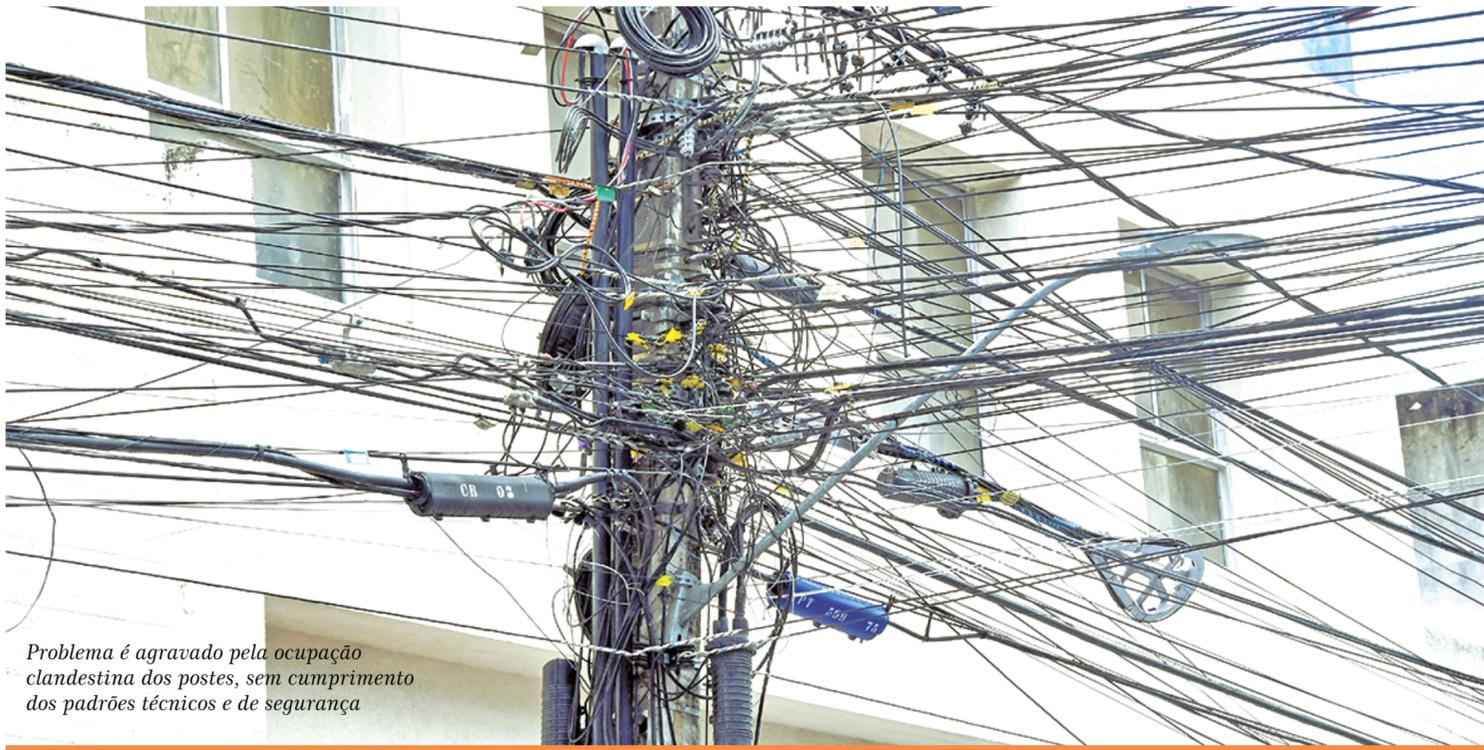


ACIDENTE À VISTA

Fios em excesso e desordenados representam risco à população

Moradores temem a possibilidade de descarga elétrica e reclamam da poluição visual na cidade. **Página 5**

Foto: Edson Matos



Problema é agravado pela ocupação clandestina dos postes, sem cumprimento dos padrões técnicos e de segurança



Foto: Roberto Guedes

Em entrevista, secretário avalia atuação das Forças de Segurança

Para Jean Nunes, o concurso para 1.400 novos policiais "causa uma verdadeira transformação no Estado".

Página 4

■ "Os rios são narrativas. Fontes de vida e beleza. Os povos que banhavam-se nas suas águas contavam histórias fascinantes".

Editorial

Página 2

■ "A Sombra de Stalin' é uma obra que nos traz a certeza de que a Ucrânia sempre foi a 'pedra no sapato' da União Soviética".

Alex Santos

Página 11

■ "Na Caixinha de Livros, por exemplo, a memória popular se harmoniza com os veios clássicos e eruditos da tradição literária".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Clubes de assinatura fazem sucesso entre os paraibanos

Receber produtos ou serviços mediante mensalidade se tornou uma excelente opção de mercado.

Páginas 17 e 18

Festival reúne circo, teatro e dança

Foto: Rafael Passos/Divulgação



Bailarina e coreógrafa, Joyce Barbosa apresenta a performance 'Midríase' na programação, que contempla três cidades da Paraíba.

Página 9

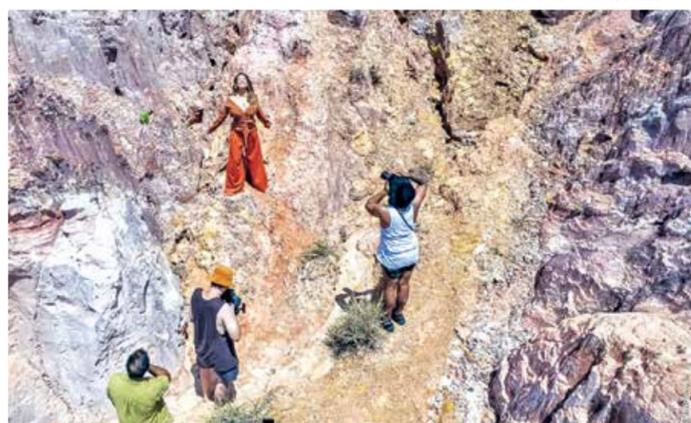


Foto: Marco Pimentel/Secom-PB

De olho no Oscar 2022

Um guia para saber onde ver os principais indicados ao prêmio deste ano. Maioria está nos catálogos de streaming.

Página 12

Paraíba conta com um total de 19 institutos históricos

Desse total, 13 surgiram a partir do ano 2000 e três deles foram criados no ano passado, nas cidades de Caturité, Ingá e Puxinanã.

Página 25

Paraíba, o paraíso da moda

Cenários icônicos do estado ganham destaque em campanha promocional de renomada grife feminina.

Página 3

Raposa e Galo duelam no Amigão

Rivais se enfrentam hoje pela quarta rodada do Campeonato Paraibano.

Página 24

Violência nos estádios

Entidades se unem para estabelecer a paz no futebol.

Páginas 21 e 22



Imagens: Reprodução/Campinense-Treeze



Foto: Roberto Guedes

Editorial

Nascente Viva

Os rios estão associados, hoje, a histórias tristes decorrentes da falta de cuidados com o meio ambiente – poluição, secas, inundações... –, fruto da irresponsabilidade de setores do poder público, mas não só. Parcela da sociedade também descuida dos cursos de água, muitos deles, no que diz respeito às gerações do presente, profundamente relacionados à vida de seus antepassados. Não sabem que os rios correm dentro deles.

Os rios, enfim, fluem quase esquecidos. Quem mora nas cidades litorâneas só tem olhos para o mar. No interior, pousam com mais frequência nas retinas das pessoas, isso quando as chuvas caem com profusão. Em geral, são intermitentes. Deles sabem mais os povos ribeirinhos. Com muito trabalho, enfrentando a crescente escassez da fauna e da flora – que lhe completam o ecossistema –, dos rios fazem estrada e tiram o sustento.

Os rios são narrativas. Fontes de vida e beleza. Os povos que banhavam-se e comercializavam nas suas águas (evitemos falar de guerra, hoje) contavam histórias fascinantes. Memórias que diluem-se no tempo e não são substituídas por versões de novos acontecimentos reais ou construídos na fantástica carpintaria da mente humana. Quem dera cidades inteiras acordassem cedo, para tomar banho de rio, revigorando-se para o trabalho.

Lirismo à parte, o fato é que os rios brasileiros carecem, hoje, de muita atenção. Necessitam urgentemente do tipo de zelo, por exemplo, que está definido em projetos como o Nascente Viva, do Governo do Estado, cuja meta é desenvolver ações destinadas a recuperar e revitalizar as nascentes do Rio Paraíba. Nascentes do rio. Um quase verso e referência ecológica que apontam para uma existência melhor sintonizada com a história e a natureza.

Nascente Viva. Após a semeadura dos pensamentos de seu artífice, um milhão de mudas, plantadas em 204 hectares de áreas nascentes e 429,15 hectares de matas ciliares, irão florescer. Mais de duas dezenas de cidades vão testemunhar o renascimento do Paraíba. Rio que não reviverá apenas com a água, reverdecerá com a vegetação nativa que, renovada, lhe dará a motivação necessária para vencer o desafio de chegar até o mar.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Quinta moléstia

Os médicos ficam empulhados quando eu me recuso a tomar soro. Há mais de 30 anos não bebo água – digo aos doutores durante a consulta. – Por que você não bebe água? Insiste o povo do sapato branco. – Porque um macrobiótico não consegue beber água; não é uma questão de volição, nem é proibido pela nossa seita. Apenas a água incha na boca e não desce, o organismo não aceita.

A situação se agrava quando o doutor prescreve o soro glicosado, para servir de veículo à medicação endovenosa. O macrô passa a vida tirando o açúcar do corpo e querem lhe dar açúcar na veia. É como tomar uísque com água de coco, um costume muito usado no Brasil. Diz-se que na Segunda Guerra Mundial os ianques ministravam água de coco na falta do soro.

Fico bravo, não tomo nem com uísque, detesto uísque – o xarope de uso veterinário que os ingleses davam a seus cavalos quando estavam bisonhos. A medicina veterinária tem dessas coisas, de vez em quando dá uma contribuição à medicina humana. Foi assim com a cesariana. A pomada de barbatimão é excelente para as juntas, sejam de gente ou de bichos. Calminex também.

Minha mulher achou que eu poderia estar com dengue. Fiquei receoso, pois perdi um amigo infectado pela dengue. Foi Pontes, o livreiro. Ele tinha ido visitar a filha no Mato Grosso e foi picado pelo mosquito. Era Pontes quem projetava meus livros e me vendia outros. Não teve jeito, ninguém pode com a dengue hemorrágica.

Lembrei-me de Pontes e deixei a mulher me levar para o hospital. Quiseram me aplicar soro. Esbravejei. Tiraram sangue para fazer hemograma. Não deu dengue. Pelos braços e pelo tronco havia uma infestação de pequenos pontos vermelhos, como se fosse um sarampo, ou brotoeja, uma espécie de urticária ou alergia. Vim para casa sem diagnóstico. Isso faz alguns meses.

Quando a urticária apareceu de novo. Sem coçar, sem incomodar. Fui ao ambulatório. A médica não soube dizer o que era, mas passou um remédio – cloridrato de amantadina, um comprimido por dia, durante cinco dias. Estou tomando, o sintoma desapareceu. Minha mulher disse que lhe disseram que há uma epidemia no Recife de PVB-19.

É como se fosse a brotoeja de que falei, sem maiores sintomas que a urticária. Mas

perigosa na gravidez, pois pode causar lesões ao feto, principalmente no segundo trimestre. Se você estiver esperando nenen evite contato com infectados pelo B-19. Mas como você pode saber? Poucos sabem que estão com o vírus, pois ele quase não incomoda. Rubéola é assim, ai das grávidas.

Há uma versão do B-19 dirigida ao público infantil. É a parvovirose B-19 infantil. Parece uma brotoeja brava. Há outra que atinge os cachorros. Na infância canina é fatal. Pode exterminar uma ninhada. Um amigo perdeu toda uma ninhada de filhas-brasileiros acometida pela parvovirose canina. É difícil escapar um. A parvovirose ainda tem um nome medonho: quinta moléstia. Cuidado.

Espero que eu não transmita para meus cachorros. São lindos, um fox paulistinha e um pointer. A raça fox paulistinha mudou de nome, de um tempo para cá passou a se chamar terrier brasileiro. Ficou mais chique, não acha? Depois do fila, é a segunda raça brasileira. Tem outras, como o veadeiro paulista, o bulldog campeiro etc. Mas cão de alarme é difícil um melhor que o paulistinha.

O meu terrier chama-se Pedro Terceiro, homenagem que fiz a uma ilustre casa brasileira. Bem, o sintoma se acabou, as 40 linhas estão terminando. Evite o Recife, principalmente se estiver grávida. Fui rapidamente ao Recife e voltei pintadinho de brotoejas, a doutora queria que eu fizesse hemograma. E se fosse dengue? Não era, e dengue não dá em cachorros.

“

Era Pontes quem projetava meus livros e me vendia outros

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Natureza e trabalho

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

O uso do esquecimento

A memória conecta, articula e relaciona elementos históricos. Por ela registramos na mente acontecimentos pretéritos, evitando o esquecimento. Mas há, infelizmente, quem se interesse deliberadamente em promover o ocultamento de confirmações históricas, no propósito de estabelecer uma amnésia social. O esquecimento sendo instrumentalizado para atender conveniências políticas. A conspiração forte contra o “lembrar.”

Evidencia-se um processo de exclusão histórica para que não se tenha conhecimento de realidades consideradas proibidas. O objetivo é fazer com que fatos reprováveis do passado sejam aceitos como normais, porquanto narrados de forma distorcida. O silêncio imposto oficialmente para desresponsabilizar culpados de outrora, no sequestro criminoso da nossa memória histórica.

Os que não sabem conviver com a democracia fazem da desmemória o instrumento para condução à inércia coletiva. É o apagamento intencional. Considerando que a memória nos transmite a história, é natural que alguns registros se tornem incômodos para manutenção de discursos políticos contemporâneos, porque se colocam em confronto com narrativas conhecidas.

Sabemos que se faz necessária uma permanente autocrítica da memória, propondo reconstruções segundo uma lógica de probabilidades. O que não deve, e não pode, é ser efetivada uma deliberada seletividade das narrativas históricas, com o intuito de distorcer verdades inquestionáveis, já consagradas em livros e artigos escritos por historiadores. As feridas feitas pela história não podem ser esquecidas. Elas devem ser lembradas para que não se repitam, preservando, inclusive, o conceito de moral como noção de justiça devida às vítimas.

A ideologização da memória provoca essa estratégia do esquecimento. A sua manipulação estruturada por detentores do poder, constitui-se grave dano de confiabilidade aos relatos históricos. A política do esquecimento, portanto, passa a ser adotada como política pública de anti-memória. Torna-se transparente a vontade de não informar e a de não permitir questionamen-

“

Sabemos que se faz necessária uma permanente autocrítica da memória

Rui Leitão

tos sobre os males cometidos no passado. É a mobilização dos poderes públicos para ativar o “não querer saber”. O estímulo à alienação coletiva, reivindicando claramente a necessidade do esquecimento, buscando construir uma memória hegemônica em detrimento de memórias coletivas até então existentes. É preciso, pois, admitir o pluralismo das expressões memoriais, nas suas versões alternativas, procurando encontrar o equilíbrio entre a obsessão do passado e as tentativas de imposição do esquecimento.

Memórias mal compreendidas despertam os piores sentimentos. A negligência para com a história nos torna um país fraco de lembranças e de identidade. Tem ganhado força nas redes sociais e em declarações de agentes políticos o negacionismo histórico. O revisionismo clássico é necessário e importante. Porém, ele tem que ser realizado respeitando regras metodológicas da área. O revisionismo histórico não pode ser ideológico, porque compromete o conhecimento. Fraudar o passado em função de um projeto político, além de ser prática de má-fé, procura dar voz a discursos de dominação e opressão em virtude de diferenças ou divergências.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

GRIFE DE MODA FEMININA

Cenários icônicos da Paraíba são destaque

Campanha promocional leva paisagens locais para outros estados brasileiros

Do início de março até setembro de 2022, cenários naturais e icônicos da Paraíba (Lajedo do Pai Mateus, Falésias e cenários rurais em pleno Litoral) estarão em destaque nos catálogos da empresa MOB de moda feminina, em vários estados brasileiros, como São Paulo, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além de revistas e banners, a MOB vai massificar a divulgação da sua coleção Outono/Inverno em suas redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter) e sua loja virtual.

A presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, informou que está previsto, ainda em março, um grande evento que vai reunir a imprensa e influenciadores digitais do Sul/Sudeste em São Paulo para divulgar a Paraíba e seus atrativos turísticos.

A vinda da grife de moda feminina à Paraíba foi resultado de uma parceria entre a PBTur com o apoio de diversos parceiros. Estiveram envolvidos no projeto o Governo do Estado, por intermédio da PBTur, a ABIH-PB (Hotel Verde Green em João Pessoa), Hotel Fazenda Pai Mateus, em Cabaceiras, e o restaurante Nui 360 e as Secretarias Municipais de Turismo de João Pessoa e do Conde.

Uma equipe, que reuniu produtores, fotógrafos, cinegrafistas, maquiadores, estilistas, a modelo internacional e atriz Fernanda Motta e a atriz e influencer digital Gisele Itiê, desembarcou na Paraíba e permaneceu por cinco dias intensos de muito trabalho. A cidade de Cabaceiras, distante 191km de João Pessoa, foi o cenário principal no Lajedo de Pai Mateus. Depois as fotos foram feitas na Costa do Conde, mais precisamente nos Canyons de Coqueirinho e no Shopping Rural Sítio Tambaba.



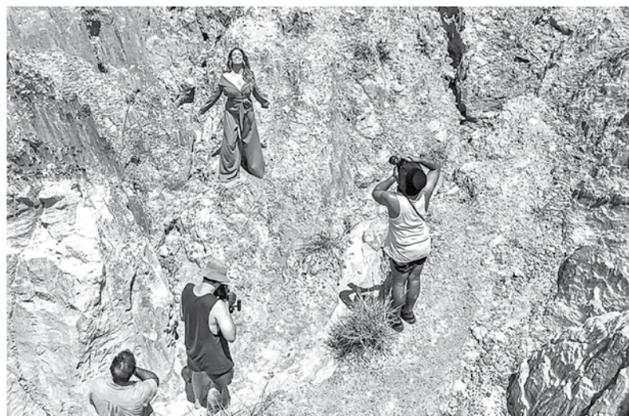
Fotos: Marco Pimentel/Secom-PB

Atriz e modelo internacional e influencer digital passaram cinco dias trabalhando na Paraíba

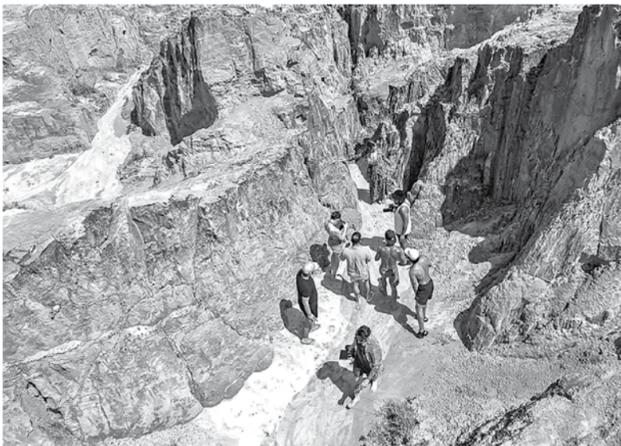


■ Lajedo de Pai Mateus, na cidade de Cabaceiras, distante 191 km de João Pessoa, foi o cenário principal

■ Fotos também foram feitas na Costa do Conde, mais precisamente nos Canyons de Coqueirinho e no Shopping Rural Sítio Tambaba



■ Durante vários meses, as imagens feitas na Paraíba estarão num catálogo, em vídeos, em painéis e vitrines das lojas físicas e redes sociais da empresa



Equipe

Trabalho reuniu produtores, fotógrafos, cinegrafistas e outros profissionais

Belezas naturais encantam profissionais

A presidente da PBTur, Ruth Avelino, esteve reunida com a influencer digital Gisele Itiê (atriz de televisão e teatro) na última quarta-feira (9). Segundo a executiva paraibana, a atriz, que é mexicana de nascimento e que vive desde a infância no Brasil, ficou encantada com as belezas naturais do Cariri (Lajedo do Pai Mateus) e com as praias do Litoral Sul da Paraíba. “Ela amou o que viu em nosso estado. Comprometeu-se em voltar para uma temporada

de férias com os familiares em breve”, revelou. Outro contato feito pela presidente da PBTur foi com o fotógrafo internacional Vitor Manon. A convite da MOB, Vitor veio direto de Paris para a Paraíba. “Numa conversa ele também disse que ficou encantado com o potencial turístico e as belezas naturais da Paraíba. Ele deverá produzir em breve um documentário sobre o Sítio Tambaba, no Conde, diante da riqueza das histórias de vida daquelas pessoas que

vivem da terra e do turismo”, contou Ruth Avelino.

De acordo com Ruth Avelino, essa ação terá grande repercussão durante muitos meses nos principais mercados emissores de turistas para a Paraíba. A MOB é uma grife que tem lojas nos principais estados do Brasil e tem forte atuação nas redes sociais. Durante seis meses, as imagens feitas na Paraíba estarão num catálogo, em vídeos, em painéis e vitrines das lojas físicas, nas redes so-

ciais e nas lojas virtuais da empresa, que é voltada para a mulher moderna com alto poder aquisitivo.

■ Ação terá grande repercussão durante muitos meses nos principais mercados emissores de turistas para a PB

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

PESQUISAS CORROBORAM QUE A PRÉ-CANDIDATURA DE MORO AINDA NÃO CONSEGUE DECOLAR



Foto: Agência Brasil

Esperava-se que Sérgio Moro fosse crescendo, progressivamente, nas pesquisas de intenção de voto para presidente, após a sua filiação ao Podemos e a confirmação oficial de que seria, de fato, candidato. Era plausível que ele conquistasse, à direita, mais eleitores que votaram em Bol-

sonaro em 2018, mas que não pretendem repetir esse voto. E até avançar mais na centro-esquerda. Mas isso não ocorreu na proporção projetada. Sua média entre 7% e 8% se mantém na maioria das consultas – inclusive na mais recente, do Instituto Ipspe –, dividindo a terceira colocação com Ciro Gomes (PDT), também estacionado na mesma média. Há quem considere um erro estratégico de Moro ter escolhido um partido de porte pequeno/médio para entrar na corrida presidencial. Não é todo dia, dizem, que ocorre um fenômeno eleitoral como o registrado em 2018, em que uma legenda sem nenhuma expressão, o PSL, venceu a disputa e ainda conseguiu eleger uma bancada numerosa – 53 deputados. Aquele era outro cenário, cuja construção o próprio Moro ajudou a erguer. Eleito pelo PSL há quatro anos, o deputado federal Julian Lemos (União Brasil) tem esse entendimento: Moro precisaria ter um partido com mais força e estrutura. “Essa média de Moro, que fica entre 8% e 10%, é do próprio recall dele, não é do Podemos”, afirmou.

REDES: POPULARIDADE CRESCEU

Em dezembro do ano passado, quando Sérgio Moro anunciou a sua filiação ao Podemos, seu nome disparou em conteúdos nas redes sociais, consolidando o ex-juiz como um dos presidenciáveis mais populares na internet. Levantamento da Consultoria Bites, de dezembro, mostrou que Moro alcançou 2,41 milhões de citações, crescimento de 107% em relação ao mês anterior à filiação. E ganhou 53 mil seguidores. Esse crescimento, porém, ainda não se traduz nas pesquisas eleitorais.

FEVEREIRO: A PRIMEIRA QUEDA

Ao compasso em que cresceu em ‘popularidade’ nas redes sociais, inversamente, Moro foi decaindo nas pesquisas. Pesquisa da CNT, no segundo semestre do mês passado, registrou a sua primeira queda: ele ficou em seu mesmíssimo terceiro lugar, com 6,4%, tecnicamente empatado com o pedetista Ciro Gomes, com 6,7%. No levantamento anterior da CNT, em dezembro de 2021, Moro havia obtido 8,4%. Como se vê, o pré-candidato do Podemos não consegue decolar.

CONVERSA DEFINITIVA SOBRE CHAPA

E o governador João Azevêdo confirmou, em entrevista a uma rede de TV, que chegou o momento de ter conversa, “de forma definitiva” com os pré-candidatos a senador, Efraim Filho (União Brasil) e Aguinaldo Ribeiro (PP). Aliados do governador têm defendido que os dois políticos sejam incorporados à chapa majoritária, sendo um na condição de candidato a vice-governador ou indicando um nome para o cargo. As reuniões poderão ocorrer ainda neste final de semana.

VAI JULGAR ANTES DAS ELEIÇÕES

Presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos) foi provocado por jornalistas a falar sobre o prazo em que serão apreciadas as contas do ex-governador Ricardo Coutinho, referentes a 2017, que foram reprovadas pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE). E garantiu que o Legislativo fará isso antes das eleições de outubro. Ele fez menção à “enorme pressão” da imprensa para que a casa julgue logo as contas, lembrando que elas ficaram cinco anos no TCE, “sem pressão nenhuma”.

O RETORNO DA CCJ, AO VIVO

Com transmissão ao vivo da TV Câmara, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), da Câmara Municipal de João Pessoa, se reunirá amanhã para dar continuidade às suas atividades. “É uma satisfação retornar aos trabalhos depois de um ano tão produtivo como foi nosso primeiro ano na presidência da CCJ. Vamos retornar às atividades normais e muitas matérias deverão ser pautadas para a continuidade dos trabalhos”, disse o presidente do colegiado, Odon Bezerra (Cidadania).

SECRETÁRIO NÃO DESCARTA SAIR CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL

Meses atrás, quando foi indagado sobre a possibilidade de disputar cargo eletivo, o secretário estadual de Saúde, Geraldo Medeiros, a descartava, ressaltando que seu foco continuava sendo o enfrentamento à pandemia. Agora, porém, o médico admite ser candidato a deputado federal, mas condiciona isso à orientação do governador João Azevêdo – ele confirma que, em breve, também voltará ao PSB. O governador, por sua vez, disse que se ele quiser, terá todo o apoio da legenda.

Jean Nunes

Secretário de Segurança Pública

“Esse concurso causa uma verdadeira transformação no Estado”



Foto: Roberto Cuedes

Titular da pasta fala sobre os investimentos do Governo do Estado e celebra os bons resultados das Forças de Segurança

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A pandemia da Covid-19 mudou a rotina de todos. Para alguns, o trabalho passou a ser remoto. Outros tiveram que encarar o medo e ir para as ruas, a exemplo dos policiais. Mas, se por um lado, a crise sanitária causou medo, incertezas e muitas perdas, por outro, serviu como aprendizado, mostrando que é possível nos adaptarmos a variadas situações e, nelas, descobrimos a capacidade de superação. Foi assim com as polícias da Paraíba, conforme o secretário de Segurança e Defesa Social, Jean Nunes. Em entrevista ao *Jornal A União*, ele afirmou que o trabalho tem sido permanente e, olhando para 2021, considerou o ano positivo, apesar das dificuldades, com foco na repressão qualificada. Ele destacou o aumento de 62% na apreensão de drogas de janeiro a novembro em relação ao mesmo período de 2020 e lembrou que, na comparação com 2016, que foi o pico de crimes contra bancos, a redução em 2021 foi de 90%. Ressaltou ainda o investimento do Governo do Estado nos Centros Integrados de Comando e Controle, com mais de R\$ 100 milhões só em tecnologia. Do concurso realizado, 1.400 novos policiais vão incrementar a Polícia Civil.

A entrevista

Os policiais receberam aumento salarial neste início de ano. Como o senhor avalia a importância dessa conversa que o governador teve com eles, essa negociação que terminou com o reajuste para toda a área da segurança? A avaliação é muito positiva. Essa é uma demonstração clara de que o governador João Azevêdo honra os compromissos que vem assumindo, de dar atenção à segurança pública, de continuar focado em melhorar a qualidade de vida dos policiais, e a parte remuneratória faz parte desse processo. Então, agora, com essa reorganização salarial, com os aumentos, com a reorganização das carreiras, como no caso da Polícia Militar e Bombeiro Militar, que também já foi aprovado na Assembleia. Tudo isso são medidas estruturantes que vão fazer com que a carreira policial seja muito mais atrativa e valorizada no estado. Avalio de uma forma muito positiva.

Sobre o concurso da Polícia Civil do Estado, qual a expectativa da Segurança quanto à convocação e formação desses policiais? É possível que, em 2022, a Paraíba já conte com esse reforço?

Com relação ao concurso da Polícia Civil, a expectativa é muito boa porque haverá uma renovação nos quadros, um acréscimo de 1.400 policiais. Esse é o maior concurso da história da Polícia Civil depois de 13 anos sem concurso, e vem em boa hora. Há, com um concurso desse, uma verdadeira transformação e um impacto no sistema de segurança do estado, mas também no sistema criminal. As polícias trabalhando muito e trabalhando mais, com mais profissionalismo, teremos uma maior demanda para o Ministério Público e para o Poder Judiciário. Um concurso dessa natureza, principalmente com essa quantidade de vagas, causa uma verdadeira transformação no Estado.

Na avaliação do senhor, qual o diferencial da Polícia Civil da Paraíba e qual o papel diante a sociedade?

A Polícia Civil do estado tem se destacado pela capacidade de realização de operações, pela capacidade de gestão. Recentemente, teve autonomia administrativa e financeira dada pelo governador João Azevêdo, em 2019, e também tem

de Janeiro, com várias operações e prisões realizadas. Essa troca de informações é constante e nós temos procurado aprimorar e estabelecer um canal cada vez mais próximo com esses estados.

Sobre o trabalho de integração dos centros de monitoramento, das forças policiais, como tem sido feito e quais os investimentos nessa área?

Com relação ao trabalho de integração nos Centros Integrados de Comando e Controle, será muito importante. Nós teremos várias forças policiais trabalhando juntas, integradas, como Polícia Militar, Polícia Civil, Bombeiro Militar, Secretaria de Administração Penitenciária, órgãos de segurança e de mobilidade urbana dos municípios, Polícia Rodoviária Federal (PRF). Vamos ter, pelo menos, 14 órgãos catalogados para que possamos fazer termos de cooperação e eles possam ter assentos nos Centros Integrados de Comando e Controle para facilitar esse fluxo de informações.

De que forma a pandemia da Covid-19 interferiu na segurança na Paraíba?

A pandemia interferiu muito na dinâmica da segurança. Nós precisamos reaprender e reorganizar, redefinir os rumos das nossas ações, reorganizar nossas operações, criar e fortalecer a Operação Previna-se, que é realizada pelas polícias Militar, Civil, Bombeiro Militar, Vigilância Sanitária, Procons estadual e municipais. Tudo isso fez com que tivéssemos que focar em ações direcionadas a essa fiscalização dos decretos da pandemia. De toda forma, a Polícia continua trabalhando forte para controlar os índices de criminalidade.

Que balanço o senhor faz em relação à segurança da Paraíba ao longo do ano que passou?

O balanço que a gente faz da segurança pública em 2021 é positivo. Foi um ano muito difícil, em que as forças de segurança precisaram continuar com a Operação Previna-se, fiscalizando e fazendo cumprir os decretos relacionados à pandemia, mas também tendo que cumprir sua missão principal que é o combate à criminalidade e a pacificação social. Foi um ano de muito trabalho, um ano desafiador, mas muito positivo pela capacidade de superação que as polícias tiveram.

Qual a operação de maior impacto realizada pela Secretaria em 2021? Onde foi? Quais os resultados?

Tivemos várias operações de muito destaque nesse ano de 2021, mas continuamos focados nas operações de repressão qualificada, de combate aos crimes violentos letais intencionais, ao crime violento patrimonial. Realizamos também a Operação Previna-se, que é relacionada à fiscalização dos decretos e às normas de vigilância sanitária, com relação à pandemia. Foram ações muito marcantes e que continuam em atividade.

Como estão os números da violência no Estado em relação a 2020, que já foi

“

A troca de informações tem sido muito forte com os estados vizinhos

Jean Nunes, Secretário

um ano pandêmico? Que números destacaria?

Nós temos muitos números interessantes como, por exemplo, a apreensão de armas de fogo. Em 2021, até o mês de novembro, temos 3.323 armas de fogo apreendidas. Comparado com o ano de 2020, é um aumento significativo. Com relação à apreensão de drogas, foram 4.602 quilos de drogas, um aumento de 62%. Quanto às prisões, temos 17.033 de janeiro a novembro, sendo 2.884 por crimes graves, que são homicídios, latrocínios, estupros, crimes violentos contra o patrimônio e contra a pessoa, um aumento de 39%. Um indicador importante é a redução de 11% da violência contra a mulher. Redução de 9% nos roubos e furtos de veículos. São 3.666 veículos recuperados e devolvidos a seus proprietários. Com relação a roubo a banco, um dos principais indicadores que temos, se considerarmos o ano de 2016, que foi o pico de roubo a banco no Estado, com 120 ocorrências, a gente tem uma redução de 90% em relação a 2021. Esse é um dado importante e que representa o trabalho das forças de segurança.

O senhor considera que 2021 foi um ano positivo em relação às ações de segurança realizadas no estado?

Eu considero que foi um ano positivo, um ano de muito aprendizado e de superação das forças de segurança que tiveram que lidar com esse inimigo invisível que é a Covid-19, mas também precisaram continuar nas ruas cumprindo a nossa missão, garantindo a segurança da nossa população, tirando criminosos das ruas. Então, foi um ano muito positivo, de muito aprendizado para todos nós.

Quais os investimentos feitos na segurança pública este ano e o que está sendo planejado ao longo deste ano?

Os investimentos desse ano na área de segurança foram muito fortes. O governador João Azevêdo tem uma sensibilidade e uma visão da necessidade de continuar investindo nas forças de segurança. Isso vem sendo feito em vários aspectos, tanto na valorização profissional, com a quantidade de promoções realizadas - são mais de duas mil promoções só na Polícia Militar e Bombeiro Militar; mais de mil promoções só na Polícia Civil. Isso já tem um impacto significativo. Além disso, temos os investimentos nos Centros Integrados de Comando e Controle (CICC) que serão distribuídos, com sede

em João Pessoa, Campina Grande e Patos. Esses centros já estão em construção. Nesses centros nós teremos embarcada uma tecnologia de última geração com a implantação de 1.600 câmeras por todo o Estado, com equipamentos que serão instalados nos centros, o que representa, nessa parte de tecnologia, mais de R\$ 100 milhões investidos entre 2021 e 2022. Temos aproximadamente 400 câmeras instaladas, e a nossa meta é que até o final de 2022, boa parte desse projeto esteja em execução e os centros também em operação, a iniciar por Patos e Campina Grande, que estão com obras mais avançadas. Os três centros vão dar, na sua totalidade, cerca de R\$ 22 milhões de investimento entre obras, aparelhamento com mobília e climatização, fora o investimento de mais de R\$ 100 milhões só na parte de tecnologia com as câmeras. São dois investimentos muito fortes do Governo do Estado.

Quais as perspectivas para a segurança pública da Paraíba em 2022?

A perspectiva para 2022 é muito boa, principalmente porque estamos avançando na tecnologia nos CICC instalados em João Pessoa, Campina Grande e Patos; na implantação e instalação das câmeras de monitoramento que virão acompanhadas de inteligência artificial, leitura de placa, reconhecimento facial. É uma série de ações que serão desenvolvidas na segurança pública quando falamos em tecnologia e infraestrutura. Também a informatização da Polícia Civil, que vem chegando cada vez mais forte. Uma meta do governador é informatizar e conectar todas as delegacias de polícia do estado para que possamos ter acesso ao sistema do Tribunal de Justiça, Ministério Público e, com isso, facilitar os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos e também uma melhor prestação de serviço para a população. A perspectiva é muito boa também com a chegada de novos armamentos, viaturas blindadas, ônibus especializados, quadriciclos, drones e caminhões de Bombeiro. São muitas aquisições e investimentos para 2022.

O senhor foi destaque entre os melhores delegados do Brasil pela terceira vez. Como avalia esse reconhecimento?

Esse destaque como um dos melhores delegados de Polícia Civil do país na modalidade gestão, nós vemos com muita alegria. É uma honraria muito importante estar entre os melhores do país, e isso é graças ao trabalho que estamos desenvolvendo aqui no estado, a oportunidade que foi dada pelo governador João Azevêdo para que pudéssemos desenvolver nossas habilidades, procurássemos nos especializar, nos aprofundarmos cada vez mais, manter nossas equipes também capacitadas. Tudo isso que vem acontecendo no nosso estado faz com que aumente a nossa responsabilidade, para que possamos aprimorar cada vez mais o nosso trabalho, capacitar cada vez mais nossas equipes. É uma honraria muito grande ter esse reconhecimento nacional.

FEIOS E PERIGOSOS

Postes transformados em ‘novelos’

Fiação e cabos de empresas de internet e TVs no posteamento trazem perigo à população e geram poluição visual

José Alves
zavieira2@gmail.com

Em qualquer bairro da cidade, a situação é praticamente a mesma. Quem anda pelas ruas e olha para cima vê um emaranhado de fios ou cabos de internet entre os postes, muitas vezes, tão baixos que representam risco à segurança dos pedestres. Em várias situações, há fios cortados, pendurados e, não raramente, atrapalhando a entrada de veículos em garagens de casas e prédios.

A situação chegou ao ponto de Rafaela Rufino, moradora de Manaíra, ter sofrido um choque elétrico enquanto caminhava pela calçada. “Eu estava andando pela calçada, perto de minha casa, e não percebi que havia um fio solto, que acabou tocando no meu rosto”, conta Rafaela. Segundo ela, a sorte é que a descarga elétrica não foi tão grande. Mesmo assim, ela ficou com sequelas. “Durante seis meses, tive problemas na mandíbula”, disse.

A poluição visual também incomoda os moradores da cidade. A dona de casa Eliane Celina dos Santos afirmou que a desorganização dos fios e cabos de internet deixa as ruas muito feias. “Eu vejo constantemente esses fios pendurados e alguns deles chegando a bater na cabeça das pessoas. Então, por que as empresas não fazem uma limpeza? Para mim, fio que está pendurado não serve pra nada. As empresas deveriam recolhê-los”, afirmou.

O contador Francisco José ressaltou que a desorganização dos fios em todos os bairros é um desrespeito ao cidadão. “O pior é que esse é um problema que vem se arrastando há décadas e nenhum prefeito coloca essa questão em pauta para resolver”, desabafou. Para o taxista Jean Cláudio, enquanto o poder público não tomar uma atitude, a cidade permanecerá feia. “Os fios, além de poluírem a cidade, põem em risco a vida do cidadão que, em diversos casos, tem dificuldade até para tirar o carro da garagem em razão dos fios baixos”, denunciou.

Compartilhamento obrigatório

A Energisa informou que cumpre o disposto na regulação conjunta da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), que determina a obrigatoriedade de toda distribuidora de energia de compartilhar a infraestrutura dos postes com as empresas de telecomunicações.

À Energisa cabe a disponibilização dos postes. As empresas de telefonia, internet e TV a cabo, que utilizam as estruturas, são responsáveis pela instalação correta e dentro dos padrões e pela manutenção de suas próprias redes (cabearamento).

Conforme estabelecido na regulação, as empresas de Telecom pagam à concessionária de energia pela utilização dos postes e 60% deste recurso são destinados a reduzir a tarifa de energia dos consumidores.

Além da ocupação regular dos postes, pelas empresas que possuem o contrato de compartilhamento, a Energisa confirma que há ocupação clandestina, sem autorização e cumprimento dos padrões técnicos e de segurança. Na Paraíba, essa é uma realidade que tem sido combatida de forma cada vez mais intensa pela concessionária.

A Energisa age removendo e inibindo a reposição das redes irregulares, por meio de fiscalização com equipes próprias, contratadas ou mesmo em situação de denúncias oriundas da própria população. Para ter uma ideia da situação, recentemente, foram removidos somente na cidade de Mogeiro, mais de 750 quilos de cabos irregulares dos postes da empresa.

A Energisa informou ainda que está em andamento uma consulta pública conduzida pela Aneel que resultará na revisão da regulamentação deste processo com novas atribuições para todas as partes envolvidas.

Normas são desobedecidas

A superintendente do Procon-PB, Késsia Lilianna, afirmou que o órgão já assinou com a Energisa e algumas empresas de internet e TV a cabo, um Termo de Ajustamento de conduta (TAC), visando a proteção do consumidor no que diz respeito aos fios e cabos nas ruas. Mas nem todas as operadoras assinaram o TAC, e continuam desobedecendo as normas propostas pelo Procon-PB. Késsia revelou que a Energisa recebe remuneração (aluguel) por cada fiação ou cabo colocado nos postes da empresa.

Ainda segundo a superintendente do Procon-PB, o emaranhado de cabos e fios nos postes da cidade é tão grande que o cidadão não tem condições de saber a que empresa eles pertencem. E nos pontos onde eles são baixos, geralmente, acontecem acidentes com caminhões que arrastam os fios. “Nesses casos, quem acaba prejudicado é o consumidor, que fica sem a prestação do serviço de internet”, explicou Lilianna, enfatizando que, além dos cabos das empresas oficiais, existem também os de empresas clandestinas.

Entenda melhor

Os postes são concessões públicas outorgadas à exploração por distribuidoras de energia elétrica. A atual legislação concede às empresas de telecomunicação o direito de uso compartilhado dessa infraestrutura, que é pública, porém, gerida e explorada comercialmente por empresas privadas. Cabe à empresa que ocupa o poste observar a legislação local, o plano de ocupação e a conformidade técnica com as normas de postes da distribuidora.

Sobre o ordenamento da fiação e cabearamento que são utilizados pelas operadoras de internet e TV a cabo nos postes, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de João Pessoa explicou através de nota que esse ordenamento é uma atribuição da concessionária de energia elétrica (Energisa).

E que a prefeitura é responsável apenas pela fiscalização e preza pela manutenção dos aspectos paisagísticos da cidade. Havendo descumprimento do que está previsto no Código de Postura do Município, a empresa está passível de notificação.

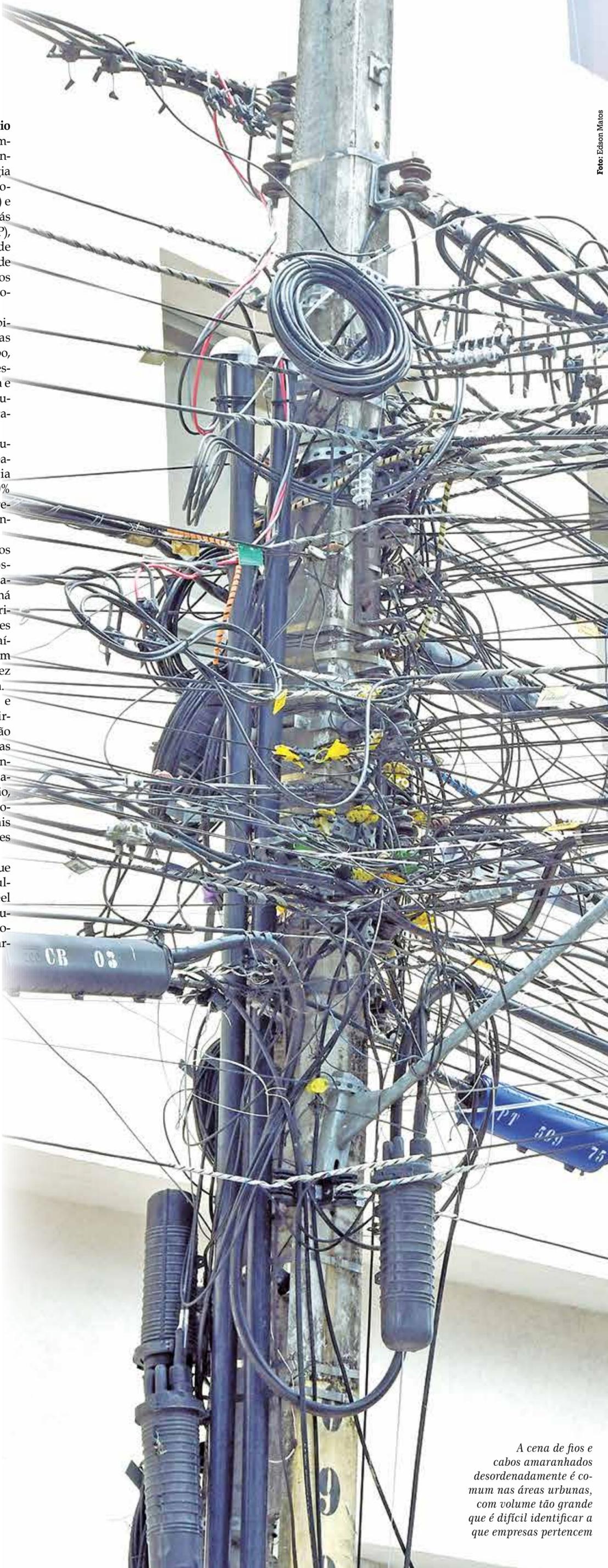


Foto: Edson Mates

A cena de fios e cabos amaranhados desordenadamente é comum nas áreas urbanas, com volume tão grande que é difícil identificar a que empresas pertencem

RADIOAMADORISMO

Integração através da comunicação

Radioamadores seguem atuantes e encontram na internet uma aliada; na Paraíba, eles são cerca de 1,4 mil

Fotos: Roberto Guedes

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Quem apostou que os significativos avanços na tecnologia das comunicações fariam desaparecer atividades como o radioamadorismo, enganou-se profundamente. “Pelo contrário, nossa atividade ficou ainda mais forte e aprimorada, inclusive por causa da internet. Hoje, nós temos grupos no WhatsApp para trocar informações. Nós utilizamos essa tecnologia em prol do radioamadorismo”, informou o presidente da Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão na Paraíba (Labre), Alcides Fernandes Junior. Ele garante que o radioamadorismo continua sendo essencial para a sociedade.

A Paraíba tem aproximadamente 1,4 mil radioamadores, a maioria em João Pessoa, mas eles também se destacam em outras cidades, como Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Guarabira. “São todos aptos pela Anatel para operar o equipamento e possuem prerrogativas técnicas, operacionais, de legislação, radioeletricidade e código morse (telegrafia). Eles possuem o Certificado de Operador de Estação de Rádioamador (Coer)”, declarou.

Segundo o presidente da Labre, os radioamadores atuam do Litoral ao Sertão paraibano, com uma rede de re-

petidores mantida pela Labre e pela Escola e Casa de Radioamadores de Campina Grande (Ecra), em conjunto. No entanto, nem todas as 1.400 pessoas que adotam essa prática na Paraíba são associadas à Labre.

Depois da capital, Campina Grande e Guarabira são os municípios que mais se destacam. “Se eu sair hoje com um equipamento falando em FM, eu vou até o Sertão falando com o colega via repetidor. Temos uma rede de repetidores mantida pela Ecra”, completou.

O radioamadorismo é a atividade onde a pessoa mantém uma estação de radiocomunicação para estabelecer contato com outras pessoas utilizando o mesmo tipo de equipamento, fazendo comunicados, conversas informais, além de auxiliar a Defesa Civil nas situações de risco e calamidades públicas, levando as comunicações aos espaços mais distantes, fechados ou desertos.

Já o radioamador é a pessoa que detém a autorização para usar o serviço. Elas utilizam equipamentos chamados transceptores.

O radioamadorismo é considerado um hobby, um passatempo voltado para a ciência e tecnologia, mas também de utilidade pública, definido pelo Decreto nº 91.836, de 24 de outubro de 1985.



Alcides Junior, presidente da Labre, opera o seu equipamento de radiomador: “O rádio é muito mais do que a gente possa imaginar, porque você tem liberdade para fazer o que quer em relação a conhecimento técnico-científico e a comunicação”



Prática com linguagem própria e uso da tecnologia

Radioamadorismo possui várias modalidades de transmissão da voz. A prática é regulamentada por legislação específica

A cidade de Guarabira apresenta uma concentração muito forte de radioamadores. Um desses operadores é Murilo Martins Ferreira, de 77 anos, 53 deles dedicados à atividade. Ele conta que o *hobby* possui tantos termos e práticas que chega a se confundir com uma atividade profissional. Em Guarabira, a atividade é conhecida há muitos anos. São 25 radioamadores licenciados na cidade e sócios da Labre.

“O radioamadorismo é muito amplo. Tem o campo da eletricidade e da eletrônica para você ler, perguntar, aprender e fazer. Tem a parte

cultural, quando você encontra ou fala com outro colega, sabe onde ele mora, sobre seu país, economia e assim a gente vai aumentando amigos e conhecimentos”, explica.

Entre as modalidades de transmissão do radioamadorismo estão a fonia (utiliza a voz) AM, FM, satélite (como repetidor), modos digitais (SSTV, RTTY, packet e outros (via internet, software e rádio) e telegrafia (código Morse).

“O rádio é muito mais do que a gente possa imaginar, porque você tem liberdade para fazer o que quer em relação a conhecimento técnico-científico e a comunica-

ção”, elogia Alcides Junior. O fato de não falar várias línguas não é um impedimento para os radioamadores, visto que eles também se comunicam a longas distâncias a partir de códigos padronizados.

Internet

O radioamadorismo é a atividade que não apenas continua existindo em meio à internet, como também é aprimorada pelo aplicativo, conforme aponta o presidente. “A tecnologia colaborou ainda para a nostalgia da atividade, além de agregar novos programas que facilitam as estações, conhe-

cimentos de equipamentos mais modernos e outros novos instrumentos. É um engano pensar que a tecnologia daria fim ao radioamadorismo, pois nada elimina a alegria de chegar em casa, ligar os seus dispositivos e falar com pessoas de vários países ou até treinar novas línguas”, atesta Alcides Fernandes.

Já Murilo aponta que a internet impulsionou o radioamadorismo porque disponibilizou programas úteis, a localização de outras estações, além de transmitir modos digitais e outras modalidades que não existiam antigamente.

Sobre a Labre

A Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão (Labre) é uma entidade civil, sem fins lucrativos que representa os radioamadores junto ao Governo Federal. A Labre Nacional tem sede em Brasília e representações em todos os estados.

Fundada no dia 2 de fevereiro de 1934, na Paraíba, a entidade dos radioamadores funciona no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. Além da Labre, outra liga representativa dos radioamadores paraibanos é a Casa de Radioamadores de Campina Grande (Ecra).

Atuação em situações de emergência

Conforme o Decreto nº 91.836/85, o radioamador é aquele que executa um serviço de telecomunicações de interesse restrito, destinado ao treinamento próprio, intercomunicação (comunicação com outras pessoas) e investigações técnicas, levadas a efeito por amadores autorizados (com licença), interessados na radiotécnica a título pessoal e não visem objetivos pecuniários ou comerciais.

O radioamadorismo pode auxiliar nas emergências, acidentes ou catástrofes, comunicando-se com outras estações. Nesses casos são montadas as estações de emergência que passam todas as informações via rádio para outra localidade. Existem, inclusive, as frequências de emergência.

“O governo precisa de informações para saber quanto mandar de mantimentos, água ou saber número de de-

saparecidos, por exemplo. Em Petrópolis, temos um colega radioamador passando informações para as autoridades. Muitas vezes, as autoridades fazem uma comissão e o radioamador está no meio para saber quantidade de acidentados, corpos encontrados e outras informações”, observa o presidente da Labre.

Segundo Alcides, a internet é importante, mas ainda é vulnerável a quedas de energia e outras falhas técnicas, a não ser que seja via satélite, opção que ainda não está disponível para todos. “Já com uma bateria e um rádio pequeno os radioamadores conseguem mandar diversas informações”, enfatizou.

Os radioamadores estão ligados à Rede Nacional de Emergência dos Radioamadores, parceira da Defesa Civil, e possuem os equipamentos para transmitir informações de casa. São vá-

rios os momentos ao longo da história em que a atuação dos radioamadores foi essencial diante de falhas nas comunicações dos Bombeiros, Defesa Civil e diversos órgãos públicos. Nessas situações, os radioamadores levaram seus equipamentos e montaram um sistema paralelo, que funcionou enquanto o sistema de comunicação antigo é restabelecido.

História

O padre Roberto Landell de Moura fez a primeira comunicação no Rio Grande do Sul e iniciou a história do radioamadorismo no Brasil. Ele e o italiano Guglielmo Marconi estabeleceram as primeiras transmissões de rádio no final do século 19 e no século 20. Landell de Moura não chegou a tornar sua atividade algo comercial e é considerado o patrono do radioamadorismo no país.

Como se tornar um radioamador

Para se tornar um radioamador é necessário uma autorização da agência, e uma prova irá analisar a capacidade operacional e técnico candidato para que seja licenciado. A prova é composta pelas matérias de radioeletricidade, legislação, técnica e ética operacional (linguagem do rádio) e telegrafia (código Morse).

Os conteúdos são disponibilizados pela Labre, através de apostilas e cursos. Sendo aprovada, a pessoa está habilitada a possuir um equipamento e manter contatos através do indicativo de chamada - prefixo da estação que identifica o radioperador.

Com base no resultado dos testes, o radioamador é incluído nas classes A, B, C ou D. Ele recebe ainda o Coer e dá entrada na Licença de Funcionamento de Estação de Radioa-

mador, documento obrigatório para a instalação e o funcionamento da estação. “Na minha casa eu tenho os meus equipamentos: a minha torre, antena e a licença. Eu posso operar até mil Watts (um kilowatt)”, completa Alcides Junior.

Termos e identificação

O indicativo de chamada é o que primeiro identifica o radioamador. Cada estação/pessoa tem um prefixo (indicativo) que caracteriza qual operador está falando. “O meu indicativo de chamada é diferente dos outros colegas do Brasil e do mundo. No mundo, há milhares de radioamadores, mas nenhum indicativo é igual. O Brasil tem letras específicas que formam o indicativo próprio, assim como e outros locais”, detalha Murilo.

Cada radioamador sem-

pre opera do endereço definido na sua licença da estação. Outro termo utilizado é o Código Q, criado em 1909 para a transmissão de mensagens, reduzindo o tamanho do texto nas comunicações de rádio. É a combinação de três letras iniciadas pela letra Q, muito usadas nas radiocomunicações amadoras, aeronáuticas, militares e comerciais. Cada código tem uma simbologia: QRA (nome do operador), QTH (endereço), QSL (entendido), QRM (verificar interferências), QAP (na escuta), QSJ (dinheiro), QRO (alta potência) e outros.

Existe ainda o código Morse (telegrafia) já utilizado pelos Correios, na rede ferroviária e presente até hoje em vários setores. Além disso, a Labre é afiliada à International Amateur Radio Union (Iaru).

INFECÇÃO URINÁRIA

Cresce número de internação na PB

No ano passado, foram registradas 3,2 mil internações no estado, segundo dados do Ministério da Saúde

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Cresce na Paraíba o número de atendimentos e internações hospitalares por infecção urinária. No ano passado, foram 3,2 mil internações, enquanto em 2020 foram 2,8 mil, de acordo com informações do Ministério da Saúde.

No Brasil, de janeiro a dezembro de 2021, cerca de 153 mil internações foram realizadas. Em 2020, foram aproximadamente 163mil.

Esses dados são referentes ao número geral de atendimentos, que pode ser maior do que o de pessoas individualmente atendidas, já que uma mesma pessoa pode ser atendida mais de uma vez no período de um ano.

Segundo a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), a infecção do trato urinário (ITU) é uma das mais comuns na população e é definida pela presença de agente infeccioso na urina em quantidades superiores a 100 mil unidades formadoras de colônias bacterianas por mililitro de urina (ufc/ml).

A infecção urinária pode ser sintomática ou assintomática (bacteriúria assintomática). Segundo a SBN, a doença pode acometer somente o trato urinário baixo, sendo chamada de "cistite", ou afetar também o trato urinário superior (infecção urinária alta), sendo chamada de "pielonefrite".

Caso não seja adequadamente tratada, a cistite pode evoluir para pielonefrite, já considerada grave, podendo levar à sepse (conjunto de manifestações graves em todo o organismo produzidas pela infecção) e até à morte. De acordo com a nefrologista, Erika Fiúza Chaves, as mulheres são mais vulneráveis à doença, devido à menor extensão anatômica da uretra em comparação com os homens, e maior proximidade entre a vagina e o ânus.

"A infecção urinária é uma doença que pode aparecer espontaneamente, sendo mais frequente nas mulheres do que nos homens - independente da idade que elas tenham - justamente por essa questão de anatomia", informou.

No entanto, os homens também são afetados pela doença, em especial quando há doença prostática associada, isto é, quando ocorre o aumento da glândula da próstata especialmente após os 50 anos, podendo provocar difi-

culdades para urinar.

Outro fator, citado pela nefrologista, é que essa infecção é comum também em pacientes com má-formação do trato urinário. "Essa doença não tem uma idade mais frequente para aparecer. Mas o idoso, por exemplo, geralmente bebe menos água e fica mais sujeito a essa infecção", alerta.

Outros fatores

Além do sexo feminino, a SBN cita outros fatores de risco para essa infecção na população adulta: menopausa, higienização íntima inadequada antes e após o ato sexual, litíase (cálculo) renal, alterações na próstata, além de histórico de procedimentos urológicos e uso recente de sonda vesical.

"As pessoas com má-formação renal (alterações congênitas do aparelho urinário), as crianças com bexiga neurogênica (disfunção causada por lesão neurológica) e hidronefrose (dilatação do rim) também têm predisposição para causar mais infecções urinárias do que as outras", acrescenta Erika Fiúza.

Para a médica, a infecção urinária é uma doença considerada comum na Paraíba e no Brasil, mas que pode ser prevenida com facilidade apenas bebendo mais água e urinando de forma adequada (não "segurar" a urina). De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), o atendimento para infecção urinária dos públicos adulto e infantil está disponível na rede pública de saúde.

Na cidade de João Pessoa, por exemplo as crianças podem ser recebidas no Hospital Arlinda Marques, em Jaguaribe, e no Hospital Municipal do Valentina. Já os adultos podem procurar as Unidades de Pronto Atendimento (UPAS) do município.

Gestantes

A principal orientação para prevenir a doença é ingerir bastante líquido, de preferência água

Foto: Arquivo Pessoal



Para a nefrologista Érika Fiúza, mulheres são mais vulneráveis



Foto: Reprodução/Internet

Doença pode acometer somente o trato urinário baixo, sendo chamada de "cistite", ou afetar também o trato urinário superior (infecção urinária alta), sendo chamada de "pielonefrite"

O perigo de uma infecção generalizada

As complicações decorrentes da infecção urinária, conforme a Sociedade Brasileira de Nefrologia, podem ser mais frequentes em mulheres gestantes, pacientes diabéticos e aqueles submetidos a procedimentos urológicos. "A complicação mais comum é a infecção generalizada, que é quando a infecção sobe para os rins e daí vai para a corrente sanguínea. Essa é a mais comum, mas tem infecções básicas que podem até alterar a função renal e causar insuficiência renal", descreveu a médica Erika Fiúza.

Os sintomas da infecção urinária variam conforme o estágio em que ela se encontra. Na cistite, geralmente ocorre dor e urgência para urinar, aumento da frequência do desejo de urinar e dor na parte inferior do abdome (suprapúbica).

Na maioria das vezes, a febre ainda nem está presente nesse momento, pois o que pode acontecer são alterações de odor, aspecto e cor da urina. Já a pielonefrite tem início após um quadro de cistite e é comum o paciente apresentar febre alta (superior a 38°C), associada a calafrios e dor lombar de um ou de ambos os lados.

Diferente da cistite, a febre, calafrios e dor lombar são sintomas característicos da pielonefrite e geralmente indicam uma piora do paciente. "Os primeiros sintomas para gerar um alerta são ardor ao urinar (disúria), sangramento na urina, dor abdominal, dor nas costas, náusea, vômitos e febre. Quando chega na fase da febre e dor nas costas, a infecção já data de muitos dias. Já é a pielonefrite: a infecção urinária subiu para os rins",

alerta a médica.

Ela destaca que, mesmo nesse estágio mais complicado, existe a possibilidade do paciente melhorar com antibióticos. Porém, diferentemente da fase inicial, é preciso fazer a sua internação, para que esse antibiótico seja aplicado na veia, dependendo do caso.

Quando a infecção vai para o sangue e se torna uma sepse, um dos sintomas mais conhecidos é a desorientação. "A infecção generalizada não afeta o cérebro diretamente, mas a desorientação provocada por ela é porque a infecção foi para a corrente sanguínea", pontuou a nefrologista.

Causas

Na maior parte das vezes, a causa da infecção é bacteriana, mas a doença pode ser causada inclusive por fungos. Portanto, quando adquirida fora do ambiente hospitalar, a infecção do trato urinário é geralmente causada pela bactéria *Escherichia coli* (70% a 85% dos casos), seguido por outros tipos como o *Staphylococcus saprophyticus*, espécies de *Proteus* e de *Klebsiella* e o *Enterococcus faecalis*.

Mas, quando é adquirida em ambiente hospitalar, predominam as enterobactérias, embora a *E. coli* também seja uma das mais conhecidas.

Diagnóstico

O diagnóstico também é diferente para cada estágio da doença. Assim, na cistite, são necessários a rotina de urina, a urocultura (definidor do diagnóstico) e o antibiograma. Os dois últimos exames permitem saber qual a bactéria específica está no paciente e a qual antibiótico

Alerta

O paciente não deve tomar medicamentos por conta própria, mas sim procurar um médico para diagnóstico e tratamento corretos

ela é sensível.

O tratamento pode ser iniciado antes dos resultados desses exames e, mesmo assim, o médico poderá confirmar ou modificar sua decisão inicial. Nos casos de pielonefrite, por sua vez, além dos exames iniciais pode ser necessário fazer ainda a hemocultura ultrassonografia, tomografia computadorizada ou ressonância magnética.

Tratamento

O tratamento da infecção urinária dura entre 7 e 14 dias, conforme a decisão do médico em tratar o paciente em casa ou no hospital. Segundo a nefrologista, os casos com sintomas mais leves são possíveis de serem tratados sem internação, apenas escolhendo um antibiótico via oral baseado nos resultados dos exames de urina.

No entanto, ela observa que existe a possibilidade do antibiótico não fazer efeito e a pessoa piorar, pois existem

bactérias resistentes a alguns medicamentos específicos. "É no exame da cultura de urina que a gente tem essa precisão. Baseado nesse exame, a gente decide a troca do antibiótico e se vai conseguir fazer o tratamento domiciliar", explicou.

A terapia antimicrobiana depende se a infecção se apresenta como cistite ou pielonefrite. Também varia conforme o paciente (idosos, mulheres gestantes, adultos, crianças), do agente infeccioso e da própria evolução do quadro. Por essa razão, o médico avalia cuidadosamente os dados laboratoriais e clínicos para decidir o tratamento.

Prevenção

De acordo com a Sociedade Brasileira de Nefrologia, a principal orientação para prevenir a infecção urinária é ingerir bastante líquido, de preferência água. Além disso, a pessoa não deve demorar para urinar, quando tiver vontade. Também é preciso urinar e fazer a higiene logo após a relação sexual.

"Tem gente que passa o dia todo trabalhando e quase não urina. Por isso, além de ingerir bastante água, a pessoa deve manter uma frequência urinária adequada e lavar as mãos antes e após urinar e/ou evacuar", aconselhou a médica.

A SBN alerta que o paciente não deve tomar medicamentos por conta própria, mas sim procurar um médico para diagnóstico e tratamento corretos. Entre as gestantes, deve-se redobrar a atenção - da mesma forma com os idosos. Nesses últimos, antes dos sintomas da doença, ainda pode haver sonolência, alterações da consciência, falta de apetite e queda do estado geral de saúde.



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Itatuba

MULTIPLICIDADE

Uma cidade plena de belezas naturais, mistério e cultura

Com sete sítios arqueológicos localizados na zona rural, Itatuba é território fértil para os pesquisadores

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A pequena cidade de Itatuba, com população estimada em apenas 12 mil habitantes, é um dos municípios paraibanos cheio de diversidade. A multiplicidade vai desde a economia, baseada na agricultura, pesca e turismo, à rica cultura popular, até um passado com registro de passagens de Objeto Voador Não Identificado (Ovni) e de fontes arqueológicas e paleontológicas.

Além de abastecer a cidade, a Barragem de Acauã ainda é fonte de renda para os pescadores. Eles retiram das águas de Acauã, principalmente a tilápia, peixe com maior fatura na região. O secretário de Cultura e Turismo da cidade, José Ronaldo Martins de Andrade Filho, afirmou que, há cerca de duas mil pessoas cadastradas na Colônia de Pescadores do município. “Então são duas mil famílias que tem na pesca o seu sustento”.

Mas Itatuba ainda é fonte de pesquisa arqueológicas, pois guarda registros de civilizações antigas encontradas na zona rural da cidade. Ronaldo Martins explicou que o município possui setes sítios arqueológicos e que, no ano passado, a Prefeitura fez um convênio com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para incentivar o levantamento de mais sítios ao longo deste ano.

“A maioria das inscrições é semelhante às Itaquiarias do Ingá, são inscrições rupestres em relevo talhado, atribuídas à pré-história. Também têm pinturas, de origem indígena. A maior parte dessas ocorrências fica na região de alto relevo da cidade, que compreende os distritos de Serra Velha e Oiti”, declarou o secretário.

É no distrito de Serra Velha que também está um conjunto de pedras gigantes, situadas em pontos de alto relevo onde é comum a prática de turismo e esporte de aventura como rapel e escalada. Para se ter ideia da altitude, uma dessas pedras

gigantes, chamada de Pedra do Campo, fica a 650 metros acima do nível do mar, sendo possível fazer trilha e escolher entre os dois pontos de rapel, cada um com 70 metros. Ainda há a Pedra do Convento, com ponto de rapel de 50 metros, e o Lajeado Bonito, com um ponto de 80 metros do esporte.

Outra peculiaridade da Serra Velha são os relatos do aparecimento de luzes de Objeto Voador Não Identificado (Ovni) sobrevoando o local. Segundo Ronaldo Martins, esses registros de estudiosos datam na década de 1970.

Muita gente também não sabe, mas Itatuba está inserida na Serra de Bodopitá, que faz parte do Planalto da Borborema. Essa serra tem uma das maiores reservas de minério de ferro do Nordeste. Ronaldo Martins contou que existem várias teses de mestrado e doutorado sobre o produto, que até hoje não é explorado, e uma das explicações é a dificuldade do acesso geográfico, que é bastante difícil.

Lenda da Pedra da Janela

O conjunto de pedras situado no distrito de Serra Velha também resguarda histórias de crenças populares como a lenda da Pedra da Janela. Segundo relatos do povo, antigamente, quando um casal estava prestes a se casar, um pessoa ia até os pés da pedra, se conectava com as divindades que acreditava e pedia os utensílios para a festa.

No outro dia, a pessoa ia ao local e lá estavam os utensílios de ouro, dentro de uma fenda que se abria na pedra. Após o casamento, o material era devolvido.

Mas os pedidos cessaram por causa da desobediência de uma jovem. O condutor local Diego Ferreira contou que a moça fez o pedido à pedra e não devolveu os utensílios após o casamento. A fenda nunca mais se abriu para entregar os objetos de ouro.

Por conta dessas histórias, pela beleza paisagística, cultural e pela prática de esporte, o conjunto de pedras é um dos pontos mais visitados em Itatuba.

Mosteiro e museu abertos à visita

Outro local de visita é o Mosteiro Mãe da Ternura, que ainda abriga religiosos. Mas também tem, em paralelo, o Museu de Oratório, que está aberto à visita.

Os interessados em conhecer Itatuba podem entrar em contato pelos canais de comunicação da cidade: falando com o condutor local Diego Ferreira (9 8120.7839) ou por meio do Instagram (@seturitatuba).

Saiba Mais

Uma das formas de incentivar o turismo na região é o Fórum de Turismo do Vale do Paraíba (Fortuvale), que engloba 14 cidades. A ideia dos gestores é se articularem para viabilizar, por meio de políticas públicas, ações e eventos, que estimulem a economia entre os municípios parceiros. “Fortalecendo a cultura e o turismo da região”, frisou o secretário Ronaldo Martins, que é vice-presidente do Fórum. Além de Itatuba, integram o Fórum cidades como Itabaiana, Ingá e Pedras de Fogo.

Evolução da cidade

A origem de Itatuba remonta

da época em que foi uma vila chamada de Cachoeira das Cebolas, do município de Ingá, passando a ser distrito desse município na década de 1940. A emancipação só chegou em 17 de dezembro de 1961, por decisão do então governador Pedro Gondim.

Nessa época, tinha como destaque econômico o plantio do algodão, cuja produção abastecia a Fábrica Anderson Clayton e Cia, que beneficiava o produto em Ingá. Porém, com a disseminação do bicho do algodão, ou praga do algodão, a cultura foi destruída, restando apenas as demais plantações que existiam em paralelo, como milho e feijão.

Na década de 1980, a indústria alimentícia Rei de Outro, passou a funcionar em Itatuba, tornando-se uma importante geradora de emprego e renda. “Atualmente ela gera cerca de 450 empregos diretos na produção do fubá, salgadinhos, achocolatado, ração animal e outros produtos”, afirmou o secretário de Turismo, José Ronaldo Martins.

O município tem 244 km² de área, e se localiza na microrregião

de Campina Grande. Os encantos e mistérios da cidade agradam não apenas visitantes, mas também os próprios moradores. “Amo essa cidade, e tenho um enorme prazer em morar aqui”, contou Diego Ferreira, que é pessoense, mas há 34 anos reside no município.

Local de vaquejada vai virar parque para o povo

Anos atrás, a cidade de Itatuba era conhecida pelos eventos de vaquejada, realizados no Parque do Boi, local que foi desativado na antiga gestão municipal e desapropriado. O secretário de Cultura e Turismo, Ronaldo Martins, declarou que há um projeto de transformar o antigo Parque do Boi, em um parque público para a população.

O projeto já existe, e prevê uma série de atrativos para os moradores. O local, cuja área é de 8 hectares, contará com pista de caminhada, anfiteatro, jardim com planta nativa, entre outras estruturas de lazer. “Estamos concluindo o projeto, que está orçado em R\$ 2 milhões, com recursos próprios”, frisou Ronaldo.



A maioria das inscrições são semelhantes às Itaquiarias do Ingá: são inscrições rupestres em relevo talhado, atribuídas à pré-história. No distrito de Serra Velha está um conjunto de pedras gigantes, situadas em pontos de alto relevo



Foto: Rafael Passos/Divulgação

Bailarina e coreógrafa Joyce Barbosa em 'Midríase: uma performance sobre sexo e morte', produção que foi uma das 12 selecionadas para a edição

MOSTRA

Matriz feminina nas artes cênicas

Começa hoje 5ª edição do festival com espetáculos de circo, dança e teatro que contemplam três cidades da Paraíba

Joel Cavalcanti
 cavalcanti.joel@gmail.com

“É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. A frase que partiu do discurso de Margarida Maria Alves no dia 1º de maio de 1982, poucos meses antes de a líder sindical ser assassinada na porta de casa, em Alagoa Grande, sai dos registros históricos para formar um dos pontos altos da peça *Margarida Viva*, reforçando o caráter lendário da mulher que espalhou sua luta do interior da Paraíba para o imaginário cultural de uma nação.

A montagem em homenagem à defensora dos direitos humanos abre hoje, às 20h, no Cine-Teatro São José de Campina Grande, a 5ª Mostra Matriz de Artes Cênicas, que ocorre durante todo o mês de março com espetáculos de circo, dança e

teatro, também nas cidades de Cabedelo e João Pessoa (veja a programação no box abaixo). Escolhidas por meio de edital público, as atrações fazem parte da programação do 'Mês da Mulher', em ação conjunta da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh).

O percurso pessoal de Margarida Maria Alves e o contexto histórico de seus embates durante a ditadura civil-militar contra a exploração por parte usineiros sobre a comunidade rural no Brejo paraibano serve de enredo para a peça encenada pela primeira vez em 2017, passando desde o ano passado por uma reformulação. O texto de *Margarida Viva* é de criação coletiva e fruto de pesquisas realizadas pelos integrantes da Cia. Mangaio em livros, teses acadêmicas e entrevistas com os familiares da líder sindical. No palco, três atrizes interpretam a

Margarida em diferentes momentos de sua vida e em vários aspectos de sua atuação como mãe, esposa, dona de casa, presidente de sindicato e mulher que costumava ir todos os dias aos canais para conversar com os trabalhadores historicamente explorados em condições análogas à escravidão.

“Mostro Margarida em três momentos e em três intensidades – cada uma com uma carga emocional diferente – e eu quis pegar isso de cada uma das atrizes”, explica Geóstenys Mello, diretor e ator na peça, que é protagonizada por Aninha Savana, Eliane Vieira e Keuly Sousa, responsável também por cantar no espetáculo. A peça possui trilha sonora original executada ao vivo com músicas que tem por tema a história de Margarida Alves. Clodomárcio Silva completa o elenco dos cinco atores no palco. “O espetáculo é de uma linguagem simples,

qualquer pessoa entende por se tratar de uma narrativa da personagem”, afirma o diretor. O figurino todo branco do elenco pontua a simplicidade da defensora dos direitos humanos, lembrando as pétalas da flor que dá o nome a Margarida e ainda tem um papel funcional no espetáculo, servindo para que projeções de imagens sejam refletidas nos atores.

Depois de quase 40 anos do brutal assassinato da paraibana, o texto da apresentação preserva a urgência e atualidade do tema que ela aborda. “Muitas reivindicações que Margarida já tinha naquela época com relação aos direitos dos trabalhadores foram conquistados, como 13º salário, direito a férias e redução da carga horária de trabalho. Até hoje nós temos a Marcha das Margaridas, em Brasília, que celebra todas essas conquistas. Margarida é uma mulher de vanguar-

da”, assevera o dramaturgo fundador do grupo alagoagrandense com 28 anos de fundação.

“Palhaças de palco”

Quais as semelhanças entre ser mãe e ser palhaça? Amanhã, no mesmo palco do Cine-Teatro São José, às 15h30, o espetáculo *Maternidade Palhaçal* tenta responder a essa e outras questões com humor e improvisação. Suellen Maria e sua filha Isadora, de apenas seis anos de idade, dão vida as palhaças Batalhão e Sapeca, respectivamente.

O enredo se desenrola quando a mãe tenta ensinar sem muito sucesso a sua pequena aprendiz alguns números circenses que ela executa, como o uso de malabares, bambolê e equilíbrio na corda-bamba, por exemplo. “Sou ‘mãe solo’ e, nesta pandemia, tive que trabalhar com minha filha ao meu lado e ela começou a ver e querer a fazer igual. Foi daí que surgiu a

inspiração para esse espetáculo”, conta Suellen, que é “palhaça de palco”, termo que se usa para denominar integrantes do universo circense que não criaram suas carreiras sob a lona de circo ou nasceram em famílias tradicionais circenses.

Fugindo de uma linguagem pedagógica, as artistas buscam criar uma perspectiva política sobre o espaço da mulher no ambiente dominado por referências masculinas e tratar sobre temas que apenas elas poderiam expor ao interpretar palhaças. “Tudo isso é para abordar o quanto uma mãe, mesmo sem ser artista, tem dificuldades em educar seus filhos”, conta Suellen, que vai se apresentar pela primeira vez presencialmente ao lado de sua filha em um grande palco. “Estou super nervosa, não sei como a Isadora vai reagir, então vai ter muito improviso. Mas estamos animadas que vai dar tudo certo”, acredita a palhaça Batalhão.

CONFIRA OS OUTROS ESPETÁCULOS SELECIONADOS PARA A MOSTRA

- Dia 15 (terça-feira), 20h: ‘Eternamente Bibi’ (teatro)
Teatro Santa Catarina (Cabedelo);
- Dia 16 (quarta-feira), 20h: ‘Parahyba Rio Mulher’ (teatro)
Praça do Povo, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 18 (sexta-feira), 18h, ‘Experimento Pina nº 50’ (dança)
Praça do Povo, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 20 (domingo), 17h: ‘Girandei’ (teatro)
Sala Roberto Cartaxo, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 23 (quarta-feira), 20h: ‘Devaneio’ (teatro)
Teatro Santa Roza (João Pessoa);
- Dia 24 (quinta-feira), 20h: ‘Travessia’ (teatro)
Teatro Santa Roza (João Pessoa);
- Dia 25 (sexta-feira), 18h: ‘Vem Trovoada Por Ai!’ (circo)
Praça do Povo, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 27 (domingo), 20h: ‘Midríase’ (dança)
Teatro Paulo Pontes, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 28 (segunda-feira), 20h: ‘Elas em Mim’ (teatro)
Teatro Paulo Pontes, Espaço Cultural (João Pessoa);
- Dia 29 (terça-feira), 20h: ‘As Nove Luas de Cambará’ (teatro)
Teatro Paulo Pontes, Espaço Cultural (João Pessoa).

Foto: Cia. Mangaio/Divulgação



Peça ‘Margarida Viva’ (acima), sobre a vida e obra da sindicalista de Alagoa Grande, Margarida Maria Alves, vai abrir o festival hoje, em Campina Grande; já amanhã, na mesma cidade, haverá a apresentação do espetáculo circense ‘Maternidade Palhaçal’ (abaixo)

Foto: Rafaela Costa/Divulgação



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

As Testemunhas de Jeová e a Ciência

Testemunhas de Jeová é uma religião presente no imaginário popular brasileiro e com ramificações em aproximadamente 300 países. A religião desde sua fundação, nos anos 70 do século 19, vem aumentando o número de membros. Atualmente com mais de oito milhões de membros distribuídos pelo mundo. Não se imagina que uma religião como essa, quase sempre lembrada por sua ortodoxia rigorosa, possa ter qualquer tipo de afinidade com a ciência. Entretanto, em alguns de seus livros oficiais, há mais citações sobre temas de ciência ou referências a cientistas que propriamente sermões de profetas inspirados.

O livro *Existe um Criador Que se Importa com Você?* é fonte de estudos de muitas Testemunhas de Jeová espalhadas pelo mundo. O livro foi editado pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratado, que pertence às próprias Testemunhas de Jeová. As edições por eles produzidas não trazem nenhuma referência aos autores das obras. Sabe-se, no entanto, que toda produção teológica das Testemunhas de Jeová é de responsabilidade do Corpo Governante da organização e que os textos são impressos de forma massificada. Somente a primeira edição em inglês desse livro teve cinco milhões de cópias. Internamente a distribuição dos exemplares é feita pelas próprias congregações. Os não iniciados podem eventualmente adquiri-los através do serviço de pregação domiciliar ou por meio da internet.

O livro possui dimensão pequena – cabe facilmente na palma da mão de um adulto com estatura me-

diana. São 191 páginas que visam convencer o leitor da existência de Deus e da infalibilidade da Bíblia. A maior parte do livro é recheada de argumentos por analogias que justificam a existência de um Criador através de referências ao conhecimento científico. São citados exemplos da astronomia, da física, da química, biologia, neurociência, psicologia, arqueologia e história, procurando-se demonstrar como a Bíblia está afinada com os avanços recentes dessas ciências.

A linguagem é na maior parte do tempo coloquial, reforçada por diversos argumentos com base científica, capaz de atrair vários tipos de leitores. Há também muitas ilustrações com imagens que fazem alusão à ciência e à grandiosidade da natureza, como a promessa religiosa de um novo paraíso na Terra. É um livro direcionado não apenas aos membros da organização; parece ter também como finalidade a conversão. Em geral, encontramos nos livros das Testemunhas de Jeová um sistema de perguntas previamente direcionadas para serem utilizadas nos estudos domiciliares e congregacionais. Curiosamente esse sistema de perguntas previamente direcionadas não aparece nesse livro, reforçando a ideia de que ele realmente tem por objetivo atingir um público fora dos domínios da Igreja.

Outro livro interessante chama-se: *A Vida – Qual a Sua Origem? A Evolução ou a Criação*. Ele defende, entre outras coisas, a tese de que a doutrina da criação é mais científica que a teoria da evolução. Exagera, porém, nas citações de cientistas com po-

sicionamentos teístas ou com opiniões céticas quanto aos resultados da ciência – muitos deles sem grande projeção acadêmica.

O texto tem finalidades pedagógicas. Em suas páginas se encontram perguntas em forma de nota de rodapé para serem respondidas unilateralmente, de acordo com os ensinamentos dos autores. As perguntas dirigidas e as respostas fecham o sentido do texto visando controlar as interpretações e evitar opiniões livres e indesejadas. A pedagogia dos textos obedece a uma lógica de controle dos sentimentos e da consciência, em que se busca evitar questionamentos e a criatividade na interpretação dos “textos sagrados”.

Certamente é devido ao prestígio que a ciência atingiu no mundo moderno, que podemos entender melhor o motivo das Testemunhas de Jeová a utilizarem como forma de legitimação de algumas de suas doutrinas.

As Testemunhas de Jeová recorreriam à ciência como instância de objetividade, com a finalidade de legitimar suas ideologias e suprimir as divergentes contradições existentes entre os vários sistemas simbólicos que disputam hegemonia na sociedade. Muito provavelmente, em resposta às acusações de que são uma “religião atrasada”. Contudo, essas ações acabariam por subordinar os critérios de validação científica ao cânone religioso, porque só seriam aceitos os conhecimentos científicos que estivessem de acordo com os ensinamentos teológicos. Haveria então uma tentativa subjacente de subordinar ciência à religião.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A pena capital

Estou lendo *Reflexões sobre a Guilhotina*, um ensaio inédito no Brasil, de Albert Camus, com selo da Editora Record, que revela a posição do autor, contrária à pena de morte. Com o avanço da violência no Brasil, feminicídio a toda hora, estupros e outros horrores, já faz um tempo que a pena de morte é esperada.

Há quem diga em voz alta que a pena de morte é retrógrada, que muitos inocentes terminarão morrendo: pais matam filhos pequenos, maridos matam mulheres, os criminosos são identificados, presos e soltos.

Voltemos no tempo. Em 1914, o pai de Albert Camus, Lucien Auguste Camus, tido como um homem bom, comparece a uma execução pública. Após a decapitação do assassino, considerada por muitos na época, uma pena “suave” por conta de seus crimes, ele volta para casa em choque, em completo silêncio, passa mal e vomita.

Ok, não é bom nem no cinema, imagine de perto. Mas como fica a família de uma pessoa que é assinada na porta de casa, roubam seus bens, sequestram, matam e as redes mostram as imagens repetidas vezes?

Pois bem, esse tempo, essa passagem do pai de Camus, é o foco de *Reflexões sobre a Guilhotina*.

Um dos mais importantes pensadores do século 20, discute a pena de morte às claras, em especial a execução por meio da guilhotina. O autor tece críticas a qualquer argumento em defesa da pena capital, que foi usada na França até 1977, menos de 50 anos atrás. Já a gente quer saber: por que esse livro agora que chega às nossas mãos? Não, a gente não quer saber, a gente quer ler.

O livro, tinha sido publicado juntamente com ensaios de outros dois autores sobre o tema em 1957, ano em que Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

Para o escritor, em uma sociedade dessacralizada não pode haver uma pena definitiva. Até aí tudo bem, mas não temos como continuar com tanta criminalidade.

Adiantemos no tempo – As postagens do gabinete do doutor “Mofi”, que tem milhares de seguidores, mostram do pequeno furto a barbárie. Na semana passada, um vídeo de uma bela mulher cheirando cocaína na bunda de outra mulher viralizou, mas ninguém tem nada a ver com isso. Nada.

Camus argumenta que, para se acreditar que a morte na guilhotina teria um caráter exemplar, “seria preciso partir do pressuposto de que a morte de um criminoso condenado num processo judicial, sujeito a falhas, impediria crimes que poderiam nunca ser cometidos”. Ou seja, mata-se uma pessoa por uma hipótese. Confuso, né?

Trecho do livro: “Quando um juiz ateu, cético ou agnóstico inflige a pena de morte a um condenado não crente, sentenciar um castigo definitivo que não pode ser revisto. Ele se coloca no trono de Deus, sem ter os mesmos poderes, e, aliás, sem acreditar nisso. Em resumo, ele mata porque seus ancestrais acreditavam na vida eterna. Mas a sociedade, que ele pretende representar, pronuncia, na verdade, uma mera medida de eliminação, fragmenta a comunidade humana unida contra a morte e se coloca como valor absoluto, já que pretende o poder absoluto.”

Moral da história – Não temos moral para julgarmos, quando nada é justo e o justo não existe. Eu, por exemplo, sempre gostei mais de Camus do que Sartre, mas dessa vez tenho que discordar do autor de *A Peste*.

Guilhotina jamais, mas os crimes não cessam, né?

Kapetadas

1 – Tergiversando, espero que as pessoas arrogantes percebam o quanto elas são insuportáveis. Arrogância nunca foi e nunca será sinônimo de autoestima;

2 – Vivemos num mundo repleto de gente escrota escondida atrás do áudio que ainda não foi vazado;

3 – Sem som na caixa.

Foto: Divulgação



Albert Camus, autor do ensaio 'Reflexões sobre a Guilhotina'

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Liberdade e necessidade

Foto: Reprodução



Kant: fazes o que gostaria que todos fizessem com todos, respeitando a humanidade

A certeza para identificar se uma ação é justa foi estudada pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Suas análises foram a partir de uma razão prática, que fundamenta o agir relacional e inclui um conceito moral, e a ética se manifesta no agir e no julgamento humano. Sua lógica fundamenta atitudes que são vivenciadas nos relacionamentos. Suas teses afirmam que o mundo, ao fundamentar a razão prática, tem existência a partir do momento em que a instituímos e a colocamos como lei – a razão –, que se manifesta em uma existência social e está dependente da vontade humana. Nesse contexto, a sociedade surge de dentro dos desejos e das necessidades de socialização, porque é um “ambiente histórico-cultural” que inclui todos e, também, potencializa uma racionalidade. Geralmente, alguns indivíduos são egoístas, destrutivos, violentos, mentirosos, roubam e apresentam outras falhas psíquicas ou existenciais. Por causa dessas maldades, justifica-se a necessidade de analisar as contribuições do princípio moral universal de Kant, apresentado no seu livro *Crítica da Razão Prática* (1788), a fim de pensar a dignidade humana e o bem-estar social.

Diante da existência, observa-se que a natureza humana se encontra em um desafio de constituir-se a partir da liberdade e da necessidade. Kant analisa esse confronto e afirma: “Porque não somos seres morais apenas. Também somos seres naturais, submetidos à causalidade necessária da natureza. Nosso corpo, nossa psique são feitos de apetites, impulsos, desejos e paixões. Quem se submete a eles não pode possuir autonomia ética. Por quê? Porque impulsos, apetites e paixões, são geradas – em nós – por “coisas” e “forças externas” sobre as quais não temos domínio e nos submetemos. Aqui, nossa vontade não é livre, mas constrangida por forças exteriores a ela. A natureza nos impele a agir por interesses”.

Esse argumento apresenta o interesse como um egoísmo natural, que conduz o indivíduo a usar “coisas” e “pessoas” com meios e instrumentos para o que se deseja, e aliena a viver uma ilusão de que existe a liberdade e a racionalidade para realizar ações que se julga ter sido decididas de forma livre, quando, na prática, são um impulso irracional determinado pela causalidade natural. Agir por interesse é agir determinado por motivações físicas, psíquicas, vitais, à maneira dos animais. Ao estudar as contribuições do pensamento de Kant para o conceito de respeito, de sumo bem e para respostas ao problema da relação entre felicidade e virtude, a filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí (1941), no seu livro *Convite a Filosofia* (1995), afirma: “Diferentemente do reino da natureza, há o reino humano da práxis, na qual as ações são realizadas racionalmente não por necessidade causal, mas tendo em vista por finalidade. À medida que os fins são estabeleci-

dos pelos próprios humanos, são frutos de escolhas voluntárias e, portanto, a ação por finalidade é uma ação voluntária livre ou por liberdade. A razão prática é o exercício da liberdade como poder racional para instituir fins éticos (os valores morais), ou a lei moral, que é a mesma em todos os indivíduos, uma vez que a razão prática é universal”. A partir dessa análise, considera-se que a razão deve escolher finalidades que sejam éticas, por isso que – a razão – deve escolher livremente algo que deve obrigatoriamente cumprir. Logo, se eu escolho, sou livre. Se imponho uma obrigação a mim... sou independente e controlador de minhas ações. A moral que funciona como lei se torna uma dignidade, e é capaz de dar a si as suas leis. Entretanto, permanece um conflito quando surge uma “atitude” que não é agradável ao seguir algumas normas, mesmo quando entendemos seu significado, sua liberdade e necessidade.

Kant apresenta um princípio universal para ser cumprido por todos e em todas as situações, a fim de evitar a subjetividade. Ele o define como imperativo categórico e demonstra em três fundamentos morais, que exprimem a incondicionalidade dos atos realizados por dever. São estes: “Age como se a máxima de tua ação devesse ser construída por tua vontade em lei universal da natureza”; “Age de tal maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca como um meio”; “Age como se a máxima de tua ação devesse servir de lei universal para todos os seres racionais”.

Sinta-se convidado à audição do 360º Domingo Sinfônico, deste dia 13, das 22h às 0h. Em João Pessoa -PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer a virtuosa pianista ucraniana Anna Fedorova (1990).

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema e literatura sobre conflitos no leste europeu

Mesmo estando do outro lado do mundo, como se costuma dizer, hoje mais do que nunca nos sentimos muito próximos dos conflitos de guerra que estão acontecendo no leste europeu. Isso, graças às comunicações ágeis que dispomos no momento, sobretudo, a internet. Mas ainda existem outras boas razões que nos levam a conhecer aqueles mundos, se consigo bem mentalizar, que são o cinema e as leituras de obras que versam sobre os bastidores desses conflitos, também a existência dos comitês de espionagens criados durante a chamada Guerra Fria.

Pois bem, estamos falando de um “komitet” de investigação (a KGB), que foi criado em meados da década de 1950, quase 10 anos após a Segunda Grande Guerra, funcionando por 40 anos no regime da União Soviética, quando essa passa a ser Rússia. Uma KGP que teve, inclusive, a participação do atual presidente Vladimir Putin como um de seus espíes e informantes, no sistema socialista.

Impactado com o que vem acontecendo na Ucrânia, recorro ao livro e ao cinema. Busco entender melhor os motivos desse visceral constrangimento russo sobre os ucranianos. E logo me saltam aos olhos temas famosos como os da KGB, setor de inteligência russa que funcionava no centro de Moscou, notabilizando um de seus agentes, Oleg Gordievsky. Para alguns escritores, “um dos episódios mais extraordinários da espionagem internacional”.

lendo-se *O Espião e o Traidor de Bem Macintyre*, um calhamaço de mais de quatrocentas páginas, nada mais admissível para se entender um pouco desse emaranhado de conflitos europeus, que vêm muito antes da



Foto: Divulgação

Ator James Norton faz o papel do jornalista Gareth Jones, perseguido na Rússia

criação da KGB. Uma obra que se insere em muitas outras do autor americano, com uma particular abordagem sobre temas não ficcionais. Um prato cheio para uma literatura semelhante à de Ian Fleming (e seus “espíes que vieram do frio”), explorada pelo cinema e seus caricatos 007.

E por falar em cinema, espionagem, também em conflitos armados europeus, nada melhor do que assistir ao inusitado *A Sombra de Stalin*, da diretora polonesa Agnieszka Holland. Uma obra que nos traz a certeza de que a Ucrânia sempre foi a “pedra no sapato” da União Soviética. E continua sendo para a Rússia atual, de um Putin travestido de Stalin, não mais em razão do que se cogitava naquela época, “a Ucrânia é o ouro de Stalin, porque os grãos são ouro”. Mas, pela realidade atual representada pelo potencial atômico daquele país, que não são mais a fome e o massacre de ucranianos nos campos gelados de trigos, nos tempos de Stalin.

Como todo folhetim, mesmo sob a capa que o fundamenta em “fatos”, *A Sombra de Stalin* nos traz duas impor-

tantes revelações: a primeira de que a função jornalística deve ser “pela verdade, sempre”. Doa em quem doer. E a segunda, que nos remete diretamente ao conflito atualmente vivido entre a Rússia e Ucrânia, essa, uma vizinha de grande importância bélica. O que diz respeito à Usina Nuclear de Chernobyl, em território ucraniano, mesmo fechada atualmente.

Há uma sutil semelhança entre as situações mostradas no filme, cuja ação se passa nos anos de 1930, e as de hoje. Já na época de Stalin a União Soviética usava a Cracóvia e a Ucrânia para a construção de seus arsenais de guerra – munições, blindados e aviões. E que a Rússia de Putin quer incorporar ao seu acervo bélico.

Хорошо, читатель (“pois bem, leitor”), *A Sombra de Stalin*, pela Netflix, é um bom exercício de como agem os corretores da espionagem britânico-soviética e seus dúbios comitês de imprensa. Tudo a um refletir nosso sobre o atual conflito no leste europeu e as “sombrias” de Stalin ainda sobre Putin. Um filme que afianço. Boa sessão. – Mais “Coisas de Cinema”, em nosso blog: www.alexasantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

‘Balaio, Sinhá!’

Não gosto de poesia adjetivada. A não ser aquela que se prende naturalmente às regras tradicionais dos gêneros literários. Isto é, do épico, do lírico e do dramático. Poesia infantil, poesia negra, poesia feminista, poesia gay, poesia marginal, poesia política etc. etc. constituem apenas artifícios teóricos e vias doutrinárias sem qualquer consistência analítica ou meras categorias culturais inadequadas para a caracterização do fenômeno estético. Para mim, fala mais alto a solidão do substantivo “poesia” do que a eficácia ou o preconceito dos atributos que vêm de fora das intrínsecas e genuínas qualidades do poético. Poesia não tem nome. É poesia ou não é. Tais reflexões me ocorrem quando leio a segunda coletânea de poemas de Piedade Farias, *Balaio, Sinhá* (João Pessoa: Ideia, 2020) que, aos menos avisados pode parecer mais um falso exemplo da poesia dita infantil, ou seja, da poesia destinada à recepção das crianças.

Eu não diria isto! A propósito, Yó Limeira, que assina o prefácio, toca decerto na ferida da questão, com estas palavras reproduzidas na contracapa: “*E Balaio, Sinhá* – como o arco íris de alfenim – é livro de crianças de todas as idades. Para os pequenos, um estímulo a este olhar inaugural diante das coisas mais simples. Ao leitor adulto, que perdeu a capacidade de brincar com a imaginação, de brincar com as palavras, a poeta vai dando todo o tempo suas lições de ludismo”. Concordo plenamente. Seus poemas podem ser lidos e podem agradar, portanto, a todo tipo de leitor, dos nove aos noventa, desde que este leitor tenha sensibilidade e predisposição para apreciar o jogo de palavras com que arruma seus textos, o humor de suas ideias, as insinuações de sua fantasia, o metaludismo de certas imagens e a deliciosa malícia de certas soluções permitidas e exploradas no labor da criação poética.

DE A, de B e de Z, poema das páginas 44 e 48, em seus versos heterométricos e em suas estrofes variadas, traz à tona as propriedades semânticas de certas palavras, vistas, no entanto, sob a perspectiva lúdica e poética, como, por exemplo nestas passagens: “JANAÍNA quer dizer: / A mais linda do lugar: / E chamada de Rainha / E também de Iemanjá. / Seu travesseiro é a espuma / Que cobre as águas do mar...”; “NADA é uma palavra / Tão imensa quanto tudo... / E se não me iludo / Vi que as duas apressadas / Lam-se de mãos dadas / Ai que susto!”, ou, na magia concentrada deste dístico singular; “VOAR é palavra mágica / Reinventa-se no ar...”. O humor, por sua vez, se faz presente no título ceciliano *Isso e Aquilo* (p. 51 e 52), conforme podemos verificar neste estrofe: “Todos os dias, Ana vem / requebrando, requebrando, / Ainda só bisbilhotando / O que convém e não convém... / Parece, mal comparando, / Uma galinha cismando à procura de xerém...”. Já a série de poemas, *Caixinhas mágicas*, constitui uma pequena e preciosa “gramática da fantasia”, para me valer do sugestivo título do poeta e pedagogo italiano Gianni Rodari. Região axial do livro, ponto nevrálgico do exercício poético, estas caixinhas nutrem o leitor com fantasia, imaginação, humor e ludismo.

De sapatos, de fósforos, de doido, de segredos e de livros, cada caixinha comporta um saboroso universo de surpresas. Na *Caixinha de Livros*, por exemplo, a memória popular se harmoniza com os veios clássicos e eruditos da tradição literária, pois, enuncia a poeta: “Dentro da arca / A velha Totonha / (de boa memória) / Contava histórias / Aos montes... / Também Quixote / Lembrava as glórias De Rocinante... (...) Havia dias / de lutas e de espada / Entre os Moicanos / E o inferno de Dante / Naquela arca / Reinava...”.

Preexiste, sem dúvida, ao mundo poético de Piedade Farias, aquele saber de experiências feito de que fala o genial bardo português, colhido sobretudo na riqueza da cultura oral e popular. A tópica nordestina, com seus motivos típicos, do imaginário e do folclórico, da paisagem e dos costumes, dos bichos, dos brinquedos, das letras e das palavras fermentam o tecido substancial de sua dicção lírica. Às formas simples de seu modelo expressivo corresponde um conteúdo humano encantatório, forjado nos ingredientes sensíveis da imaginação criadora. Cada poema como que conta uma história, uma história sem dogmas morais e sem a didática repressiva das narrativas de exemplo e proveito. Com isto quero dizer que a poesia de Piedade Farias, quer no livro anterior, quer neste *Balaio, Sinhá*, sem pretensões, singela, focada nos elementos da tradição, musical, coloquial e imagética, preserva os valores artísticos da palavra.

A ela deve se associar a beleza plástica das xilogravuras de Rose Catão, sua parceira e amiga, no dinâmico diálogo que se opera entre as duas linguagens. Linguagens que, mesmo separadas, mesmo independentes e autônomas, como que se fundem na territorialidade de uma mesma sintaxe, no espanto e no entusiasmo de uma mesma fala e uma mesma configuração.

Neste livro, a lacuna fica por conta da ausência de dados bibliográficos da autora. É compreensível que ela e outros, por esta ou aquela razão, não queira dispor de seus dados pessoais. Mas quero crer que historiadores da literatura, críticos literários e o público leitor têm o direito de saber. Até porque tais informações, mesmo que sintéticas, contribuem para situar melhor o leitor diante da obra e do autor. Penso, aqui, nos incontornáveis imperativos de uma ética da informação.

Colunista colaborador



APC aprova agenda para 2022

Reunida de modo híbrido (presencial e virtual), na manhã da quarta-feira passada, a Academia Paraibana de Cinema discutiu e aprovou a agenda a ser cumprida pela instituição durante 2022. Um documento contendo as ações previstas para este ano será elaborado, para a assinatura de todos que participaram do encontro no Cine Mirabeau. Membros das diretorias e do conselho fiscal estiveram presentes, além dos que marcaram presença pelo [link](#) especial da entidade, virtualmente.

Dentre as muitas propostas discutidas, uma enfatiza a maior interação da APC com outras instituições culturais paraibanas, inclusive com os cursos de cinema e audiovisual da UFPB. Novo encontro da APC foi marcado pela presidência para ainda este mês.

EM cartaz

ESTREIA

AGENTE DAS SOMBRAS (*Blacklight*). EUA. Dir: Mark Williams. Ação. 14 anos. Travis Block (Liam Neeson) é um “consertador” autônomo do governo, Block é um homem perigoso cujas atribuições incluíam extrair agentes de situações ocultas. Quando Block descobre que um programa sombrio está abateando cidadãos comuns por razões conhecidas apenas pelo seu supervisor, o chefe do FBI (Aidan Quinn), ele pede a ajuda de uma jornalista (Raver-Lampman), mas seu passado e presente colidem quando sua filha e neta são ameaçadas. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (exceto sáb.): 19h30 (dub.) - 21h50 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h15 (exceto sáb. e seg.) - 21h45 (exceto sáb. e seg.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h45 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h45 - 21h.

O RITUAL: PRESEÇA MALIGNA (*The Banishing*). Reino Unido. Dir: Christopher Smith. Terror. 14 anos. Durante a década de 1930, na Inglaterra, um reverendo se muda com a esposa e a filha para uma mansão misteriosa. Aos poucos, eles começam a presenciar eventos bizarros, apenas para descobrir que a propriedade se trata da casa mais mal-assombrada de todo o Reino Unido. Agora eles precisam descobrir o segredo terrível que mantém o mal dentro de seu lar. CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

CONTINUAÇÃO

BATMAN (*The Batman*). EUA. Dir: Matt Reeves. Aventura. 14 anos. Dois anos vi-

giando as ruas como o Batman (Robert Pattinson), causando medo nos corações dos criminosos, acabou levando Bruce Wayne às sombras da cidade de Gotham. Com apenas alguns aliados de confiança — Alfred Pennyworth (Andy Serkis) e o Tenente James Gordon (Jeffrey Wright) — entre a rede corrupta de oficiais e figuras importantes da cidade, o solitário vigilante se estabeleceu como a personificação da vingança entre os cidadãos de Gotham. Quando um assassino tem como alvo a elite de Gotham, apresentando uma série de maquinações sádicas, uma trilha de pistas enigmáticas coloca o Maior Detetive do Mundo em uma investigação sobre o submundo, onde ele encontra personagens como Selina Kyle, também conhecida como Mulher-Gato (Zoë Kravitz), Oswald Cobblepot, o Pinguim (Colin Farrell) e Edward Nashton, também conhecido como Charada (Paul Dano). CENTERPLEX MAG 3: 17h (dub.) - 20h30 (leg.) - 21h30 (leg.); CENTERPLEX MAG 4: 18h (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h45 (dub., exceto sáb.) - 17h15 (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h45 - 18h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 14h - 17h30 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30 - 18h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h30 (dub., exceto sáb., seg. e ter.) - 17h (dub., exceto seg. e ter.) - 20h30 (leg., exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h30 - 18h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIA 5

(dub.): 15h45 - 19h15; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h45 - 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 19h.

CORAÇÃO DE FOGO (*Fireheart*). EUA. Dir: Laurent Zeitoun, Theodore Ty. Animação. Livre. Desde criança Geórgia só tinha um sonho: se tornar bombeira, como o seu pai. Infelizmente, no ano de 1932 em Nova York, as mulheres não podiam atuar nessa profissão. Quando os bombeiros da cidade desapareceram misteriosamente, ela vê sua grande chance. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h20 (exceto sáb.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 (exceto sáb. e seg.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 15h30 - 17h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h (exceto seg., ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h (exceto seg., ter. e qua.).

UNCHARTED: FORADO MAPA (*Uncharted: Drake's Fortune*). EUA. Dir: Ruben Fleischer. Aventura. 12 anos. Baseado em uma das séries de videogame, mostra a primeira aventura de caça ao tesouro do jovem Nathan Drake (Tom Holland) com seu parceiro Victor “Sully” Sullivan (Mark Wahlberg). CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h15 (somente sáb.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 16h45 (exceto sáb.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h30 (exceto sáb. e seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h30 (somente sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

OSCAR 2022

Onde assistir aos filmes indicados?

Faltando duas semanas para a premiação da Academia de Hollywood, confira onde estão os principais concorrentes

Renato Félix
Especial para A União

Estamos no mês do Oscar. A premiação da Academia de Hollywood será realizada no próximo dia 27 e muitos cinéfilos costumam correr contra o tempo para, na data, estar em dia com as produções indicadas.

Hoje em dia, quando os filmes são produzidos para os serviços de *streaming* ou chegam lá rapidamente após seu período na tela grande, essa tarefa ficou muito mais fácil (o musical *Amor, Sublime Amor*, por exemplo, entrou na plataforma Disney Plus recentemente).

Faltando duas semanas para desenrolar o tapete vermelho em Los Angeles, nos Estados Unidos, apontamos a seguir quais são os 10 concorrentes na categoria de Melhor Filme deste ano e onde eles podem ser assistidos.

Ataque dos Cães, de Jane Campion

Com 12 indicações: Filme, Direção (Campion), Ator (Benedict Cumberbatch), Ator Coadjuvante (Kodi Smit-McPhee e Jesse Plemons), Atriz Coadjuvante (Kirsten Dunst), Roteiro Adaptado, Fotografia, Montagem, Trilha Sonora Original, Desenho de Produção e Som.

Onde assistir: Netflix

A diretora neozelandesa é a primeira mulher duas vezes indicada ao Oscar de Melhor Direção com uma história sensível e muito bem narrada sobre personagens masculinos deslocados em um ambiente que, mesmo nos anos 1920, ainda tem quase tudo do velho oeste.

Duna, de Dennis Villeneuve

Com 10 indicações: Filme, Roteiro Adaptado, Fotografia, Montagem, Trilha Sonora Original, Desenho de Produção, Efeitos Visuais, Som, Figurino e Maquiagem e Penteados.

Onde assistir: HBO Max, Apple TV, Google Play e Microsoft Store.

Primeiro de dois filmes em que Villeneuve adapta o clássico da literatura de ficção científica. Trata de um planeta que produz uma especiaria na qual governos estão de olho e de um jovem de família nobre que se revela o líder prometido dos nativos pobres do planeta.

Amor, Sublime Amor, de Steven Spielberg

Com sete indicações: Filme, Direção (Spielberg), Atriz Coadjuvante (Ariana DeBose), Fotografia, Desenho de Produção, Figurino e Som.

Onde assistir: Disney Plus.

Spielberg revisitou um grande clássico da Broadway e do cinema. A expectativa é que Ariana DeBose repita o êxito de Rita Moreno na premiação: ela ganhou o SAG e o Globo de Ouro.

Belfast, de Kenneth Branagh

Com sete indicações: Filme, Direção (Branagh), Ator Coadjuvante (Ciarán Hinds), Atriz Coadjuvante (Judi Dench), Roteiro Original, Canção Original ('Down to joy') e Som.

Onde assistir: estreia nos cinemas brasileiros na última quinta-feira (dia 10), mas ainda não entrou em cartaz na Paraíba.

A capital da Irlanda do Norte batiza o filme e é onde nasceu Kenneth Branagh, que se baseia em eventos de sua própria infância. Indicado pessoalmente como produtor, diretor e roteirista, ele se tornou a primeira pessoa indicada em sete categorias diferentes do Oscar.

King Richard – Criando Campeãs, de Reinaldo Marcus Green

Com seis indicações: Filme, Ator (Will Smith), Atriz Coadjuvante (Aunjanue Ellis), Roteiro Original, Montagem e Canção Original ('Be alive').

Onde assistir: HBO Max, Now, Looke, Apple TV, Google Play e Microsoft Store.

É a história do pai das tenistas Venus e Serena Williams e de seu esforço para fazê-las campeãs. Will Smith há muito tempo persegue um Oscar. Será desta vez? Ele já ganhou o Globo de Ouro e o SAG.

Drive My Car, de Ryusuke Hamaguchi

Com quatro indicações: Filme, Direção (Hamaguchi), Filme de Língua Não Inglesa e Roteiro Adaptado.

Onde assistir: estreia nos cinemas brasileiros no próximo dia 17 e na plataforma Mubi em 1º de abril.

O filme japonês conseguiu romper a barreira da língua e ser indicado também nas categorias de filme, direção e roteiro. É adaptado de um conto de Haruki Murakami.

Não Olhe Para Cima, de Adam McKay

Com quatro indicações: Filme, Roteiro Original, Montagem e Trilha Sonora Original.

Onde assistir: Netflix.

Muito visto e comentado, faz uma debochada metáfora sobre o negacionismo e a burrice coletiva, aqui com relação a um cometa que vai colidir com a Terra e erradicar a vida no planeta (mas poderia ser sobre o aquecimento global ou o coronavírus).

O Beco do Pesadelo, de Guillermo del Toro

Com quatro indicações: Filme, Fotografia, Desenho de Produção e Figurino

Onde assistir: chega ao Star Plus no próximo dia 16.

Del Toro refilmou um filme *noir* dos anos 1940 sobre sujeito que aprende num circo a ser um mentalista e depois usa o talento para ganhar dinheiro de gente rica.

Coda - No Ritmo do Coração, de Sian Heder

Com três indicações: Filme, Ator Coadjuvante (Troy Kotsur) e Roteiro adaptado.

Onde assistir: Amazon Prime Video, Looke, Apple TV e Google Play.

É a história de uma família de surdos, na qual apenas uma adolescente não é surda. Ela acaba sendo uma tradutora para a família, que vive da pesca, mas o conflito surge quando ela tem a possibilidade de abraçar o canto e entrar em uma faculdade de música.

Licorice Pizza, de Paul Thomas Anderson

Com três indicações: Filme, Direção (Anderson) e Roteiro Original.

Onde assistir: já em cartaz nos cinemas brasileiros, mas não estreou no circuito paraibano.

PTA numa chave mais leve: o amor de dois jovens em 1973. Está indicado nas categorias grandes, mas, como sempre, o diretor parece ser subestimado pela Academia. E também pelas exibidoras, que nem programaram o filme para os cinemas locais.

Imagens: Divulgação



'Ataque dos Cães', de Jane Campion



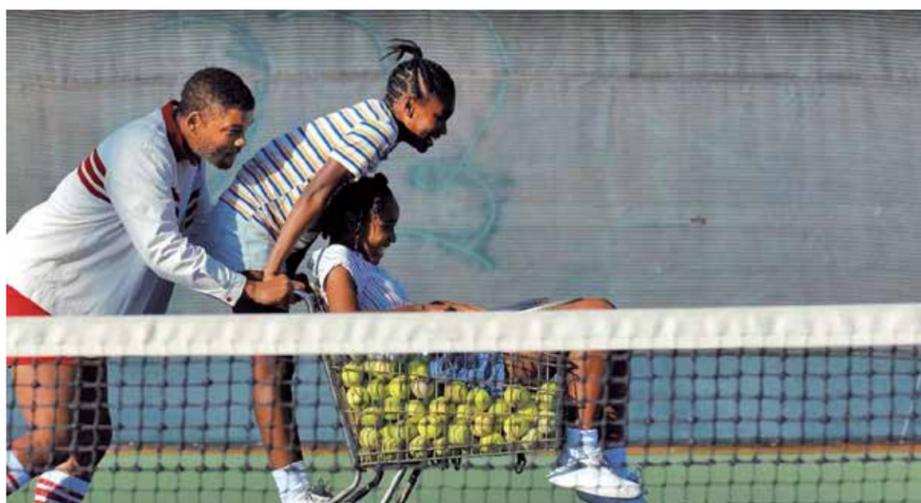
'Duna', de Dennis Villeneuve



'Amor, Sublime Amor', de Steven Spielberg



'Belfast', de Kenneth Branagh



'King Richard – Criando Campeãs', de Reinaldo Marcus Green

AFIRMAÇÃO DA MULHER

A luta para efetivar as conquistas

ALPB destaca exemplos de motivação feminina na busca por igualdade no trabalho e na representação política

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Foto: Ortilo Antônio

Não há igual tratamento para as mulheres nos locais de trabalho, muito menos em salário. A violência é maior para os corpos femininos e os espaços de fala política ainda são minoria para elas. Entre lutas e conquistas celebradas nos últimos anos, ainda há muito a ser feito para que direitos sejam alcançados. Para isso, a atuação parlamentar é fundamental, através da criação de leis que possam garantir segurança e assistência às mulheres.

No último ano, a Assembleia Legislativa da Paraíba desenvolveu projetos que vão desde a visibilidade feminina no estado à assistência para gestantes em situação de vulnerabilidade social. Segundo o presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, deputado Adriano Galdino, é dever do Poder Legislativo apresentar ações, através de projetos de lei que possam garantir qualidade de vida, segurança e saúde às mulheres paraibanas.

“A Assembleia trabalha em prol da população da Paraíba, trabalhamos para preservar e defender os direitos da mulher paraibana através da igualdade de oportunidades. Só assim teremos uma Paraíba melhor e mais justa para todos”, afirmou Adriano Galdino.

Na última terça-feira, Dia Internacional da Mulher, a Casa de Eptácio Pessoa lançou a Campanha ‘Paraíba, Mulheres de Força’, com o objetivo de destacar a força da mulher paraibana, através de histórias de personagens reais. Um site será lançado onde essas histórias poderão ser contadas. A população paraibana poderá, além de conhecer essas narrativas inéditas, votar na história que mais lhe inspira. Até junho deste ano, as histórias mais votadas e analisadas por uma curadoria que será formada pela ALPB, serão premiadas.

“Essa é uma campanha extraordinária que a Assembleia está promovendo para que a gente possa evidenciar milhões de mulheres anônimas que fazem a Paraíba acontecer, mesmo longe do Poder Público, cuidando da casa, dos filhos, do marido, do trabalho e da vida”, comentou a deputada Pollyanna Dutra, que presidiu a sessão especial.

Gestantes em situação de rua

Outro projeto de lei que tem como objetivo dar assistência às mulheres é o PL 2.523/2021, de autoria do deputado Wallber Virgolino. Ele dispõe sobre o Programa de Conscientização e Proteção de Gestantes em Situação de Rua e Dependentes Químicas. O deputado autor da proposta explicou que a matéria tem o objetivo de transmitir orientações sobre métodos contraceptivos, dar acesso a atendimento psicológico grupal e individual, além de facilitar o encaminhamento aos serviços de saúde para acompanhamento pré-natal.

“A falta de cuidados durante a gestação, bem como o uso de substâncias entorpecentes, podem afetar diretamente a formação do feto, causando problemas que acompanharão o bebê pelo resto de sua vida. Portanto, faz-se necessário instituir, como política pública, um programa de apoio a estas pessoas, para que tenham a devida orientação, proporcionando o acompanhamento em todas as etapas de sua gestação”, ressaltou o deputado.



Sessão especial na Assembleia Legislativa comemorou o Dia Internacional da Mulher com lançamento de campanha com exemplos inspiradores

Foto: Assessoria



“

No âmbito legislativo, é fundamental criar leis que responsabilizem os perpetradores da violência, bem como construir um ambiente seguro para as parlamentares eleitas

Camila Toscano

“

Não podemos admitir mais atos de violência política contra a mulher e nós da Famup atuamos todos os dias contra essa prática pautada pela cultura de agressão, discriminação e preconceito

George Coelho

Foto: Direção/Famup



Hora do Colinho e as iniciativas de proteção

Durante a pandemia, a Assembleia Legislativa da Paraíba foi pioneira em aprovar o Projeto de Lei Lei 3.328/2021, que institui a “Hora do Colinho” em todo o estado. A contaminação pela Covid-19 impediu recém-nascidos de conviverem com suas mães. O texto foi sancionado pelo governador João Azevêdo e virou lei em janeiro deste ano.

Além da Covid-19, inúmeras doenças fazem com que mãe e filho sejam obrigados a passarem dias afastados. O PL do deputado Dr. Taciano Diniz é uma expansão do “Hora do Colinho”, implantado pela enfermeira Mariluce Ribeiro, na Maternidade Frei Damião.

A ideia surgiu em abril de 2020, após a profissional, que é coordenadora do Centro Obstétrico da instituição, perceber que o choro constante dos bebês isolados em UTI estava relacionado à ausência das mães. “Sem sombra de dúvidas, o colo e o amor curam. Além de auxiliar no ganho de peso, o ‘colinho’ melhora diversos indicadores, como o tempo de sono, por exemplo, e aprimora a respiração e o funcionamento do interno e do estômago”, defendeu o deputado.

A Casa de Eptácio Pessoa apro-

vou matérias de incentivo ao empreendedorismo feminino, de apoio às mulheres que trabalham na agricultura familiar, de defesa dos direitos das servidoras públicas estaduais, entre outras.

Violência na política

Um dos principais problemas na política é o assédio e a violência. O PL 2.686, que institui a Política Estadual de Enfrentamento ao Assédio e à Violência Política Contra Mulheres, também foi aprovado pelos parlamentares para garantir a segurança feminina. De autoria da deputada Camila Toscano (PSDB), o projeto tem como finalidade a criação da Política Estadual de Enfrentamento a esse tipo de violência contra mulheres.

O texto classifica como assédio político atos de perseguição ou ameaças cometidos contra a mulher, com o propósito de suspender, impedir ou restringir as funções inerentes ao seu cargo para induzi-la ou forçá-la a realizar, contra a sua vontade, determinada ação, no desempenho de suas funções ou no exercício dos seus direitos políticos.

“No âmbito legislativo, é fun-

damental criar leis que responsabilizem os perpetradores da violência, bem como construir um ambiente seguro para as parlamentares eleitas, comprometendo-se com a adoção de ações concretas para garantir a igualdade e a não-discriminação, criando ambientes livres de assédio e intimidação para as mulheres políticas”.

Prefeitas são vítimas

A Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) lançou um ‘Manifesto por mais mulheres na política’ contra a violência política contra as mulheres. Segundo a Famup, 53% das prefeitas no país já foram vítimas dessa prática.

Os dados são do Instituto Alziras, que revela também que 30% já enfrentaram assédio ou violências simbólicas, 22% não receberam apoio do partido ou da base aliada, e 23% já tiveram falas ou o trabalho desmerecido. A Paraíba conta atualmente com 38 prefeitas.

“Nossas prefeitas enfrentam os mais variados tipos de violência, mas que com muita garra e determinação vêm rompendo barreiras e mostrando que política é

lugar de mulher sim!”, disse o presidente da Famup, George Coelho.

A integrante do Conselho Fiscal da Famup, a prefeita de Duas Estradas, Joyce Renally, afirmou que já foi vítima de violência política, sendo tratada com termos pejorativos e até sendo diminuída. “Queriam me menosprezar, me diminuir e afirmavam que eu seria uma mulher que seria mandada, obediente e sem opinião própria, sempre me rebaixando”, disse.

Segundo destaca o manifesto, a participação feminina na política ainda é pequena e isso se deve a uma série de fatores, entre eles, o machismo estrutural, a falta de oportunidades e até a violência política.

“Não podemos admitir mais atos de violência política contra a mulher e nós da Famup atuamos todos os dias contra essa prática pautada pela cultura de agressão, discriminação e preconceito. Defendemos o protagonismo feminino e reafirmamos que lugar de mulher é na política, é ocupando cargos nas diversas esferas do poder e se destacando pela sua atuação no Executivo e no Legislativo”, afirma o documento.



CONQUISTANDO ESPAÇOS

Lugar de mulher é na ciência

Elas são cada vez mais numerosas no mundo das pesquisas, mas ainda enfrentam o machismo

Ítalo Arruda
Especial para A União



O campo da ciência foi, durante muito tempo, um espaço ocupado majoritariamente por homens. Com as mudanças sociais e a reconfiguração das relações de gênero, o cenário vem se modificando, e, com isso, as mulheres também passaram a integrá-lo, protagonizando o papel de pesquisadoras e cientistas, em diferentes partes do mundo. Aos 29 anos, a médica Priscila Weriton Alves, radicada na Paraíba, é uma das milhares de mulheres que dedicam a maior parte do dia a dia ao estudo da ciência.

A jovem, que é formada em medicina pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde também atua como pesquisadora no grupo de pesquisa 'Desvendando a Pesquisa Científica', vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), trabalha como médica generalista na rede pública de saúde, com atendimento nas alas de urgência e emergência, e tem se destacado devido às ações de combate ao novo coronavírus no estado.

Em setembro do ano passado, ela foi selecionada para a terceira edição do programa Mulheres na Ciência e Inovação – um projeto voltado para a formação de cientistas brasileiras, cujas ideias inovadoras têm como principal objetivo fomentar o desenvolvimento científico no país. Apenas 200 propostas foram selecionadas em todo o Brasil, e a que ela

“

Ver um projeto (...) como esse ganhar espaço em escala nacional faz com que a gente se sinta ainda mais capaz

Priscila Weriton Alves

submeteu consiste em uma espécie de tratamento precoce contra a Covid-19.

Priscila explica que, à época, o interesse surgiu a partir da necessidade de enfrentar os desafios para identificar, diagnosticar e tratar a doença. Segundo ela, foi preciso intensificar os estudos tomando como referência artigos e pesquisas internacionais, visto que no Brasil o material disponível sobre o tema ainda é limitado.

O projeto foi desenvolvido com a ajuda da então coordenadora do curso de medicina da UFCG, professora Deborah Galvão Dantas, além de estudantes, profissionais e especialistas de diferentes áreas da saúde, como pneumologistas e setores de estatísticas. “A ideia deu forma a um grupo de pesquisadores, com foco na elaboração de uma proposta de intervenção precoce que modificasse a história natural da Covid-19, evitando desfechos graves como síndrome respiratória aguda grave, intubação e morte”, explica.

Foto: Arquivo pessoal



A médica Priscila Weriton é graduada pela Universidade Federal de Campina Grande



■ Priscila Weriton Alves, de 29 anos, é médica e atua junto ao CNPQ

Reconhecimento

Para Priscila Weriton, estar entre dezenas de doutoras e pesquisadoras de universidades nacionalmente renomadas ajuda a colocar em evidência o potencial que a mulher nordestina e paraibana possui. “Sei que ainda tenho muito [caminho] a trilhar, mas ver um projeto de relevância social como esse ganhar espaço em escala nacional faz com que a gente se sinta ainda mais capaz e reconheça que temos mentes brilhantes”.

Desafios e muitas dificuldades

Apesar de a oportunidade lhe possibilitar a expansão do conhecimento e o contato com outras mulheres cientistas de diferentes regiões brasileiras, Priscila revela que enfrentou dificuldades para tocar adiante e validar o seu projeto. Além dos percalços financeiros para subsidiar a pesquisa – um problema recorrente no país devido à falta de incentivo do poder público e ao sucateamento dos órgãos de pesquisa científica –, a médica relata situações de machismo e desigualdade de gênero.

“Passei por várias situações de discriminação somente por ser mulher, enquanto montava a metodologia do projeto, principalmente por ter sido pensado como um projeto experimental piloto que seria desenvolvido, inicialmente, em um pequeno centro no interior da Paraíba”, destaca a pesquisadora, ao afirmar que o machismo, no âmbito das relações de trabalho, sobretudo, nos espaços onde se produz ciência, coloca a mulher em uma situação de intimidação, fazendo com que ela questione suas próprias habilidades como profissional.

Além disso, a escassez de recur-

sos e investimentos para o financiamento de pesquisa, segundo Priscila Weriton, ainda é um fator que dificulta o processo de emancipação e protagonismo do público feminino e outras minorias na área científica. Para se ter uma ideia, das 185 mil bolsas concedidas nos últimos 11 anos, no Brasil, pelo CNPq, 64,7% foram para homens e 35,3% para mulheres, segundo informações do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

“Falta incentivo [financeiro] para a promoção de projetos que incluam na ciência mulheres, negros, população LGBTQIA+. Enquanto a sociedade não for educada sobre inclusão, respeito e equidade, a categoria de cientistas do país segue refletindo as posições de privilégio que temos na sociedade geral: homens, em sua maioria brancos e financeiramente abastados”, observa Weriton.

Dados do relatório “A Jornada do Pesquisador pela Lente de Gênero”, divulgado, em 2020, pela empresa holandesa Elsevier, revela que a participação de mulheres na ciência – considerando os múltiplos campos de atuação, é de aproximadamente 20%.

Protagonismo das mulheres

A cultura do patriarcado – ainda tão enraizada na sociedade brasileira – é uma das causas que atrasam o avanço do protagonismo feminino na ciência, afirma a médica Priscila Weriton. Segundo ela, é fundamental que as mulheres conheçam e discutam sobre o feminismo, para quebrar os paradigmas e preconceitos impostos pelos padrões de masculinidade, promovendo a emancipação das mulheres e, consequentemente, diminuindo a desigualdade de gênero não só nos espaços de produção científica, mas também em outros campos da vida profissional.

“Nossas estruturas [sociais] educam meninas a serem boas esposas e mães, mas não lhes ensinam a trilharem seus próprios caminhos, de acordo com suas vontades e seus sonhos. Muitas mulheres nem sequer entendem a importância do feminismo porque ouviram desde cedo que isso é coisa de mulher revoltada e agressiva, o que, obviamente, não é verdade”, pontua.

Priscila acrescenta que essa estrutura que favorece os homens começa nas relações familiares, “quando uma garota é ensinada que mulheres devem obedecer e aceitar de cabeça baixa o que lhe é imposto”, e se

reproduzem nas relações sociais de um modo geral. No entanto, para ser uma cientista, ela ressalta que é preciso ousar, ser curiosa e desafiar conceitos pré-estabelecidos.

“Se uma mulher decide fazer uma pesquisa no Brasil, ela tem que ser muito forte e resiliente, porque vai ter uma porção de homens no seu caminho dizendo que ela não é capaz, que ela é subordinada a ele, que ela não pode discutir com ele, que não tem a capacidade intelectual igual a dele e vários outros tipos de humilhações e assédios morais”, analisa.

Conselho

Priscila também deixa um conselho às mulheres que desejam seguir carreira profissional, seja ela qual for. “Devemos seguir os nossos ideais e não permitir que ninguém nos diga que não somos capazes. Todas podemos. Somos intelectualmente iguais aos homens e podemos ocupar os mesmos espaços de importância na sociedade e na ciência”, afirma a cientista, revelando que espera o dia em que ver mulheres em condições de destaque não seja uma exceção, mas algo comum.

Continua na página 15



■ Das 185 mil bolsas concedidas nos últimos 11 anos, no Brasil, pelo CNPq, 64,7% foram para homens e 35,3% para mulheres, segundo informações do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações



Continuação da página 14



Há outros elementos, característicos da vida feminina, que acabam interferindo nesse processo de dedicação à carreira

Patricia Fernandes



Foto: Arquivo pessoal

Patricia Fernandes é coordenadora de Programas e Projetos da Fundação de Apoio à Pesquisa da PB

Pragmatismo feminino

Doutora em Ciências e Engenharia de Materiais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pós-doutora em Ciências e Tecnologias Espaciais pelo Instituto de Pesquisas avançadas, Patricia Costa Fernandes, natural de Tucuruí (PA) e radicada na Paraíba, é outro exemplo de protagonismo feminino na Ciência. Atualmente, ela é coordenadora de Programas e Projetos da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), cujo trabalho é voltado para o fomento da participação das mulheres nos campos da ciência, tecnologia e inovação.

O interesse da engenheira de materiais pela área adveio da afinidade pelas ciências exatas. Ela conta que isso foi se potencializando ao longo da sua formação acadêmica, principalmente, quando era submetida aos trabalhos de pesquisa. “O encantamento que a pesquisa científica traz no momento em que você está em busca de algum resultado, analisando e confrontando os dados sobre determinado material, é o que nos impulsiona”, relata.

Embora se tenha percebido um crescimento do número de mulheres nas áreas de pesquisa, tecnologia, ciência, inovação, entre outras, Patricia admite que ainda existe uma série de fatores que dificultam uma ascensão imediata deste público em tais segmentos. “Há outros elementos, característicos da vida feminina, que acabam interferindo nesse processo de dedicação à carreira. Muitas mulheres se casam, têm filhos, e precisam, durante algum momento da sua jornada, escolher entre a vida pessoal, familiar e profissional”.

As obrigações domésticas, segundo a coordenadora da Fapesq, acabam se tornando um obstáculo para a formação e emancipação profissional da maioria das mulheres, já que muitas delas acabam abrindo mão da profissão para se dedicar às atividades do lar.

“Mas o maior desafio para a mulher ocupar um local de destaque é a necessidade constante de ela ter que provar que é capaz, que tem competência, que é qualificada. Ela só aparece se tiver esses atributos e es-

sas qualidades só são reconhecidas quando ela vem a ocupar um cargo importante e de notoriedade”, destaca.

Mulheres na pesquisa

Natural de Campina Grande, a engenheira civil Ruth Silveira do Nascimento trabalha junto com Patricia na coordenação da Fapesq, gerindo um grupo de mulheres pesquisadoras de diferentes áreas. Desde o ensino médio ela percebeu que queria investir na qualificação científica.

Sua primeira graduação foi uma licenciatura em matemática, mas especializou-se na área da engenharia, com mestrado em engenharia sanitária e doutorado em recursos naturais. Além do trabalho desenvolvido na Fapesq, Ruth atua como docente do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Há mais de 20 anos, a paraibana se dedica ao desenvolvimento da pesquisa e da ciência no Estado. Ela diz acreditar que, mesmo as mulheres sendo responsáveis pela maior parte da produção científica, ainda falta representatividade nas principais funções. “Estamos conquistando os nossos lugares, mas ainda há uma predominância dos homens nos cargos de níveis mais altos”, diz.

Para ela, isso é reflexo de uma questão mais complexa. “Não é porque a mulher é responsável por uma série de tarefas, como a administração do lar e da família, apenas, e sim por uma questão cultural”, afirma.



Estamos conquistando os nossos lugares, mas ainda há uma predominância dos homens

Ruth Silveira



Foto: Arquivo pessoal

Tatiana Keesen é vice-coordenadora da pós-graduação

Incentivada a estudar

A contribuição das mulheres para a ciência é inegável e tende a se expandir se houver mais apoio e investimento para fomentar a participação feminina nos projetos de pesquisa. Quem pensa assim é a imunologista e vice-coordenadora do programa de pós-graduação em Ciências Fisiológicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Tatiana Keesen.

Desde criança ela foi incentivada aos estudos e, até hoje, é apaixonada pela produção e difusão do conhecimento. “Foi na minha graduação que me apaixonei pela área da imunologia. Eu queria entender como as células trabalham para a defesa do nosso organismo e isso me levou a me especializar, fazer mestrado e doutorado, e ampliar esse conhecimento”, explica.

Tatiana orienta trabalhos e pesquisas de graduandos, mestrandos e doutorandos da UFPB, que têm como objeto de estudo as doenças infecciosas, como as arboviroses (dengue, zika e chikungunya), leishmanioses, tuberculose, entre outras. A cientista também já teve vários artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais.

Atualmente, a doutora coordena um grupo de pesquisa que analisa a avaliação imunológica da Covid-19, a partir do estudo das células de pacientes infectados que desenvolveram a doença de forma clínica leve, moderada ou grave. Para ela, as pesquisas são fundamentais para o avanço da ciência, uma vez que possibilita a descoberta de novas vacinas, medicamentos e tecnologias para garantir o bem-estar da população.

Entretanto, assim como afirmaram as outras cientistas, Tatiana também diz que falta investimento e políticas que fomentem estudos desenvolvidos por mulheres. “Nós precisamos de mais apoio para desenvolver nossos trabalhos. Nosso país ainda é muito machista. É preciso acabar com esse preconceito e deixar claro que a mulher pode fazer o que ela quiser. Inclusive, ciência”.

Toca do Leão

Fábio Mozart

mozartpe@gmail.com | Colaborador

O mundo inventivo do poeta Sérgio Piaba

Sérgio Ricardo dos Santos Silva, que a arraiamíua chama de Sérgio Piaba, é webmaster e serigrafista, além de fotógrafo e produtor de conteúdos para internet. Piaba é, sobretudo, um poeta visual. Imagens e símbolos nas camisas confeccionadas por ele, as artes para capas de livros e folhetos, os elementos visuais montados em Photoshop constituem a obra de Sérgio, em plataformas tão diversas como as canecas, as camisas, as capas de livros, os cartazes e imagens criadas para a Internet. Formamos uma parceria, onde eu forneço os elementos verbais para compor seus poemas visuais, com os símbolos resgatados de sua mente anarquista, avesso às hierarquias. Porque todo poeta precisa se opor à dominação, seja ela de que forma for. Não vem de garfo que hoje só tem sopa no jantar, determina Sérgio Piaba, esse paraibano que cresceu nas estações de trem do Rio de Janeiro, vendendo balas e correndo do comissário de menor. Balas, no caso, enchenda-se por docinhos, docinhos, brigadeiros, chicletes e “nego bom”. As balas recheadas de racismo que se perdem e se acham na cabeça do lascado suburbano, esse tiro de exclusão ele nunca curtiu. Seu olhar atencioso e decente para os chamados extratos sociais subalternos o faz um homem de esquerda.

Conheci Sérgio Piaba na mesa do boteco, em reunião de diretoria do bloco carnavalesco e ético As Cuecas, onde fui aceito como sócio benemérito desse grêmio recreativo caricato da cueca 100% algodão colorido, porque a galera tem alergia às cuecas de elastano, ou laycra, e também pelo nobre e cobiçoso motivo de que o principal acionista do bloco é nosso compadre Dalmo Oliveira, entusiasta das experiências inovadoras da Embrapa no melhoramento genético das cores do nosso algodão. Esse bloco, elevadamente machista, até hoje tem pouquíssimas mulheres em suas fileiras foliãs. Como diria Marilyn Monroe, “tragam-me as calcinhas de seda, pois não sou mulher de usar as de algodão”. A feminista Madame Preciosa impetrou recurso em processo para mexer no nome do bloco, que passaria a se chamar As Cuecas e as Calcinhas, apelação derrotada pelos tradicionalistas. Mesmo porque o bloco existe em louvor ao compositor Livardo Alves, autor da marchinha famosa, integrante da lista das vinte melhores marchinhas de carnaval de todos os tempos.

Sérgio não se define, porém, só como poeta visual. Ele também esbanja criatividade na poesia sonora, como editor de programas de rádio onde exibe sua performance na estruturação dos sons. Comigo, que sou um locutor correndo atrás de variantes para evitar usar a palavra como mero veículo de significados, Sérgio faz parceria na composição de textos fonéticos e sons diversos para montagem de imagens acústicas nos programas experimentais em rádios alternativos como a Rádio DiárioPB. Pense num sonoplasta inovador e fecundo! Desse que só se criam em rádios comunitárias e alternativas, sem compromisso com público ouvinte nem com anunciante. Em torno dos processos de som em um programa de rádio, ninguém amarra a chuteira nem veste a camisa de Sérgio Piaba Camisas, ele que também vende camisas personalizadas com suas artes arretadas e suas cores de Portinari de Bayeux.

De sua arte emana o cheiro de caranguejo, a maresia da inquietação e o vigor da maré cheia com o revoltado e teatral Piaba comandando o impuro, profano e encardido bloco da Cueca em busca de ondas puras e sonhos inovadores, férteis e libertadores. E tem aquele quê de humildade, ausente em muito figurão na cena artística. “Não sou maior nem menor do que ninguém, mesmo porque o que eu faço não é prova de atletismo, e sim uma briga comigo mesmo pra comunicar o belo da forma que eu vejo”, esclarece Piaba, merecendo citação de Karl Kraus, dramaturgo austríaco: “Os artistas têm o direito de serem modestos e o dever de serem vaidosos”.

O poeta Sérgio Piaba é a cara do comunicador a serviço de uma causa, mas que não abre mão de uma dicção qualificada e, sobretudo, comprometida com as questões sociais e políticas de seu tempo. A vida e obra de Piaba é um manifesto contrário a governos autocráticos que estão sempre a alimentar os conflitos armados e às elites atrasadas, burras, cínicas e insensíveis. Um peixinho ferrendo a parte do mundo sujo que nos toca, sem desistir de ser sempre uma piaba ligeira dando pitu nos lambaris do fascismo.

Colunista colaborador



Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o grupo Chá da Tarde, liderado por Roberta Aquino, se confraternizou durante almoço realizado na Casa do Bacalhau. Claro que o evento foi espetacular.



Durante Fantour realizado em Areia, cidade localizada no Brejo paraibano, hospedamo-nos na pousada Aconchegart, visitamos o Engenho Elite e fomos recepcionados pela vice-prefeita, Marília Perazzo, pelo jornalista Romero Rodrigues e pelos secretários de Turismo e Cultura, Francisco e Antônio Jorge (foto), com um saboroso café na Casa do Artesão.



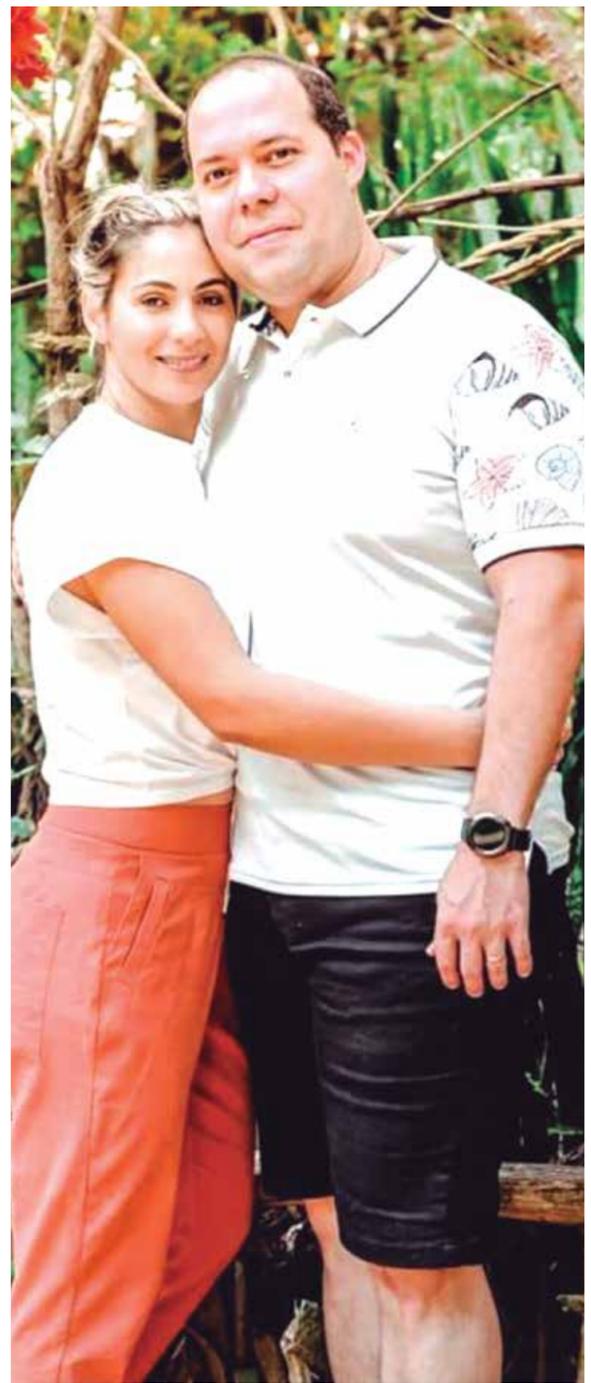
No Fantour que realizamos a Areia, visitamos, também, o Engenho Triunfo, equipamento turístico e cultural, liderado pela empresária Maria Júlia (na foto com integrantes do passeio).



Juliete, a paraibana que está sempre nos surpreendendo e encantando, vai se apresentar durante show da turnê "Caminhos", no dia 2 de abril, na capital paraibana.



Maria Lúcia Jurema, Ednewton César, Lula Crispim, Christian Oliver, Vivian de Oliveira, Beto Brunet, Nevinha Guedes, Nena Martins, José Nunes e Henrique Santiago são os aniversariantes da semana.



O casal Cley e Nana Miranda escolheram Bananeiras, município localizado no Brejo paraibano, para recomeçar viagens pelo Brasil e pelo Mundo.



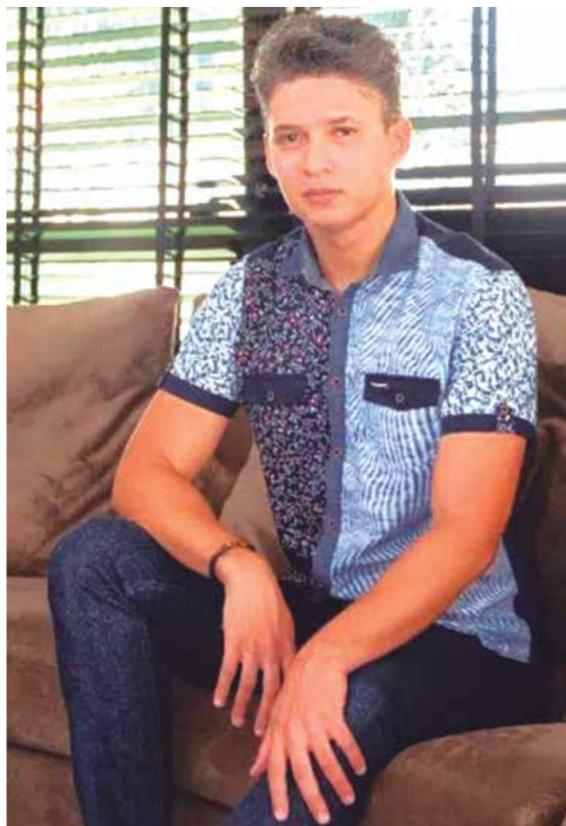
O jornalista patoense Carlos Estevam se preparando para realizar mais uma edição da Feijoada da Amizade, no dia 16 de abril. O casal Rafael Peixoto e Amanda Soares confirmou presença no prestigiado evento.



Em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) está promovendo a exposição virtual Letra M — As Mulheres e a Literatura Americanista. Na mostra, Anna Alice Almeida, Lourdinha Luna, Ângela Bezerra, Adylla Rabelo, Elizabeth Marinheiro e Maria da Penha França foram retratadas pelo artista plástico Tônio. A galeria estará disponível no site da instituição, pelo link <https://fcja.pb.gov.br/>.



O médico Aurílio Estrela, na foto com a esposa, Kelly Senna Estrela, realiza excelente trabalho como anestesiológista em hospitais de nosso Estado.



O Johns Grill, Wine and Salad, no dia 15 de março, será palco para a realização de evento promovido pelo jornalista Ewerton Vieira, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 2 de fevereiro de 2022

10,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

0,76%

R\$ 5,054

Euro € Comercial

0,02%

R\$ 5,514

Libra £ Esterlina

0,33%

R\$ 6,587

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Fevereiro/2022 1,01

Janeiro/2022 0,54

Dezembro/2021 0,73

Novembro/2021 0,95

Outubro/2021 1,25

Ibovespa



GRUPO DE CONSUMO

Clubes de assinatura viram tendência entre paraibanos

Modelo de negócio tem se destacado como uma excelente opção de mercado

Carol Cassoli
Especial para A União

A pandemia de Covid-19 moldou o comportamento da população. Num primeiro momento, impedidas de saírem de casa, as pessoas adotaram novas práticas de consumo. Estas mudanças geraram um expressivo aumento nas vendas em *e-commerce*, impulsionando o crescimento de um nicho que, até então, vinha se desenvolvendo com timidez, o de clubes de assinatura. Em busca de experiências personalizadas cada vez mais práticas, o público tem se rendido a este segmento que, em sete anos, aumentou 20 vezes de tamanho e já chegou à Paraíba.

Os clubes de assinatura têm se mostrado uma ótima estratégia de mercado. Em levantamento recente, o Observatório de Negócios do Serviço Brasileiro de Apoio às

Foto: Coozco/Divulgação



Coozco fornece produtos orgânicos para associados em João Pessoa

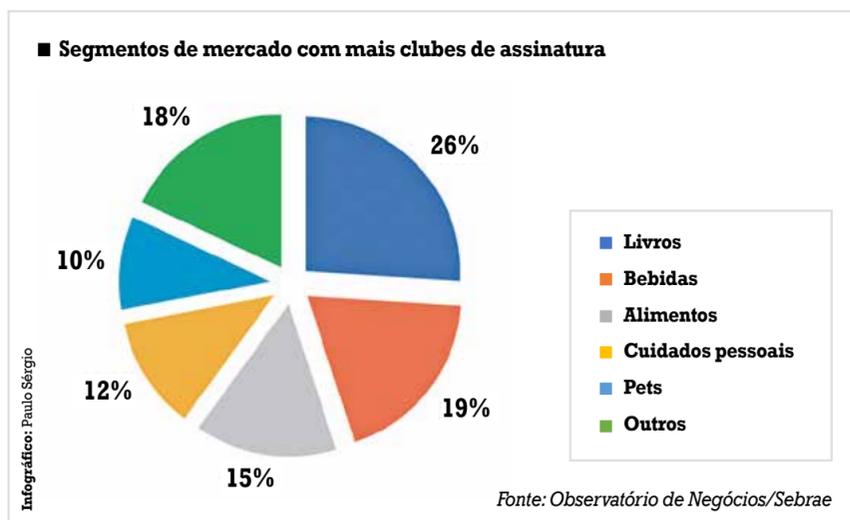
Plataformas unem vendedores e clientes

Dados de um balanço da empresa de tecnologia especializada em soluções para *e-commerce* Betalabs apontam que quase duas mil empresas deste nicho passaram a operar no primeiro semestre do ano passado. Em planejamento desde março de 2020, a Coozco está no meio desta conta.

Segundo Talita Stael, um ano de estudos e prospecção foi necessário para o desenvolvimento da plataforma que, de acordo com ela, sur-

giu da necessidade de seus criadores de se alimentarem melhor e de maneira prática. "Ir às feiras ainda de madrugada não era uma opção que encaixava na nossa rotina e tínhamos o desejo de servir tecnologia segura e prática para nossos parceiros, agricultores familiares, encurtando a cadeia, conectando-os diretamente aos consumidores", explica.

Composta por seis pessoas (que se dividem entre a parte técnica, o setor de



Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) apontou que, durante a pandemia, negócios deste modelo apresentaram um crescimento notável.

A pesquisa, que analisou o comportamento da sociedade digital a respeito de

clubes de assinaturas, destacou que houve alta nos resultados das empresas deste nicho. Para isto, foram comparados dados do primeiro trimestre de 2021 em relação ao primeiro trimestre de 2020 e percebeu-se que houve crescimento de 32% nas empresas que oferecem este tipo de serviço (voltado à venda de produtos por assinatura) e de 15% em seu faturamento no mesmo período.

Experiência paraibana

Resultado da evolução no mercado e da popularização deste padrão de atendimento, o primeiro clube de assinaturas da Paraíba surgiu há um ano com a proposta de conectar produtor e consumidor através de uma relação mais respeitosa com os alimentos.

No dia a dia, fazer feira é uma necessidade inegável. Entretanto, devido às constantes demandas que surgem com a rotina, ter tempo para comprar leguminosas é algo cada dia mais raro. Pensando nisso, o clube Coozco é responsável por fornecer produtos orgânicos para associados da capital paraibana e outras quatro cidades da Região Metropolitana de João Pessoa.

Na casa da médica Giane

Cavalcanti, já virou hábito receber, às sextas-feiras, uma cesta com frutas, verduras e legumes selecionados. Cliente do clube desde o início de suas atividades, a médica enxerga na Coozco a oportunidade de aliar, em seu prato, sustentabilidade e produtos orgânicos da agricultura familiar paraibana.

Para ela, a maior vantagem em assinar o clube é beneficiar diretamente o pequeno produtor, mas não apenas isso. Giane afirma que um dos maiores benefícios de assinar o clube é a funcionalidade do serviço. "Além da praticidade de uma plataforma que nos direciona para os produtores e produtos que queremos, ainda contamos com a tecnologia do pedido e pagamento on-line. Então recebemos tudo fresquinho em casa. É uma maravilha, estou encantada", afirma.

Segundo Talita Stael Pimenta, sócia-fundadora da iniciativa, a Coozco tem o objetivo de ser o elo entre quem consome e quem produz através da organização logístico-tecnológica do serviço oferecido. "Servimos a tecnologia e fazemos a logística (própria) para garantir que tudo chegue na casa dos nossos clientes", comenta.

que há clientes utilizando a plataforma desde a semana de lançamento, em março do ano passado.

"Crescemos juntos. Esses mesmos clientes assinam a cesta mensal e ainda compram produtos adicionais para receber em casa. Temos outros clientes que também apoiam novos lojistas, comprando para provar", a sócia-fundadora da Coozco nota que, aos poucos, o clube de assinaturas está se tornando um movimento.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

O alerta de controle de preços voltou: será que aprendemos a lição?

Olá, amigos leitores! Ao longo dos dias de guerra na Ucrânia e a percepção dos diversos efeitos pulverizados sobre as economias do mundo, no Brasil surge novamente uma grande disputa sobre o controle de preço dos combustíveis, um esforço inútil para combater a inflação. Em primeiro lugar, não há nada novo debaixo do sol. Em segundo lugar, parece que não aprendemos a lição.

Com a disparada do petróleo, maior valor em 14 anos, a defasagem entre os preços internacionais da gasolina e do diesel atingiu 25%. Na última quinta-feira (10), a Petrobras anunciou o novo reajuste de 18,7% para gasolina e 24,9% para o diesel. Alguns estudos apontam que com a correção, o preço da gasolina pode variar de R\$ 7 a R\$ 10.

Uma importante premissa econômica que respalda minha análise é a "Lei da Escassez". Durante as últimas décadas ficou comprovado que as necessidades da humanidade são ilimitadas, basta olhar a evolução do mundo, e tudo o que foi criado ao longo da história. Por outro lado, os recursos são limitados (escassos), portanto, não é possível produzir todos os bens e serviços que os indivíduos desejam ter.

Para que a economia funcione, os preços precisam flutuar livremente. Na prática, os preços sinalizam exatamente onde há abundância ou escassez. Onde há falta, o preço sobe, e quando sobra, o preço cai. A regra do jogo é clara. Esse mecanismo serve para o aperfeiçoamento natural da alocação de recursos, ou seja, se falta petróleo no mundo, os preços sobem. A crise atual aponta para onde os investimentos devem migrar, evidenciando oportunidades e ameaças, que contribuem para a resolução do problema no futuro.

Historicamente vários governos tentaram controlar os preços, e o resultado em todos os casos foi, e sempre será desastroso, inflação mais alta, taxa de juros do crédito privado mais elevadas, e várias outras distorções no mercado. Apesar de saber que o repasse do aumento do barril de petróleo traz sérias consequências para cadeia produtiva no Brasil, uma hora teremos que pagar a conta, em menor ou maior proporção. Quanto maior a intervenção da mão do Estado, maior será o desequilíbrio econômico.

O cerne da questão é tratar o problema da alocação dos recursos escassos, a cura definitiva, não apenas algo paliativo de curto prazo. A falta do petróleo e o crescimento da população mundial impõem ao mundo uma grande corrida contra o tempo para acelerar o uso de novas alternativas energéticas, sustentáveis, cuja capacidade assegure o ritmo da atividade econômica global. Carregamos um grande desafio pela frente, do mesmo modo que a pandemia estimulou várias transformações tecnológicas, esse episódio, deve produzir o mesmo efeito para recomposição do "equilíbrio de mercado".

Ressalto que qualquer interferência nos preços é prejudicial para a economia. A tomada de decisão para controle de preços exige comparar custos e benefícios, entre vários caminhos para ações assertivas. Em muitos casos, o custo de uma ação não é tão visível, porém, nesse caso, pode-se dizer que é claro como a luz do sol. Evoluir é não cometer os mesmos erros do passado. Será que um dia aprenderemos a lição? Até a próxima!

PLANOS EXCLUSIVOS

Sites oferecem condições especiais

Empresas elaboram pacotes que contemplam diferentes perfis de clientes e prometem experiência de consumo

Empresas ofertam, a partir da experiência de assinaturas, pacotes padronizados e personalizados, levando em consideração os interesses individuais dos associados

Carol Cassoli
Especial para A União

Apesar de ser cliente de um clube paraibano há cerca de um ano, a médica Giane Cavalcanti faz parte do grupo de pessoas que, segundo o Observatório de Negócios, tem mais de um motivo para comprar sem sair de casa. De acordo com o levantamento do Sebrae, existem, pelo menos, quatro motivos para o consumidor preferir o *delivery* e a comodidade é o principal deles, encantando 73% das pessoas. Além disso, 52% dos usuários de serviços on-line preferem este tipo de consumo por causa das ofertas e condições especiais, 47% escolhem comprar pela internet devido à economia de tempo e 38% focam na rapidez da entrega.

Sinônimo de variedade

De livros a alimentos, os clubes de assinatura oferecem alternativas variadas para atender aos interesses do público. O funcionamento é simples: a lógica é semelhante à adotada pelas famosas assinaturas de *streaming*, em que os clientes escolhem o plano ao qual querem aderir e, mensalmente, efetuam o pagamento. De fácil acesso, os clubes de assinatura podem ser contratados com apenas um clique e, hoje, já aceitam todos os tipos de pagamento, até mesmo transferências via Pix. Depois disso, basta que o cliente espere o dia de entregas (que, na maioria dos clubes, é fixo) para descobrir o que há dentro de seu pacote.

A surpresa é um dos fatores que mais empolga o consumidor. Este modelo de negócios oferece pacotes com temáticas específicas, mas conteúdos variados. A cada ciclo, os pacotes são diferentes. Outro apelo que funciona muito bem neste tipo de empreendimento é o relacio-

namento do consumidor com a marca. Isto porque, depois de assinar, o cliente passa a fazer parte de um grupo e, neste momento, o termo “clube” começa a fazer sentido. Isto porque apenas os assinantes têm acesso à experiência proporcionada por cada clube, logo, só eles podem comentar o assunto. É uma relação de exclusividade.

Entre clubes de vinhos, produtos de beleza, livros, cafés, brinquedos para animais e outros segmentos, a pesquisa do Sebrae listou 20 diferentes categorias de clubes de assinatura em todo o Brasil. Parte da alta no setor, o *marketplace* Hub Home Box surgiu com o propósito de aproximar o consumidor deste modelo de negócio, facilitando sua busca e gestão em um único lugar. Por outro lado, no entanto, a empresa também tem buscado impulsionar o microempreendedor que possui um clube de assinatura e procura alternativas para crescer.

Vantagens

Em alguns clubes, o atrativo ofertado pode ser o frete grátis, em outros, a distribuição de bônus, mas a vantagem comum é que cada cliente receberá em casa os produtos adquiridos

Na Coozco, existem dois planos para o consumidor, seus valores variam de R\$ 150 a R\$ 260 e estão relacionados à quantidade de produtos entregues aos associados. Além da assinatura tradicional, há também a opção de complementar as cestas de orgânicos na aba “feira” do aplicativo do clube. Nela é possível que o consumidor ‘turbine’ sua assinatura com quantidades diferentes das oferecidas pelos planos tradicionais ou ainda com outros alimentos não convencionais.

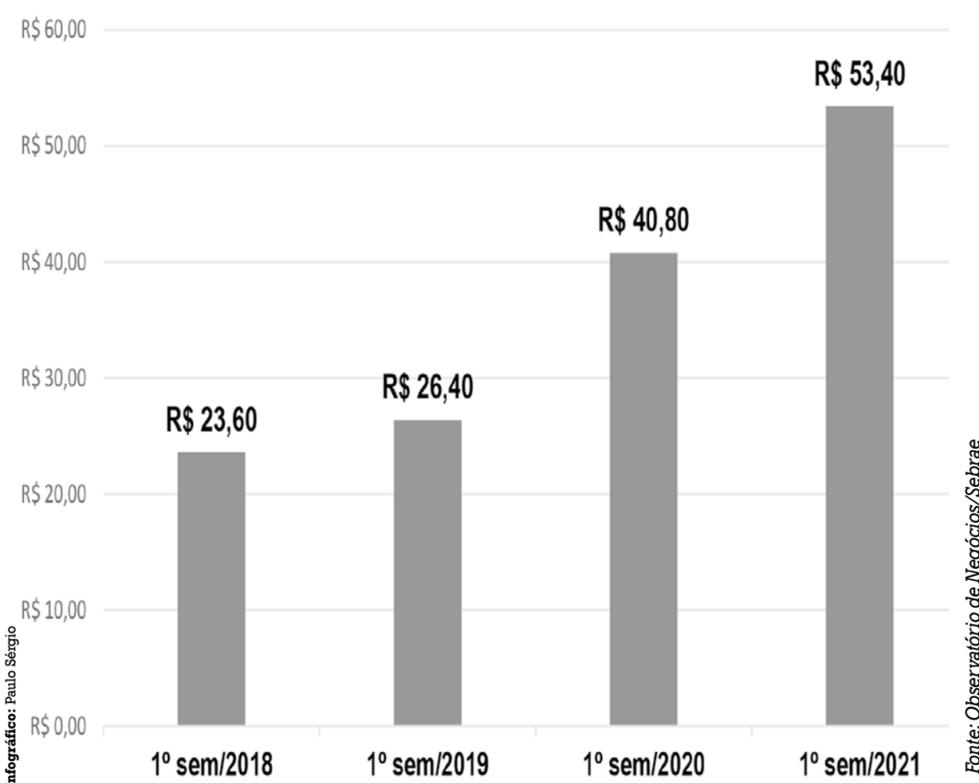
E, mesmo a experiência de assinaturas estando atrelada ao fato de todos os clientes receberem pacotes padronizados, a personalização das cestas é uma alternativa que agrega ao clube por levar em consideração os interesses in-

dividuais de cada cliente.

Outra condição especial muito utilizada pelos clubes é o frete grátis. No caso da Coozco, é possível que o consumidor realize pedidos de outros fornecedores, listados no aplicativo e, no dia de entrega de sua cesta, recebam também os produtos encomendados. Em outros casos, clubes mais antigos, já consolidados, como os de vinhos ou de cosméticos utilizam um recurso de fidelização diferente, mas muito comum: oferecer um bônus aos usuários que indicarem um amigo.

Afora as condições especiais, o benefício do cancelamento instantâneo e gratuito também enche os olhos de clientes mais indecisos que fazem a assinatura sem muita segurança de seu interesse por um clube específico.

Vendas de e-commerce atingiram novo recorde



Marketplace reúne diversos clubes de assinatura por todo o país



Diretora executiva da Hub Home Box, Luciana Pimenta destaca que a empresa surgiu em meio às dificuldades da pandemia de Covid-19, com o propósito de reunir todos os clubes de assinatura em um só lugar

A diretora executiva da Hub Home Box, Luciana Pimenta, explica que a empresa é uma comunidade de compartilhamento de experiências em forma de box e, assim como a paraibana Coozco, a empresa surgiu em março de 2020, durante o isolamento social.

Resultado de um planejamento visionário, a Hub Home Box nasceu em um momento em que a prestação de serviços de assinatura é uma tendência no Brasil. Segundo a Betalabs, este movimento que, em 2014 abrangia apenas 300 empresas, teve alta de 1900% nos sete anos seguintes e, hoje, já conta com seis mil empresas. A projeção é que, até 2023, os clubes de assinatura atinjam 75% dos empreendimentos brasileiros.

Luciana conta que, depois de alguns meses em desenvolvimento, o site entrou no ar, em novembro de 2020, com 12 clubes de assinatura. Hoje, com pouco mais de um ano, a empresa tem quase cem clubes registrados e se aproxima da marca de 25 mil acessos mensais.

Para a diretora executiva, o sucesso da empresa está relacionado ao diferencial da empresa que, em todo o país, é o único portal com foco em clubes de assinatura. “Temos o objetivo de concentrar todos os clubes de assinatura do Brasil num único lugar. Buscamos explorar melhor esse segmento que em 2021 cresceu 18%

comparado com o ano anterior”, comemora Pimenta ao analisar os dados levantados pela Betalabs.

Em expansão, a Hub Home Box já se encontra, mesmo que digitalmente, em todas as regiões do país e os resultados do mercado internacional têm animado Luciana Pimenta. Isto porque, de acordo com ela, há um movimento mundial de receitas recorrentes e grandes empresas já aderiram aos produtos por assinatura. “Muitas outras perceberam que esse modelo só traz ganhos para quem vende e para quem compra também. Por isso acreditamos muito que os números seguirão numa crescente”, projeta.

Projeção

Segundo a empresa Betalabs, o movimento de clubes de assinatura já conta com seis mil empresas, com perspectiva de atingir 75% dos empreendimentos brasileiros até 2023

MEIO AMBIENTE

Semiárido e as mudanças climáticas

Interesse pelo comportamento de ecossistemas ambientais na Paraíba tem reunido vários pesquisadores

Márcia Dementshuk
Especial para A União

“A seca chega de fininho... É como uma infecção que começa sem dor; quando você vê ela já tomou seu corpo”, ilustra Carlos Galvão, pesquisador em hidrologia do Semiárido, hidrometeorologia e gestão de recursos hídricos e professor da Universidade Federal de Campina Grande.

Antes de causar dores na população, a seca já atingiu a vegetação, os animais, as plantações, ou os barreiros. Quando alcança as famílias no campo, ainda não mostrou seu potencial devastador para os moradores das cidades maiores. Mas dependendo das condições climáticas, não há escape. A população de Campina Grande, cidade polo da região da Borborema, na Paraíba, viveu esse sufoco a partir de 2014, quando a seca confrontou uma população com hábitos de uso da água como se o recurso abundasse.

Naqueles anos, o esforço político providenciou águas longínquas, acelerando obras que trariam águas do Rio São Francisco por cerca de 220 Km em canais artificiais até encontrar a calha do Rio Paraíba, em Monteiro. Mas para o açude Boqueirão (Epitácio Pessoa), que abastece Campina Grande, havia mais um pedaço a percorrer até que, em 2017, as águas do São Francisco encontraram o reservatório com menos de 3% de volume de água, o pior nível desde a sua fundação, em 1950. Carlos Galvão solta, então, uma série de perguntas retóricas: “Não sabemos que os períodos de seca são cíclicos? Não conhecemos tecnologia para mitigar esses impactos? Vamos nos comportar da mesma maneira diante dos alertas de aumento da temperatura, em um cenário onde sofremos impactos causados pelas mudanças climáticas?” O relatório mais recente do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas 2022), lançado na última semana, ratificou o que pesquisadores que atuam no Semiárido vem constatando a partir do tratamento e modelagem de séries de dados coletados desde a década de 1980. Nesta região os extremos se intensificarão: secas mais prolongadas e períodos de chuvas mais intensos, com ordem de magnitude maior: a frequência mudará com relação ao que ocorre hoje. “São dados de simulações, não podemos usar como uma afirmação”, alerta Carlos Galvão. O problema é que, na média, o volume de chuvas deverá ser menor, inclusive na região das nascentes do Rio São Francisco em Minas Gerais, o mesmo



Na região do Semiárido, os extremos se intensificarão com secas mais prolongadas e períodos de chuvas mais intensos



Fotos: Mano de Carvalho/Fapesq



A seca, quando alcança as famílias no campo, ainda não mostrou seu potencial devastador para os moradores das cidades maiores



O problema é que, na média, o volume de chuvas deverá ser menor, inclusive na região das nascentes do Rio São Francisco em Minas Gerais

Cultura da pesquisa compartilhada

Com o avanço da tecnologia da informação e as telecomunicações digitais, a dinâmica de pesquisa adquiriu um formato mais consistente e maior compartilhamento de informações. Através dos equipamentos potentes e softwares com interfaces amigáveis, os dados obtidos em campo pelos estudiosos podem ser acessados por interessados ao redor do mundo e aplicados metodologicamente.

Diferente do que acontecia há menos de uma década, quando a cultura do

pesquisador o levava a reservar informações exclusivas em benefício do ineditismo, atualmente, a inovação está em publicar os dados e integrar essa comunidade intelectual de forma respeitosa, referenciando os devidos créditos aos autores.

“A pesquisa transita em uma velocidade maior e com mais acurácia. Resultados podem ser comparados e testados; e trabalhar considerando mudanças climáticas exige essa agilidade e amplitude do espec-

tro de informações”, salienta Etham Barbosa.

Etham considera este um dos grandes desafios do PELD RIPA. O projeto sugere uma experiência de troca; gerar conhecimento novo a partir da integração de grupos de pesquisa diferentes. A coordenação do projeto tem um papel importante de identificar problemas que precisem de diversos grupos de pesquisa, devido à sua complexidade.

O PELD RIPA pretende nivelar a acessibilidade dos dados de todos os pes-

quisadores, tal como preconiza o movimento mundial de “open science”. O comitê científico do RIPA estabeleceu um protocolo de compartilhamento de dados a partir do qual as boas práticas são aplicadas. Além de instituir uma cultura renovada, o protocolo proporciona confiança entre os grupos. Determina que os dados usados sejam devidamente creditados ao pesquisador ou ao grupo que o gerou e garante que o trabalho de coleta de dados em campo seja reconhecido.

Conservação da bacia do Boqueirão

Conduzindo pesquisas em hidrologia na Paraíba há cerca de 40 anos cujos dados compõem o arcabouço de informações do PELD RIPA, Carlos Galvão profere um discurso sobre resiliência às mudanças climáticas com uma simplicidade pueril: “Se quisermos nos adaptar para vivermos nas condições climáticas previstas, de aquecimento global e local, por consequente, em primeiro lugar temos que reduzir desmatamento e promover reflorestamento. Isso vai proteger o solo da erosão que a chuva mais intensa provoca. Erosão provoca desertificação e não há mais como cultivar

alimento. Campina Grande precisa conservar a bacia do Boqueirão (mata ciliar, conservar nascentes) e controlar o consumo de água; terá que se adaptar. A preparação para a mudança climática é a mesma há anos: é ser sensato. É saber que os recursos são finitos”.

Integrantes do PELD RIPA, o professor da UFCG John Cunha e Rodolfo Nóbrega, pesquisador no Imperial College London, indicam que “é importante assessorar os tomadores de decisão na formulação das melhores estratégias para reabilitação das áreas suscetíveis à desertificação”. A comunidade científica su-

gere que “avaliar e distinguir os possíveis impactos das mudanças climáticas e das atividades humanas nessas áreas são o caminho para determinar a vulnerabilidade à desertificação dos ecossistemas secos globais”.

“Entretanto, a maioria das soluções propostas são fragmentadas, projetadas para responder aos impactos atuais ou riscos de curto prazo, focadas mais no planejamento do que na implementação, sem a necessária visão holística e interdisciplinar. Esperamos que as pesquisas de longa duração, como as desenvolvidas no projeto PELD

Rio Paraíba, permitam o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares e transdisciplinares, apresentando soluções para as complexidades do mundo real, particularmente em contexto de mudanças climáticas”.

Portanto, a proposta atual do PELD RIPA inclui dimensões que não são associadas apenas à ecologia, como a governança. Os pesquisadores ressaltam que não há mais como tratar de pesquisa em mudanças climáticas sem considerar a governança da sociedade. As ações estão interligadas. Uma atitude aqui gera uma consequência acolá.

“**Questão que não se resolve com conhecimentos fragmentados**”

Etham Barbosa

que socorreu os campinenses em 2017. O interesse pelo comportamento de ecossistemas ambientais na Paraíba em condições climáticas alteradas pelo aquecimento global têm reunido grupos de pesquisadores de disciplinas variadas. Em julho do ano passado esses grupos se estabeleceram em torno de um projeto socioambiental abrangente, o Rio Paraíba Integrado (RIPA), que conquistou o mérito científico pelo Programa Ecológico de Longa Duração, o PELD, do CNPq, e obteve financiamento do Governo do Estado da Paraíba, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a Fapesq, para operar durante quatro anos. O professor Dr. José Etham Barbosa, da Universidade Estadual da Paraíba, coordena um contingente intelectual formado por 79 pesquisadores, 51 alunos de graduação e pós-graduação, oriundos de 13 instituições de ensino e pesquisa, duas companhias, uma ONG; além de seis pesquisadores e outras sete instituições internacionais. “O tema mudanças climáticas tem um problema central que é a integração de conhecimentos. É uma questão que não se resolve com conhecimentos fragmentados”, entende Etham Barbosa.

Uma das contribuições do PELD RIPA é agregar pesquisadores experientes com iniciantes. O RIPA integra uma rede interdisciplinar, com uma abordagem integrada e apenas dessa forma será possível propor soluções para problemas como desertificação, mudanças climáticas, ou influência da sociedade nos recursos naturais. Carlos Galvão, peça dessa engrenagem, salienta que “a Fapesq teve um papel significativo alocando recursos possibilitando a reunião dessas pessoas e a discussão sobre a ecologia da bacia do Rio Paraíba, incluindo mudanças climáticas”.

No PELD RIPA encontram-se pesquisadores analisando os ecossistemas aquáticos (açudes, estuário, o trecho perenizado do rio Paraíba); ecossistemas terrestres (desde o Semiárido até o estuário); climatologia e meteorologia (como o clima interfere nesses ecossistemas da superfície e como a modificação da paisagem - desmatamento, uso do solo - interferem no clima), contando com equipamentos que monitoram nas regiões do Rio Paraíba. E ainda, componente fundamental na pesquisa, é a sociedade humana - como o rio é impactado pelas obras, como se dá a captação de água, o manejo do solo, a formação de vilas, os agrupamentos urbanos e tantas outras modalidades sociais.

A seca chega de fininho... É como uma infecção

Carlos Galvão



José Alves
zavieira2@gmail.com

Recuperar a biodiversidade de cada território, com a plantação de árvores nas nascentes dos rios é a principal meta do programa Nascentes Vivas. Na Paraíba, o programa foi lançado no dia 4 deste mês pelo governador João Azevêdo, no sentido de promover a restauração ecológica em áreas prioritárias. O objetivo do programa no estado é a plantação de mais de um milhão de mudas visando a recuperação de 600 hectares de áreas nascentes, beneficiando 24 municípios.

De acordo com estudos dos técnicos do projeto, conciliar o aumento e a abertura de novas áreas para produção agropecuária com a conservação da água, do solo e dos recursos florestais é o princípio básico para preservar e conservar a quantidade e qualidade das águas, além do desenvolvimento sustentável. Para a revitalização hidroambiental das bacias hidrográficas é essencial preservar as nascentes, reduzir a erosão dos solos e aumentar ou manter a cobertura florestal.

A plantação de árvores nas nascentes dos rios através desse programa é a garantia de mais água no futuro. “Vamos fazer com que a Nascente Viva se transforme numa verdadeira fábrica de água”, exaltou o governador.

Para o diretor da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Marcelo Cavalcanti, o objetivo maior é contribuir com a segurança hídrica da região para o abastecimento público e a sustentabilidade da agricultura. As próximas etapas são a manutenção e monitoramento das áreas.

E para estabelecer esse limite entre o uso do solo e a preservação ambiental é de fundamental importância envolver os produtores rurais, prefeituras, moradores e usuários para o entendimento de que todos são responsáveis, segundo avisa Marcelo Cavalcanti.

Matas ciliares

O replantio de matas ciliares é fundamental para manter a qualidade da água para todos. A plantação de árvores nas nascentes impede que a sujeira invada os olhos d'água. De acordo com informações dos especialistas, sem mata ciliar, as nascentes podem secar e margens de rios e riachos desabam, provocando a infiltração e a diminuição de água no solo diminui, reduzindo as reservas de água do lençol freático.

O programa Nascente Viva na Paraíba, segundo o governador João Azevêdo, representa um marco para o meio ambiente e atesta o compromisso da gestão com o desenvolvimento sustentável. “É, sem dúvida, o maior projeto ambiental dos últimos anos no estado. Com a plantação de mudas, vamos ter um impacto muito forte, e dentro de quatro ou cinco anos teremos a dimensão dessa iniciativa. Será um renascer para o Rio Paraíba, permitindo que tenhamos segurança hídrica em toda a região do Cariri”, prevê.

Na primeira etapa do projeto, serão plantadas 16 mil mudas. Azevêdo lembrou que, ao longo dos anos, o Rio Paraíba passou por um processo de degradação ambiental, mas com esse projeto, ele voltará a ser uma área de preservação permanente e promoverá o bem-estar da população.

NASCENTE VIVA

Construindo uma “fábrica de água”

Paraíba inicia plantio de mais de um milhão de mudas para recuperar áreas de nascentes

Fotos: Secom-PB/Divulgação



João Azevêdo (foto acima) ajudou a plantar as primeiras mudas em Monteiro, onde mais de 10 hectares de área serão recuperados

“

É, sem dúvida, o maior projeto ambiental dos últimos anos no estado

João Azevêdo

Do Cariri ao Brejo

O diretor da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Marcelo Cavalcanti, enfatizou que, com esse projeto, os paraibanos terão mais áreas de vegetação que beneficiarão a fauna. A vazão do Rio Paraíba fará com que a água chegue às pessoas através do canal Acauã-Araçagi e com a adutora Transparaíba, ao Cariri, ao Curimataú e ao Brejo.

Marcelo Cavalcanti explicou que o projeto Nascente Viva surgiu com a necessidade de reposição florestal. Toda empresa que faz uma supressão vegetal precisa repor a vegetação que tirou. Então, com o advento de empresas, sobretudo de energia fotovoltaica, o governo viu a necessidade de criar um projeto para canalizar esse plantio de forma positiva, começando pelas nascentes do Rio Paraíba.

“Com a plantação de mudas nas nascentes do Rio Paraíba, estamos ‘plantando água’ para promover a vazão do rio”, declarou Cavalcanti, explicando que o projeto prevê uma série de ações no campo da educação ambiental entre proprietários de terras, lideranças comunitárias e comunidades ribeirinhas. Serão realizadas palestras para todo esse pessoal e também com alunos das escolas públicas e privadas, inclusive levando-os ao local para conhecerem o projeto. O objetivo é fazer com que eles sejam multiplicadores da ideia.

O projeto conta com 14 empresas públicas e privadas, entre elas a Rio Alto, a PBGás e o Departamento de Estradas e Rodagem (DER). “Todas estão empenhadas no replantio de mudas nas nascentes do rio e nas matas ciliares com o acompanhamento da Sudema, em parceria com as universidades federais da Paraíba (UFPB) e Campina Grande (UFCG)”, revelou o superintendente da Sudema.

“

Com a plantação de mudas nas nascentes do Rio Paraíba, estamos ‘plantando água’ para promover a vazão do rio

Marcelo Cavalcanti

Rio Paraíba: o primeiro passo

De acordo com o diretor-presidente da Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa), engenheiro Porfírio Catão Cartaxo Loureiro, esse projeto não vai ser executado apenas no Rio Paraíba.

“Esse foi apenas o primeiro passo dado pelo governador João Azevêdo, que vai ser estendido a todos os rios do estado”. Sobre as pessoas que moram nas áreas ribeirinhas, o presidente da Aesa afirmou que elas serão as primeiras a serem beneficiadas com a revitalização do rio e consequentemente passarão a preservar a área.

Ele destacou que todas as prefeituras do Cariri e a sociedade, de um modo geral, serão incor-

poradas e engajadas a esse projeto, cujo objetivo é revitalizar todos os rios do estado.

Mais água

Para Porfírio Loureiro, recuperar uma nascente é o mesmo que fazer uma produção de água. A tendência com esse replantio é que os paraibanos tenham mais água disponível do Rio Paraíba, que se revitalizou com as águas do São Francisco. Por esse motivo ele é um rio perenizado. E para recuperá-lo em sua totalidade, foi dado o primeiro passo pelo governador com o replantio de mudas em sua nascente.

O segundo passo a ser dado será com o plantio de árvores em suas margens.

Parcerias garantem recursos e investimentos

Segundo Edmond Farhat, representante da Rio Alto (empresa de energias renováveis), levantamento feito pela empresa mostrou que existem cerca de 750 possíveis nascentes do Rio Paraíba, mas após um estudo hidroambiental foram encontradas 550 em 18 municípios. “Outras não foram encontradas porque estão em propriedades privadas, ou porque não existem mais”, revelou, complementando que de todas as nascentes encontradas, 60% estão em ótimas condições e as demais necessitam de um replantio.

Farhat enfatizou que a Rio Alto vem fazendo grandes investimentos na Paraíba, já instalou um complexo em Coremas e iniciou nos municípios de Santa Luzia e São Mamede o Complexo Solar Santa Luzia - tido como o maior parque já instalado no Brasil, com geração de 1,6 gigawatt (GW), com capacidade de suprir mais de

1,6 milhão de residências.

A expectativa é que sejam construídas 28 usinas solares fotovoltaicas de 58 megawatts, em uma área já definida de dois mil hectares em Santa Luzia e São Mamede. Ele informou que serão investidos R\$ 4,2 bilhões, com estimativa de geração de dois mil empregos. As obras foram iniciadas em julho do ano passado, e com elas já instaladas, toda a Paraíba estará 100% munida de energia renovável em 2023.

Saiba Mais

O Programa Nascentes foi criado pelo Governo Federal em 5 de junho de 2014, no dia do Meio Ambiente, a fim de promover a restauração ecológica em áreas prioritárias, ou seja, nas nascentes dos rios. No estado da Paraíba, 14 empresas públicas e privadas, além da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande, estão engajadas no projeto que otimiza o direcionamento de investimentos

públicos e privados para proteção e recuperação de matas ciliares e nascentes (olhos-d'água).

O Rio Paraíba, o segundo maior rio do estado, nasce a mais de mil metros de altitude na Serra de Jabitacá, no município de Monteiro, divisa com Sertânia, em Pernambuco, percorrendo toda a região centro-sul paraibana, banhando uma área de 20 071,83 km².



Foto: TVtorcedor



Foto: Sanny Oliveira/Campinense



Foto: Reprodução/Instagram

Danylo Maia, do Campinense

Psicóloga Rosângela Vieira

PAZ NO FUTEBOL

Paraíba vigilante no combate à violência nos estádios

Entidades trabalham incansavelmente para contornar conflitos e tornar o ambiente do futebol cada vez mais seguro para torcedores

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Quando um momento que é pra ser de celebração e alegria vira barbárie. Quando estádios de futebol viram campos de guerra e ruas e avenidas do entorno se transformam em corredores violentos. Atitudes grotescas que em nada representam o esporte e que, infelizmente, são comuns no mundo todo. Mas o que leva as torcidas a irem para o embate? Como as autoridades em segurança combatem esse tipo de crime e mais, será que um dia o futebol se verá livre desse tipo de problema?

No dia 29 de janeiro deste ano, atos de violência e vandalismo durante o jogo entre o Campinense e o Bahia foram parar na justiça e resultaram em recomendação expedida pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB) sobre o banimento temporário das torcidas organizadas 'Jovem do Galo' e 'Facção Jovem', envolvidas na confusão. O documento, assinado pelo coordenador da Comissão Permanente de Prevenção e Combate à Violência

“

Dentro do estádio, a partir do momento que o torcedor entra, não há registros maiores de confrontos entre torcedores, graças ao policiamento bem feito e bem distribuído

Major Cavalcante

cia contra os Estádios, o procurador de Justiça Valberto Lira, foi encaminhado à Federação Paraibana de Futebol (FPF) e à Polícia Militar (PM). O MPPB tratou ainda do afastamento das torcidas do raio de cinco mil metros dos equipamentos esportivos nos dias de jogo, além da proibição de entrada com camisas, uniformes, bonés e qualquer outro acessório que as identifique nos estádios. As torcidas recorreram, mas não tiveram a solicitação atendida. Outro fato também registrado em Campina Grande, no Estádio Presidente Vargas no último domingo, 6, envolveu torcedores do Treze e Nacional de Patos. O MPPB, com o apoio da Polícia Militar da Paraíba segue firme no combate a esse tipo de ocorrência, punindo quem tenta apagar o brilho do futebol. E nos jogos a Federação também faz campanha contra a violência nos estádios.

Questões como essa permeiam o esporte e acabam se tornando rotina nos noticiários. Na Paraíba, apesar

de haver registros, os estádios ainda são considerados seguros. Quem afirma é o Major Cavalcante, da Cavalaria da Polícia Militar da Paraíba, responsável pela segurança no Estádio Almeidão e entorno. “Não há muitos registros de brigas, basicamente reina a paz”. O entrevistado chama a atenção para o lado de fora dos estádios, quando a violência é mais presente e também mais difícil de ser controlada. “Dentro do estádio, a partir do momento que o torcedor entra, não há registros maiores de confrontos entre torcedores, graças ao policiamento bem feito e bem distribuído. Há também um respeito mútuo entre os torcedores”. O efetivo policial, que trabalha incessantemente no combate a esse tipo de violência, varia de acordo com a necessidade de cada partida. Clássicos e times com histórico de rivalidade entre torcidas geralmente são os que mais preocupam.

Para a psicologia, campos e estádios são terrenos propícios para o embate por reunirem um grande número de pessoas, muitas delas desreguladas emocionalmente e que, por consequência, acabam promovendo os chamados comportamentos disfuncionais. “A banalização da agressividade acontece porque muitas vezes as pessoas sentem emoções intensas como raiva, ansiedade, estresse, medo... e essas emoções quando não conseguem ser dosadas no cérebro acabam sendo projetadas nos atletas, nos árbitros, nos técnicos e nos clubes com toda intensidade”, pontua Rosângela Vieira, psicóloga Clínica e Esportiva. A especialista fala ainda que além da intensidade de sentimentos há, de certo modo, uma relação cultural já que é habitual nesses espaços extravasar as emoções através de xingamentos, por

Foto: Werneck Moreno/PM



A cavalaria da PMPB sempre atenta em dias de jogos no Estádio Almeidão

exemplo. “E essa canalização distorcida chega, muitas vezes, à violência física, a atos ilícitos... então pela falta de interesse das pessoas de se regular em emocionalmente elas conduzem esses comportamentos disfuncionais”. Seria a prevenção a saída, acredita. “Mas no nosso país a gente realmente não tem essa cultura da prevenção o que é uma pena, poderia ser diferente. Nosso futebol poderia ter muito mais emoções boas com comportamentos mais funcionais e positivos”.

Para os dirigentes de times, as brigas entre torcidas só prejudicam o esporte. O presidente do Campinense, Danylo Maia, conta que a equipe de Campina Grande trabalha para evitar qualquer tipo de atrito e para isso tem se valido da aproximação com o torcedor. “Temos contado muito com o apoio do torcedor nas decisões, nas ações de fortalecimento da marca e principalmente nas ações que remetem à reestruturação física do clube. Eu acredito que a partir do momento que o clube traz a torcida pra participar a gente consegue reduzir muito a questão da violência porque a gente termina direcionando o foco nesse sentido”. A tática do Campinense tem surtido efeito, pelo menos dentro do estádio, segundo Danylo Maia, que elogiou o trabalho dos órgãos de fiscalização. “Têm feito um trabalho importante no controle à violência. O Campinense sempre se posiciona a favor da paz, da prática do esporte onde a família possa participar efe-

tivamente no estádio, torcendo e vibrando”, finalizou.

O presidente do Sousa Esporte Clube, Aldeone Abrantes, foi direto. Sem casos registrados de violência no Marizão, ele acredita que o que acontece no futebol é, de certa forma, um recorte do que acontece fora dele. “A violência não é ‘privilégio’ dos estádios não. As brigas na maioria das vezes são fora e até distante dos estádios, é que no futebol tudo é super dimensionado”, acredita.

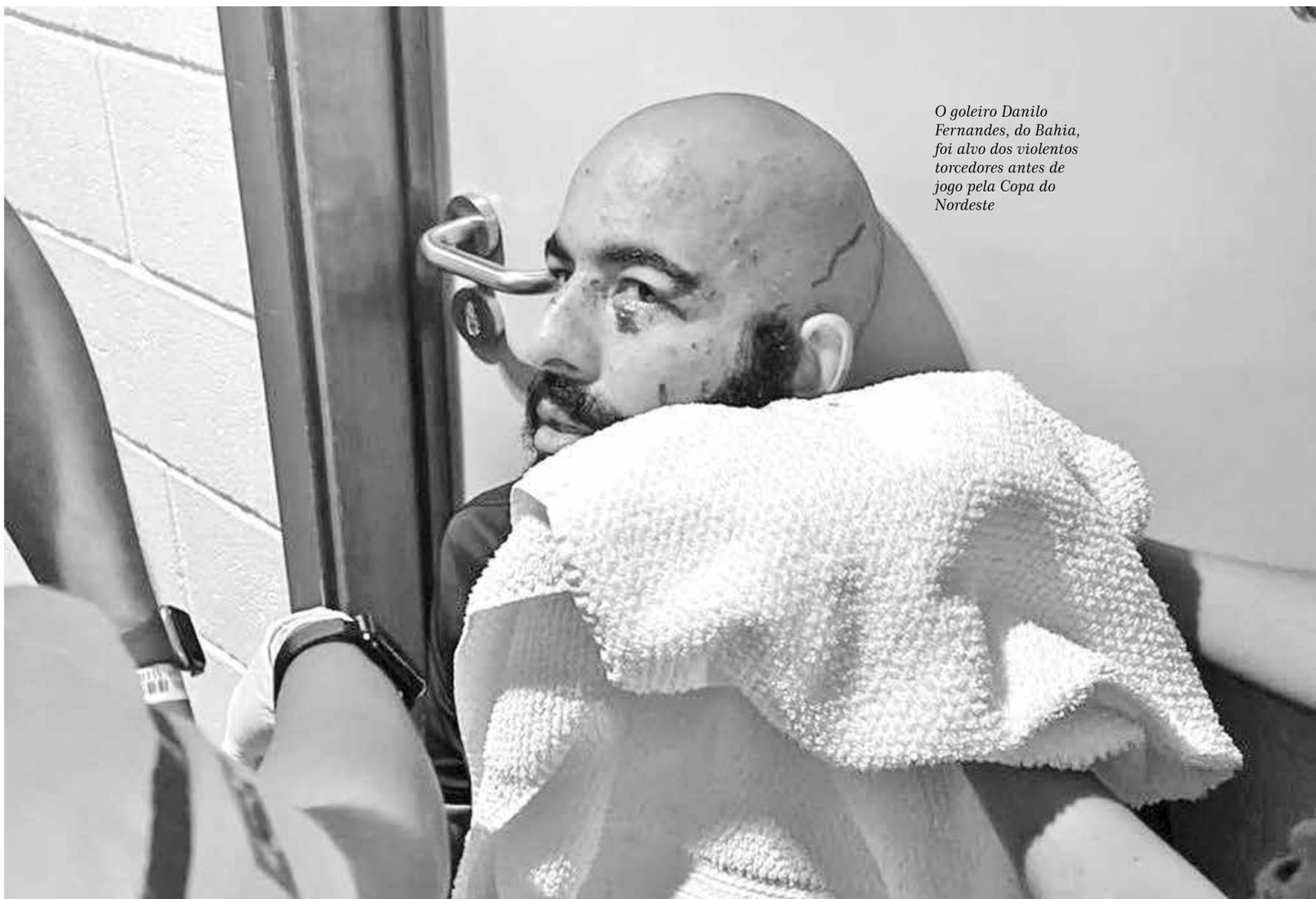
Mas é essencial destacar também que a grande maioria das torcidas trabalha a política da não violência. Muitas sequer aceitam membros que simpatizem com esse tipo de comportamento. Thiago Fernandes, presidente da Império Alvinegro, torcida do Botafogo da Paraíba, criada em 2004, conta que é esse o perfil da Império. “Respeitando todas as outras ideologias, mas a nossa é festa na arquibancada, então a gente prega a paz e nunca nos envolvemos em nenhuma confusão ou briga”, assegura. E mais, Thiago literalmente torce pelo fim das brigas entre torcidas. “Que a gente possa ter uma rivalidade mais sadia, de festas, de quem canta mais alto, de quem coloca mais gente no estádio... mas infelizmente é algo que já está enraizado e não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A luta contra a violência é um trabalho de formiguinha, que de repente daqui a muitos anos a gente consiga sim, tem que ter esperança”.

Leia mais na Página 22

Foto: Arquivo Pessoal



Thiago Fernandes, da Império



O goleiro Danilo Fernandes, do Bahia, foi alvo dos violentos torcedores antes de jogo pela Copa do Nordeste

Foto: Divulgação/redes sociais

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Brasil tem um caso a cada quatro dias

Levantamento feito neste início de temporada mostra 15 ocorrências no país, inclusive com agressões a jogadores

Pedro Ramos e Ricardo Magatti
Agência Estado

Levantamento do Estádio registrou 15 casos de violência no futebol brasileiro neste início de ano, entre ônibus atacados, invasões de campo e brigas entre torcedores dentro e fora dos estádios. É um episódio a cada quatro dias. As cenas lamentáveis fizeram o técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, e o atacante Willian, do Corinthians, se posicionarem nos últimos dias cobrando medidas das autoridades.

“Hoje entrei aqui nessa coletiva de imprensa, me disseram que tinha havido uma rixa num jogo, inclusive acho que morreu uma pessoa. É preciso morrer quantas mais? Os organismos, quer sejam os do futebol, quer sejam extra-futebol, têm de assumir, dar as caras, exercer os cargos que têm. Têm de justificar o cargo que têm. Quando eu não ganho, pedem responsabilidades. Isso é o que espero que cada pessoa em seu cargo faça, assumam responsabilidades. Pelo bem do futebol brasileiro. De todos nós. Que se junte a CBF, quem organiza estaduais, o Ministério Público, mas que se tomem medidas”, disse Abel Ferreira, que já trabalhou em Portugal e Grécia, dois locais que também convivem recentemente com episódios de violência.

Em pelo menos quatro episódios de violência neste ano, os jogadores foram as vítimas diretas da agressão. Os ônibus das delegações de Grêmio e Bahia sofreram com atentados em que dois jogadores foram atingidos. No clube gaúcho, o atentado gerou um traumatismo craniano no paraguaio Villasanti. No caso da equipe baiana, o goleiro Danilo Fernandes ficou ferido pelos estilhaços e precisou passar por um procedimento no olho.

No fim de fevereiro, a torcida do Paraná invadiu o gramado aos 40 minutos do segundo tempo e agrediu os jogadores. O re-

sultado rebaixou o time para a segunda divisão do campeonato estadual. Na súmula da partida, o árbitro Leonardo Ferreira Lima informou que, ao conversar com o comandante da Polícia Militar Marcos Roberto, o oficial contou que “não teria condições de garantir a segurança para o prosseguimento da partida”.

O presidente em exercício da Federação Nacional de Atletas (Fenapaf), Alfredo Sampaio, criticou as entidades esportivas por não chamarem a responsabilidade para o problema e contou que o órgão enviou à CBF uma lista de sugestões para combater os atos de violência como parte de um ofício cobrando mais rigor nas punições aos responsáveis pela onda de violência. Também fez contato com o Governo Federal.

“Todo mundo fala, fica indignado, só que ninguém toma atitude. Já enviamos um ofício ao STJD e à CBF com toda a nossa indignação do nosso medo de um dia chegar em um homicídio e sugerindo medidas imediatas. Não tivemos resposta ainda”, protesta Sampaio. “Uma das sugestões é que os ônibus que transportam os atletas sejam blindados. São medidas que podem soar absurdas, mas precisam ser feitas. Jogo que tenha risco de rebaixamento não pode ser em estádio pequeno. Clubes que tiverem esses tipos de agressão já, de cara, ficam seis meses sem jogar com público. O clube não é 100% culpado disso, mas precisamos punir o clube para punir o torcedor. Precisamos pedir que as federações e a CBF sejam responsáveis por essa violência. Nem quando alguém morrer, vai parar. Vai virar estatística”, completa. Antes vice-presidente, ele assumiu o cargo após o afastamento do presidente e vai ficar na vaga por quatro meses até a convocação de novas eleições.

Comissão

A Assembleia Geral Extraordinária que ratificou as mudanças

feitas no estatuto da CBF também serviu para os cartolas iniciarem ainda que timidamente - uma movimentação contra a violência nos estádios. Os dirigentes decidiram criar um grupo de estudos e convocar representantes de diferentes segmentos da sociedade para debater o tema. Por ora, essa é a medida mais efetiva tomada pela entidade máxima do futebol brasileiro para tentar diminuir as cenas de barbárie vistas neste início de temporada.

“Não só os clubes da Série A, mas os das Séries B, C e D, imprensa, OAB, STJD e todos os outros segmentos, inclusive internacionais (serão chamados), para que possamos trabalhar sempre no sentido de combater a violência nos estádios. Isso tem prejudicado muito o futebol em todo o mundo, principalmente nestas últimas situações aqui no Brasil”, sustentou Rodrigues.

Sindicato

Washington Mascarenhas, ex-jogador e presidente do Sindicato dos Atletas de Futebol do Município de São Paulo (Siafmsp), disse que os atletas estão bastante assustados com as cenas de violência. “Eles ficam preocupados. Como ele vai jogar dessa maneira? Se ele perder o jogo, ele vai sair do estádio preocupado com o que pode acontecer. Tenho conversado com vários atletas. As postagens e notas das entidades são pouco. A gente depende da CBF, das federações e dos clubes. É preciso criar dispositivos para proteger os atletas. Não adianta a gente ficar nessa discussão toda vez e nada muda. Aconteceu um ano atrás, dois anos atrás, três... Na minha época de jogador também aconteceu. Está aumentando cada vez mais. A coisa está ficando séria”.

O vice-presidente da Federação Brasileira de Treinadores de Futebol, Vagner Mancini, foi outro a condenar os graves episódios recentes e pediu urgência para as autoridades coibir a violência. “Eu

penso nisso com muita seriedade. Quem trabalha no futebol não está seguro. Não está seguro nos CTs, não está seguro nos aeroportos, não está seguro nas ruas. Vivemos num país onde ‘Somos reféns da impunidade’. Ou a Justiça altera rapidamente a lei e começa a punir os envolvidos/culpados ou logo estaremos lamentando algum desastre”.

Casos de violência não são novidade no futebol brasileiro. Diferentes medidas para coibir a violência nos estádios já foram utilizadas. Policiamento reforçado, jogos com portões fechados, torcida única em clássicos e proibição de entrada de material de torcida, como instrumentos e bandeirões. Mas episódios que mancham o esporte voltam a acontecer repetidamente.

Tecnologia

Antes da partida entre Atlético-MG e Cruzeiro pelo Campeonato Mineiro realizada no último domingo, um homem foi morto baleado em uma briga envolvendo dezenas de torcedores em um bairro a 11km do Mineirão. Até o momento, ninguém foi preso.

No clássico, o Juizado do Torcedor teve ajuda de uma tecnologia de reconhecimento facial para

combater atos de violência. A ferramenta foi desenvolvida entre o Tribunal de Justiça de Minas Gerais e a empresa Biomtech para fazer o controle de comparecimento periódico dos presos em regime aberto. Recentemente, a companhia foi procurada pelo Juizado do Torcedor para expandir a tecnologia para eventos esportivos. Todo torcedor que estivesse no estádio ou ao redor dele e for pego praticando qualquer ato ilícito seria encaminhado à delegacia do estádio para fazer seu cadastro facial.

No clássico, três pessoas foram detidas por atos ilícitos. O primeiro pulou a catraca e aceitou o acordo de transação penal, tendo que comparecer ao fórum de justiça durante quatro meses em dias de jogos do Atlético-MG em Belo Horizonte. Nele, fará o reconhecimento facial para comprovar que estava fora do estádio. Um segundo torcedor foi encaminhado ao Juizado do Torcedor por briga com os seguranças e não recebeu esta opção, pois já respondia por outro dois antecedentes. Ele também abriu processo contra os seguranças. Já o terceiro foi acusado de tumulto, mas não aceitou o benefício por se considerar vítima e responderá o processo.

Foto: Lucas Uebel/Grêmio



O atentado aos atletas do Grêmio gerou um traumatismo craniano no jogador paraguaio Villasanti antes do clássico contra o Internacional



O Estádio Zezão, em Itaporanga, tem sido palco do famoso torneio amador que reúne dezenas de equipes no mês de maio

TORNEIO EM ITAPORANGA

Poeirão vira patrimônio histórico e cultural

Competição é uma tradição no Sertão paraibano que acontece desde 1976, reunindo equipes da Paraíba, de Pernambuco, do Ceará e do Rio Grande do Norte e ficou tão famosa que, em maio de 2015, ganhou uma reportagem no Esporte Espectacular

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O governador João Azevêdo (PSB) sancionou o Projeto de Lei (12243/2022) de autoria do deputado estadual Taciano Diniz (Avante) que reconhece o Torneio de Futebol Amador "Poeirão", realizado no município de Itaporanga, como Patrimônio Histórico, Cultural Imaterial do estado da Paraíba. A decisão foi publicada no Diário Oficial do Estado da última terça-feira (9).

O torneio, que é uma tradição no Sertão paraibano, acontece no Estádio José Barros Sobrinho "O Zezão", e reúne equipes amadoras da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte desde 1976, sendo que o título da 1ª edição foi conquistado pelo Catolé de Jotinha. Inicialmente as partidas eram realizadas em campo de terra, que originou o nome "O Poeirão". Atualmente, o torneio é promovido pela diretoria do Atlântida Esporte Clube, equipe amadora que foi fundada

por Heleno Feitosa Costa (In memoriam).

Para o atual presidente do Atlântida e organizador do torneio, Sérgio Modesto, a lei complementa o reconhecimento oficial pela contribuição histórica, cultural e econômica da competição, desenvolvida em Itaporanga e região por mais de 40 anos.

"O evento já está consolidado como um dos maiores campeonatos amadores do mundo. Já reuniu 190 equipes em uma única edição e temos a responsabilidade de mantermos a tradição há mais de quatro décadas. Não é apenas futebol e sim um evento que movimenta a cultura e a economia da região durante todos os dias do mês de maio. Agradeço a sensibilidade das autoridades pelo reconhecimento histórico e cultural do Poeirão", comentou.

Ao longo das quatro décadas, o torneio vem marcando a geração de grandes jogadores, amadores ou profissionais. O ex-atacante Edmundo, campeão paraibano pelo Sousa, em 2009, e artilheiro em diversos clubes da Paraíba é um exemplo. Natural de Itaporanga, ele jogou a competição na adolescência, antes de se tornar profissional. Edmundo admite que o torneio, mesmo sendo amador, abre oportunidades para jovens que sonham se tornar jogadores profissionais no futebol.

"Dispatee o torneio pela primeira vez ainda na adolescência pela equipe do ASA. Na época com 18 anos sonhava em me tornar atleta profissional. Me destacava como um bom jogador e a boa participação me rendeu as primeiras chances, quando comecei a minha trajetória profissional no futebol, defendendo a equipe do

190

equipes já participaram de uma edição do torneio, que movimentou a economia da região durante os dias de sua realização, sempre ocorrendo em maio

Esporte de Patos, no início da década de 90. Hoje, o torneio proporciona novas oportunidades, pois durante todo o mês de maio, vários "olheiros" de grandes clubes do Nordeste chegam à nossa cidade para observarem os melhores jogadores do torneio", pontuou.

Quando se aposentou em 2011, Edmundo voltou a disputar a competição em 2012. No mesmo ano foi campeão defendendo a equipe do Estrela. Nas edições de 2014 e 2015 voltou a levantar o troféu, jogando pelo time da Jurema. Hoje, aos 51 anos, o ex-atacante pretende novamente disputar o torneio.

"A idade vai chegando e a condição física acaba comprometendo a nossa vontade de querer sempre estar presente na competição. O amor pelo futebol fala mais alto, na vida tem jeito para tudo, não duvidem caso o artilheiro volte à ativa. Vou passar por avaliação física e tentar estar à disposição até o início do torneio", brincou.

Fora do calendário nos dois últimos anos por conta da pandemia, o torneio será retomado este ano e chega a sua 44ª edição com uma premiação no valor de R\$ 15 mil prevista para o grande campeão. O Grêmio do Sítio São Pedro é detentor do maior número de títulos, 11 no total, mas quem levantou o troféu em 2019, foi a equipe Pereirinha, do município de Ibiara. De acordo com a organização, a expectativa é que o torneio chegue a um número recorde de participantes em uma única edição.

"Muitos times da região e de outros estados têm mostrado interesse em disputar o torneio. Ainda este mês iremos nos reunir com a equipe técnica para definirmos a fórmula de disputa desta edição. As inscrições irão custar R\$ 400,00 e serão realizadas durante todo o mês de abril. Os clubes interessados poderão confirmar as suas participações na sede da diretoria do Atlântida E.C. Há dois anos que o evento não é realizado por conta da pandemia. A nossa perspectiva é de termos um recorde de participantes em uma única edição", disse Sérgio Modesto.

O agora Campeonato de Futebol Amador "Poeirão", reconhecido como Patrimônio Histórico, Cultural Imaterial do estado da Paraíba, terá início no primeiro dia do mês de maio, e tradicionalmente, segue de acordo com a quantidade de times inscritos.

O torneio ganhou tanta importância em âmbito nacional que, no dia 14 de maio de 2015, o repórter Regis Rosing, do Esporte Espectacular, da Rede Globo, esteve em Itaporanga, gravando matéria sobre os bastidores e curiosidades do 'Poeirão', maior torneio de futebol amador do mundo.



Foto: Felipe Gesteira

Edmundo, que fez história em vários clubes da Paraíba, disputou diversas edições do torneio e vê a competição como de extrema importância para o futebol amador



Jogadores do Campinense treinando no Renatão visando mais um jogo do Paraibano 2022



No Presidente Vargas, os jogadores do Galo treinaram de olho no jogo contra a Raposa



CLÁSSICO DOS MAIOAIS

Raposa e Galo duelam no Amigão

Rivais se enfrentam pela quarta rodada do Campeonato Paraibano e torcidas prometem uma grande festa

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Esta é uma semana de festa em Campina Grande, com a realização do clássico dos maiorais entre Campinense x Treze. Este será o confronto de número 416 entre os dois clubes, que começaram a se enfrentar em 1955. A partida está programada para este domingo, às 16 horas, no Amigão, em Campina Grande, e será válida pela quarta rodada da primeira fase do Campeonato Paraibano de 2022.

No retrospecto da história do clássico dos Maiorais, o Galo tem uma boa vantagem sobre a Raposa. Nos 415 jogos disputados, o Treze venceu 141 vezes e o Campinense 111. Houve 163 empates. O Alvinegro marcou 501 gols, contra 452 do Rubro-negro. Mas, no momento, o Campinense tem vantagem e não perde para o Treze há quatro partidas, com dois empates em 0 a 0 e duas vitórias da Raposa por 1 a 0.

O momento atual é melhor para o Campinense, que vem de uma temporada fantástica em 2021, quando foi campeão paraibano e vice-campeão brasileiro da Série D, título que lhe deu o

acesso para a Série C deste ano. Em 2022, a equipe tem sido um pouco irregular e está praticamente eliminada da Copa Nordeste em sua primeira fase. No Paraibano, o clube vem bem e em dois jogos somou seis pontos, sendo que três deles foram por WO, diante do Nacional de Patos na estreia.

Após um empate em 1 a 1 com o Botafogo, no último domingo pela Copa do Nordeste, que praticamente tirou as chances de classificação na competição, a Raposa teve uma semana de folga para se preparar para o clássico, e focar apenas no Campeonato Paraibano. O atacante Olávio, que nunca participou de um jogo contra o Treze, está super motivado para a partida e espera que a torcida compareça em massa e empurre o time para cima do Galo.

“O nosso torcedor é sempre muito importante de ter ao nosso lado. Esse será o meu primeiro Clássico dos Maiorais aqui e nos preparamos muito para esse jogo. A participação do torcedor é indispensável para conquistarmos a vitória, e por isso, estamos ansiosos para encontrarmos a nossa torcida nas arquibancadas

do Amigão”, disse o atacante.

O técnico Ranielle Ribeiro terá um retorno importante para essa partida contra o Treze, o goleiro Mauro Iguatu, que sentiu um cansaço muscular e acabou não enfrentando o Botafogo, no último domingo. O paredão e ídolo da torcida está há quatro partidas sem tomar gol do Galo.

“Esses números são muito positivos, mas nós sabemos como é difícil e imprevisível um clássico. Eu também já estive do outro lado e sei como é. Eu lamento muito ter ficado fora do jogo com o Botafogo, mas tem hora que o nosso corpo pede um descanso. Agora, estou de volta e se Deus quiser, respeitando muito o Treze, vamos buscar a vitória para melhorar a nossa posição no Campeonato Paraibano”, disse o goleiro.

No Galo, a campanha no Paraibano é muito ruim e a pressão aumenta cada vez mais. Na última quinta-feira, o clube perdeu para o Nacional, em Patos, e se complicou ainda mais. A equipe foi reforçada nesta semana com as chegadas do volante Carlão, do zagueiro Ramon e do atacante Everton Kanela, mas não adiantou. O volante Carlão até

que chegou muito motivado para levar o Treze ao título paraibano.

“A gente sabe do peso da camisa do Treze, nós temos um grupo muito qualificado e é chegada a hora das coisas começarem a dar certo”, disse o volante. As duas equipes voltam a se enfrentar no meio de semana. Este jogo de hoje tem o mando de campo do Campinense. A torcida do Treze ficará na arquibancada geral, e os preços dos ingressos custam R\$ 60,00 a inteira e R\$ 30,00 a meia entrada. A torcida rubro-negra vai ficar na arquibancada principal, também chamada sombra. Nas cadeiras será torcida mista com os preços de R\$ 100 inteira e R\$ 50,00 meia.

Por recomendação do Núcleo de Desporto e Defesa do Torcedor, vinculada ao Ministério Público, ficou definido que os torcedores do Campinense (mandante) e torcedores visitantes vão ficar em setores distintos, prática que já vem sendo adotada nos últimos clássicos. O Campinense vai ocupar toda a extensão da Arquibancada Principal/Sombra. Já o Treze vai ter seus torcedores localizados na Arquibancada Geral/Sol.

HOJE NO PERPETÃO

Atlético tenta surpreender o Sousa

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Hoje é dia de clássico no Sertão da Paraíba. Atlético e Sousa jogam às 16 horas no Estádio Perpetão, em Cajazeiras, pela quarta rodada do Campeonato Paraibano. Será o primeiro clássico do ano entre os rivais, que atravessam momentos completamente distintos nesta temporada. Enquanto o Sousa faz uma campanha razoável na Copa do Nordeste e excelente no estadual, com sete pontos e em segundo lugar do grupo A, o Atlético passa por uma crise financeira muito grande e o time ainda não conseguiu uma única vitória em quatro jogos disputados no Paraibano e é o lanterna do grupo, com apenas um ponto.

Após o empate contra o São Paulo Crystal dentro do Perpetão, a torcida atleticana vem fazendo muitas críticas ao time e a diretoria, pedindo contratações. O presidente Paulo Albuquerque respondeu esta semana, via rede social, que desde que assumiu o clube quis organizar a administração e colocar em dia as dívidas

que ultrapassam R\$ 4 milhões de reais, que o trabalho leva tempo, mas o torcedor não está tendo a paciência necessária para colher os frutos plantados. Ele disse, ainda, que os torcedores reclamam, mas não comparecem ao estádio para apoiar o clube, que tem uma média de apenas 450 pagantes por partida, como mandante.

O técnico Jazon Vieira, que estreou com empate contra o São Paulo Crystal, disse que vem aos poucos colocando a sua filosofia de jogo no grupo de atletas e o elenco foi reforçado, mas ainda faltam algumas coisas.

“Estivemos bem contra o São Paulo, até os 25 do segundo tempo, quando levamos o gol e nos desarrumamos dentro de campo. Isto não pode acontecer. Temos que elevar o moral desses jogadores, passar confiança, porque precisamos reagir o mais rápido possível, para depois não ter complicação no restante da competição, que é muito rápida. Vamos enfrentar um adversário que vem bem e entrosado, desde o ano passado, e será um jogo muito difícil para nós, mesmo



Jogadores do Sousa treinando no Marizão para o clássico contra o Atlético

em nossa casa. Nós temos que reagir, ter confiança e colocar em prática o nosso jogo para conseguir uma grande vitória. Isso traria uma grande confiança para os jogos seguintes”, disse o treinador do Trovão Azul. O Sousa vem embalado, após uma goleada de 5 a 1 no Globo pela Copa do Nordeste e uma vitória por 2 a 1 sobre o São Paulo, equipe que vinha invicta no Campeonato

Paraibano e é líder do grupo A, com nove pontos. Diante do bom rendimento da equipe, o técnico Tardelly Abrantes deverá repetir a mesma escalação do jogo do meio de semana.

O meia Esquerdinha, que vem se destacando no clube, espera um jogo difícil e que apesar do bom momento que vive o Dinossauro, enfrentar o Atlético é sempre um jogo imprevisível.

Jogos de hoje

■ BAIANO

16h
Atlético x Juazeirense
18h30
Bahia de Feira x Doce Mel

■ CARIOCA

11h
Nova Iguaçu x Madureira
16h
Vasco x Resende
Audax-RJ x Botafogo

■ MINEIRO

11h
Caldense x Athletic Club
16h
Villa Nova x Patrocinense
17h30
Cruzeiro x Pouso Alegre

■ PARAIBANO

16h
Campinense x Treze
Atlético x Sousa

■ PARANAENSE

11h
Londrina x Athletico-PR
15h30
São Joseense x Operário
18h30
Cianorte x Coritiba

■ PAULISTA

16h
Mirassol x São Paulo
18h30
Palmeiras x Santos
20h30
Botafogo x Novorizontino
Ituano x Bragantino

■ POTIGUAR

16h
Potiguar-M x ABC
Globo FC x América-RN

■ SERGIPANO

15h15
Boca Júnior x Itabaiana
16h
Falcon x Atlético Gloriense

André Resende
 andre.resendejornalismo@gmail.com

O Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), fundado em 1905, nasceu em um movimento que se espalhou pelo país, com o surgimento de instituições parecidas em todos os estados, à semelhança do Instituto Histórico Geográfico do Brasil. Mais de cem anos depois, entre participações importantes na história local e a diminuição da influência política no estado, outros institutos históricos foram surgindo no território paraibano. Um levantamento feito pelo Jornal **A União**, com ajuda do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), aponta que a Paraíba conta com um total de 19 institutos históricos.

A maior parte dessas instituições, 13 ao todo, nasceu no século 21. Três dos institutos históricos abertos na Paraíba, inclusive, foram fundados no ano passado, nas cidades de Caturité, Ingá e Puxinanã. Das dez cidades mais populosas, somente a metade delas, incluindo a capital paraibana, como sede do IHGP, possuem seu próprio instituto histórico: João Pessoa, Campina Grande, Patos, Cajazeiras e Bayeux.

O historiador Matheus Guimarães, mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a difusão dos institutos locais, sobretudo em cidades pequenas, tem papel interessante na manutenção da memória local, de preservação de arquivos históricos dessas cidades.

“De fato, tem uma preocupação em garantir uma preservação do patrimônio, de acervos, e de trabalhar a ideia de reforçar a identidade local. Normalmente, nós temos uma visão mais geral, de pensar a Paraíba como um todo, até o Brasil como um todo, e não nas particularidades. Além de ter o papel de preservação, é também um espaço de socialização, de vivência de alguns grupos da cidade”, explica.

No caso do IHGP, Matheus Guimarães explica que ele foi fundado a partir de um movimento nacional de fundação de instituições semelhantes em todos os estados. Nascidos com o objetivo de escrever uma história, criar uma identidade, buscar a preservação da memória de arquivos, um espaço de construção de conhecimento histórico. Essas entidades foram responsáveis por estabelecer uma visão da história a que se chama de oficial.

Fundado à época por parte da elite paraibana, sobretudo a política, o IHGP foi responsável por construir uma identidade local, trabalhar o termo “paraibanidade” e difundir valores. O termo “paraibanidade”, cunhado a partir das revistas publicadas pelo Instituto, bem como a postura altiva em relação aos heróis e batalhas do estado, aliado a um forte sentimento de rechaço ao período colonial em que a Paraíba esteve anexada à Pernambuco, foram algumas das construções do IHGP para criação da identidade do povo paraibano.

“Isso fica muito claro em alguns textos da revista do Instituto, que era um mecanismo de divulgação desse conhecimento. O próprio slogan do Instituto nos primeiros anos, que inclusive vai ser usado no brasão da cidade de João Pessoa, é “intrepida ab origine”, algo como Paraíba forte desde sua origem. Até mesmo algumas datas históricas que se tornaram feriado foram influenciadas pelo Institu-



O IHGP, localizado no Centro de João Pessoa e com mais de 100 anos de criação, nasceu em um movimento que se espalhou pelo país

Memória, história e acervo garantido

Paraíba conta com 19 institutos históricos e geográficos espalhados pelo estado, sendo o da capital e o de Campina Grande os mais antigos

to, como é o 5 de agosto, o movimento de 1930, com o hino, a bandeira do estado, o dia da morte de João Pessoa era uma data marcante na cidade”, detalha.

A importância desse papel se deu para que o povo paraibano criasse uma espécie de rivalidade com Pernambuco, tamanha era a influência do IHGP na formação da opinião crítica da população. Outro instituto muito tradicional e que data do século passado, e que presta um serviço de preservação da memória local, é o Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), fundado em 1948.

Entre a criação, a partir do então prefeito da cidade à época, Elpídio de Almeida, até os dias atuais, quando se encontra em sua sede à Rua Maciel Pinheiro, na esquina com a Avenida Floriano Peixoto, no prédio em que já funcionou a Prefeitura de Campina Grande (PMCG), onde também funcionou por muitos anos a Câmara Municipal (CMCG), foram três fechamentos e três reaberturas. A última delas em 2012, perdurando até os dias atuais.

O presidente do IHCG, Vanderley de Brito, relata que, desde então, muito tem sido feito para ampliar a capacidade do Instituto, sobretudo no seu potencial museológico. Desde que assumiu a presidência da instituição, a batalha de sua gestão é para acomodar o IHCG em sua sede, organizar o material que foi resgatado ao longo dos anos e tornar o espaço acessível.

“Temos uma função didática, uma função de salvaguarda do patrimônio de Campina Grande. Por isso pedimos sempre para que as pessoas façam doações de fotografias, souvenirs, tudo que possa ser restaurado, higienizado para que a gente faça a proteção desse material. Toda essa documentação é fundamental para a produção de trabalhos acadêmicos, como teses, dissertações”, explica.



Foto: Divulgação/IHCG



Foto: Divulgação/IHCG

À esquerda, a sede do Instituto Histórico de Campina Grande, localizada à Rua Maciel Pinheiro; e acima, parte de sua equipe: Ida Steinmüller, Wanderley de Brito e Gabriela Araújo

Não existe uma cultura de visitas

Mesmo sendo um dos mais antigos institutos históricos, o IHCG sofre dos mesmos problemas dos demais espaços públicos reservados à história local. Além da pandemia, que naturalmente afastou a presença física de muitas pessoas, Vanderley de Brito analisa que inexistente no estado uma cultura de visita a museus ou demais espaços reservados à preservação da memória do próprio povo.

“Não existe uma cultura na Paraíba de visitar museus. Quando acontece, ou é uma escola que promove a visita, e as crianças e os adolescentes são obrigadas a ir, ou é algum turista ocasional que chega e quer conhecer alguma coisa. Ainda não existe essa cultura e compete a nós, historiadores, memorialistas, gerar essa nova consciência das pessoas visitarem esses museus, esses espaços. Acredito que temos uma dívida muito grande com a memória, não só em Campina Grande, mas em João Pessoa e em outras cidades”, lamenta.

“

A história é muito simples de contar. Se você colocar ludismo, as pessoas vão aprender, vão admirar e vão se contextualizando, tomando novas atividades a partir dela [para popularizar a própria história]

Wanderley de Brito

O desafio para o IHCG e demais institutos é atrair cada vez mais pessoas para visitar a história. O primeiro passo é ter um espaço organizado para que sirva não só de visita, mas de cenário para eventos, gravações e locações de artistas, como conta Vanderley de Brito: “A gente sempre estimula para que venham fazer gravações

musicais, entrevistas, para que as pessoas utilizem como cenário. Isso já é um modo de fazer a divulgação. Pretendemos no futuro fazer, sim, imagens do espaço. Vamos criar um site, para criarmos as condições de uma visita virtual pelo Instituto Histórico de Campina Grande”, detalha.

Carregando a pesada missão de preservar a memória e história local, enfrentando obstáculos invisíveis como o novo coronavírus e disputando o interesse em termos de entretenimento com mercados consolidados como o da música e do cinema, os Institutos Históricos e espaços museológicos seguem com um mantra: resistência.

Vanderley de Brito reforça que não precisa inventar muito, e indica o caminho, popularizar a própria história. “A história é muito simples de contar. Se você colocar ludismo, as pessoas vão aprender, vão admirar e vão se contextualizando, tomando novas atividades a partir dela”, arremata.

Fundado em 1905 por parte da elite paraibana, sobretudo a política, o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba foi responsável por construir uma identidade local, trabalhar o termo “paraibanidade” e difundir valores

Lista de instituições no estado da Paraíba

- **Alagoa Nova:** Instituto Histórico e Geográfico de Alagoa Nova (IHGAN), fundado em 2019
- **Areia:** Instituto Histórico e Geográfico de Areia (IHGA), fundado em 2018
- **Bayeux:** Instituto Histórico e Geográfico de Bayeux (IHGB), fundado em 2008
- **Boqueirão:** Instituto Histórico e Geográfico de Boqueirão (IHGB), fundado em 2020
- **Cajazeiras:** Instituto Histórico de Cajazeiras (IHC), fundado em 2004
- **Campina Grande:** Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), fundado em 1948
- **Caturité:** Instituto Histórico e Geográfico de Caturité (IHGC), fundado em 2021
- **Esperança:** Instituto Histórico e Geográfico de Esperança (IHGE), fundado em 2018
- **Gado Bravo:** Instituto Histórico e Geográfico de Gado Bravo (IHGGB), fundado em 2019
- **Ingá:** Instituto Histórico e Geográfico de Ingá (IHGI), fundado em 2021
- **João Pessoa:** Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), fundado em 1905
- **Lagoa Seca:** Instituto Histórico e Geográfico de Lagoa Seca (IHGLS), fundado em 2020
- **Patos:** Instituto Histórico e Geográfico de Patos (IHGP), fundado em 1998
- **Pocinhos:** Instituto Histórico e Cultural de Pocinhos (IHCP), fundado em 2012
- **Puxinanã:** Instituto Histórico de Puxinanã (IHP), fundado em 2021
- **Santa Luzia:** Instituto Histórico e Geográfico de Santa Luzia (IHGSL), fundado em 2016
- **São João do Cariri:** Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano (IHGCP), fundado em 2006
- **Serra Branca:** Instituto Histórico e Geográfico de Serra Branca (IHGSB), fundado em 2015
- **Umbuzeiro:** Instituto Histórico e Geográfico de Umbuzeiro (IHGU), fundado em 2019

Walfredo Rodriguez

Arte cinematográfica do primeiro repórter fotográfico da Paraíba

Hilton Gonçalves
hiltongoncalvesaraujo@gmail.com

Walfredo Rodriguez foi pioneiro, na Paraíba, na arte da fotocinematografia. Era um repórter fotográfico que produzia filmes-jornais e películas comuns, levando às telas dos cinemas de João Pessoa do início do século 20, filmagens que exibiam esportes, a chegada de personalidades políticas à Paraíba e até os concertos públicos – retratas – realizados no Centro da capital. Pode-se dizer que ele forjou em si a figura do *self-made-man* da imprensa tabajara, que atuava na fotografia, escrita de artigos em revistas e jornais, além de produzir filmes que, hoje, são reconhecidos como incontestáveis documentos históricos.

O jornalista, cineasta, fotógrafo e colecionador de jornais e revistas Walfredo Rodriguez nasceu na cidade da Parahyba do Norte – a João Pessoa atual –, em 1893, e morreu na mesma cidade, aos 81 anos, em 1974. Filho de Emiliano Rodriguez Pereyra, dono de um hotel-botequim no Teatro Santa Roza, morou bastante tempo na Rua da Viração, hoje batizada Avenida Gama e Mello, no bairro do Varadouro.

Herdou de seu avô paterno o gosto pela fotografia, uma profissão que o tornaria conhecido no Brasil inteiro. Sua índole artística, ao que parece, surgiu na infância, por conviver diariamente com atores do Teatro Santa Roza – já que Emiliano, seu pai, era frequentador assíduo da casa e sempre levava o filho para assistir aos ensaios.

Não era à toa que, desde criança, Walfredo tinha profunda ligação com a fotografia: seu avô paterno era fotógrafo, bastante solicitado. Iniciou a carreira no cinema, revistas e jornais em 4 de setembro de 1921, aos 28 anos. Sua primeira obra cinematográfica foi exibir o filme de uma retreta realizada na Praça Venâncio Neiva (Pavilhão do Chá), onde, aos domingos, se reunia a nata da sociedade peense.

Em 1984, a Fundação Casa de José Américo promoveu a ‘Semana Cultural Walfredo Rodriguez’ para celebrar seus 90 anos de nascimento. O evento culminou com a publicação do livro ‘Walfredo Rodriguez e a Cultura Paraibana’, organizado por Alex Santos. Conhecido como escritor, ele foi, também, destacado fotógrafo e cineasta. No ano de 1921, viajou ao Rio de Janeiro para ser fotógrafo da Federal Filmes, tornando-se, posteriormente, um dos fotocinematografistas da Companhia de Antônio da Silva Barradas, dono da Omnia Film.

Ao voltar à Paraíba, passou a produzir cine-jornais, exibidos nos cinemas de João Pessoa, particularmente no Cine Rio Branco e no Filipeia, com o título de ‘Filmes-Jornais do Brasil’. A sétima arte que aqui engatinhava, através dos projetos e mãos hábeis de Walfredo, fez um pouco de tudo neste rincão Filipeia.

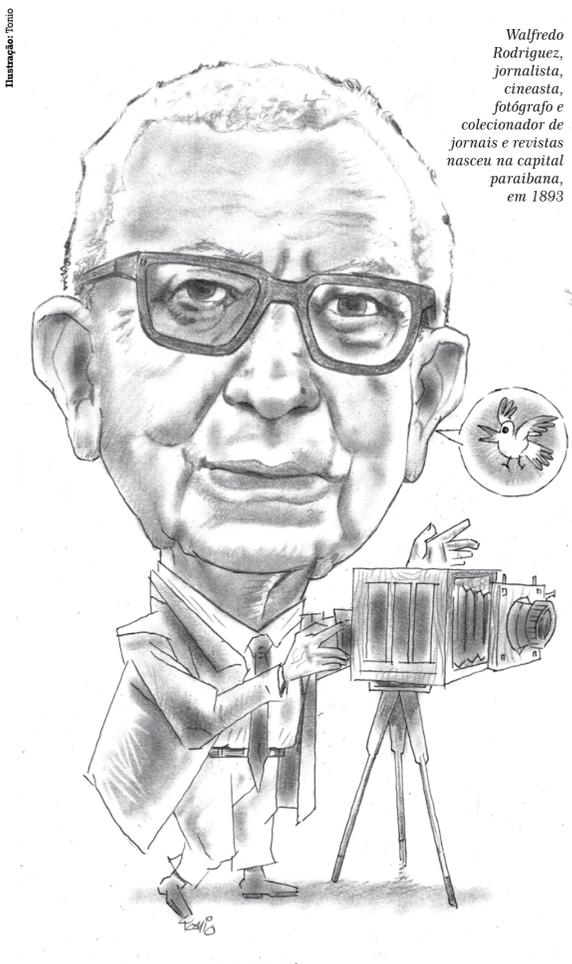
Isso contribuiu muito para que Walfredo fosse considerado “o pai do cinema paraibano”, pela maioria dos seus autores conterrâneos. Os filmes-jornais por ele produzidos tinham em média 10 minutos de duração. A maioria dos filmes-jornais, como os produzidos por Antônio Barradas, no Rio Janeiro – e com quem Walfredo havia trabalhado –, destacava a parte esportiva. Tome-se como exemplo o caso dos flagrantes do jogo de futebol entre os clubes Parahyba United e o Red Cros, realizado entre os anos de 1923 e 1924, com filmes da mesma estirpe, mas que não se limitavam apenas ao esporte.

Um desses flagrantes, sem o mínimo perfil de esporte, foi a chegada do recém-eleito presidente João Suassuna à Cidade da Parahyba do Norte, em 1924. Ainda fez filmes sobre a dança do coco e criou ‘Reminiscência de 30’. De acordo com o cineasta paraibano Wills Leal (*in memoriam*), “esses ‘filmes-jornais’ tiveram pouco tempo de duração”.

Walfredo, que em aproximadamente três anos produziu 20 filmes, chegou a declarar que o número pequeno desses trabalhos esbarrava no incentivo financeiro, bastante irrisório. O material de produção era caro e precisava ser adquirido em Recife, o que encarecia ainda mais o processo. Baseado no cálculo custo-lucro, os filmes-jornais deixaram de ser feitos na então Parahyba do Norte.

Diante da não lucratividade dos filmes-jornais, Walfredo passou a produzir filmes mais longos, divididos em três partes, que totalizavam no final cerca de 80 minutos de duração. Um deles foi ‘O Carnaval Paraibano e Pernambucano’, de 1923, que chegou a ser exibido no Cine Pathé, do Rio de Janeiro.

Esse filme pode ser considerado um documentário jornalístico, pois tratava de mostrar as várias faces do Carnaval paraibano e pernambucano, partindo dos blocos formados pelos integrantes da elite da época, como o Aluga-se um coração e os blocos de índios, constituído pela população em geral e ainda o Bloco Filopanças, título que se refere à própria organização do troço, porque essa agremiação saía às ruas, de casa em casa, ora bebendo, ora comendo.



Walfredo Rodriguez, jornalista, cineasta, fotógrafo e colecionador de jornais e revistas nasceu na capital paraibana, em 1893

Ilustração: Tomo



A Casa da Pólvora, no Centro Histórico de João Pessoa, abriga o Museu Fotográfico Walfredo Rodriguez

parte é fictícia, destacando-se que a primeira delas é considerada por autores paraibanos como um prólogo-ficção. Concluído, o filme foi exibido em várias cidades paraibanas e também na Bahia e no Rio de Janeiro.

Antônio Barradas ensaiou a intenção de levar a produção para Paris, para sonorizá-la, porém isso não foi possível, pois o cineasta carioca morreu durante a viagem, o que impossibilitou encontrar a cópia original do filme. Em 1º de setembro de 1950, o Cine Rex Rotary Clube da Paraíba, juntamente com o Departamento de Educação, promoveu um festival reunindo os filmes de Walfredo Rodriguez.

Ao se analisar as obras realizadas por Walfredo, percebe-se que muitos pesquisadores o citam como colunista de algumas revistas e jornais que circulavam em João Pessoa, nas primeiras décadas do século 20. Mas não foi possível comprovar essa afirmação: a maioria dos artigos publicados nos jornais e revistas durante o período apontado não eram assinados. Revistas como a Era Nova, principalmente as editadas no início da década de 1920, trazem, junto ao sumário, a lista de colaboradores, mas nela não consta o nome de Walfredo, embora haja quem afirme que ele trabalhava lá.

No Jornal A União, é possível encontrar, no ano de 1942, a seguinte citação: “Com um brilhante êxito, foi inaugurada, domingo último, às 16 horas, a exposição de quadros foto-vernis organizada pelo artista fotográfico Walfredo Rodriguez, chefe do serviço fotográfico desta folha, sob o patrocínio do casal Ruy Carneiro”.

Resta, então, uma pergunta: a contribuição de Walfredo Rodriguez estava nas fotografias

Película para mostrar ao país os valores e as qualidades da Região Nordeste

Em 1924, Walfredo inicia as filmagens de ‘Sob o Céu Nordestino’. Ele mesmo era diretor e proprietário da Empresa Nordeste Filme. Como paraibano, e profundo admirador de sua terra, além de apaixonado pela riqueza cultural nativa, Walfredo pretendia, através dessa película, mostrar ao país que o Nordeste não era apenas uma região seca ou miserável. Assim pretendia contestar o que os seus colegas de trabalho da Federal Filmes, no Rio de Janeiro, diziam sobre a Paraíba: “Lá não tem nada civilizado e os índios atacam as pessoas na cidade”.

Finalmente, o filme ‘Sob o Céu Nordestino’, o sonho dourado de Walfredo, é finalizado. Sua pretensa grande obra é uma longa-metragem com aproximadamente duas horas de projeção. Surge como mais um filme de caráter documentário, tendo sete etapas com essa característica; a outra

Angélica Lúcio

Notícias que vão e vêm

Nem sempre as notícias que a gente vê por aí interessam a todos. Informação que impacta e gera grande repercussão no seu grupo de convívio, geralmente, tem a ver com territorialidade, comunidade, proximidade. Estou em um sítio na zona rural de Patos, a cerca de 360 quilômetros de João Pessoa, a capital da Paraíba. De férias, não tenho obrigação de acompanhar o noticiário, como sempre faço, mas dou uma espiada no que se fala por aí: seja na tevê, seja nos portais.

Veja por outra, a guerra na Ucrânia é comentada entre os que me cercam. “Qual é a novidade agora? O que Putin fez hoje? E Bolsonaro, você ouviu falar? Vai invadir a Venezuela!”. É fake news, digo – e dou algumas explicações ao meu interlocutor.

Na volta da feira, no sábado, a notícia é o preço dos produtos. Tudo está mais caro. Um quilo de cenoura é comercializado por R\$ 11 em um estabelecimento; noutro, uma melancia grande sai por R\$ 40. Qua-ren-ta! Acredite: até para mim (que sou meio Magali) esse valor é um “disputismo”, como diria meu pai.

No meio das conversas, chega a notícia do roubo de um caminhão, carregado de carne, que tinha acabado de sair do matadouro. Os ladrões foram engenhosos,



Foto: Angélica Lúcio

mas a polícia ainda conseguiu localizar parte da carga.

O rame-rame da política partidária vem até a mim pelos grupos de What-

sApp. Sempre detestei esse tema quando trabalhava em redação, mas ficava atenta a todos os lances por força do ofício. Hoje em dia, acompanho os movimentos

do xadrez político de longe. Mais para não ficar perdida nas conversas mesmo. Gosto de política, mas não de certos moidos.

Enquanto estou de férias, as notícias vão e vêm. Permito-me, porém, não me devotar aos fatos que sempre povoam tevês, rádios e portais. Apego-me a outros comunicados. A gata Estrela, que deu cria a dois filhotes: Lua e Estela. O pé de serigueta tomado por borboletas pequenas; bonitas, sim, mas que agem como pragas e se fartam com todos os frutos, sem deixar quase nada para mim. O novo touro que habita a paisagem.

Nesses dias de ócio no interior, quando as notícias tecidas pelos jornalistas têm para mim menos força do que os mosaicos da vida, lembro-me também de um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade:

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.
É de dessa vida que quero mais um pouco, um tanto, um muito até o fim das férias.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte XVI– As bandas e os conjuntos – V

Renato e Seus Blue Caps – Banda que teve sua origem no Bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, reduto de futuros astros da constelação musical, foi criada no fim dos anos de 1950 para o início dos anos de 1960, recebendo o nome nada convencional de “Os Bacaninhas do Rock da Piedade”. Começou como um conjunto de estúdio e que fazia apresentações em eventos estudantis e festivais domésticos.

A primeira apresentação pública aconteceu em 1959, após a gravação de um EP que continha a faixa ‘Me esqueça’. O nome do grupo foi mudado para o definitivo, em 1960, buscado – por que não copiado? – do grupo norte-americano Gene Vincent and The Blue Caps (1956/57), tida como a primeira banda de rock do universo musical.

O grupo de Renato, que foi levado aos programas do Chacrinha e ao ‘Os brotos comandam’ pelas mãos do sempre expert e esperto Carlos Imperial, era liderado por Renato Vieira de Barros, guitarra e voz, e contava com os irmãos dele, Paulo César Barros, guitarra/baixo e voz, e Edson Vieira de Barros, o Edinho que depois se tornou Ed Wilson, guitarra/base e vocal, que logo, por razões de que lhes falarei mais adiante, foi substituído por Erasmo Carlos.

A eles se juntaram Euclides de Paula,



Foto: Reprodução

guitarra/solo, que, posteriormente, se tornou o arranjador instrumental do The POP’s; Carlinhos, bateria e vocal, Carlos Alberto da Costa Vieira, o Carlinhos, primo dos Barros, guitarra e voz, Carlos Antônio Pinheiro, o Tony, bateria, Cid Rodrigues Chaves, sax. No decurso do sucesso e das gravações, conforme fosse se fazendo necessário, outros foram sendo incorporados à banda, como Gelson, Mauro Motta, Pedrinho, Scarambone, Ivan Botticelli, Roberto Simonal, o pernambucano Ivanilton de Souza Lima (o Michael Sullivan), Marquinho, Darcy

Velasco, Cláudio Caribé e Amadeu Signorelli...

Dentre as saídas mais notórias do grupo, merece destaque a de Ed Wilson que deixou a banda quando Carlos Imperial resolveu fazer dele um “ídolo da juventude”. Em 1963, Erasmo Carlos, então, assume o lugar de Ed e participa da gravação do álbum ‘Viva a Juventude’ (1964), como crooner e guitarrista (veja-se a pose deste na capa do referido LP).

Erasmo deixou a banda quando foi ‘arrastado’ pela dupla de compositores Benil Santos e Raul Sampaio para a gravadora

utilizadas pelos jornais? Ou se algumas colunas eram escritas mesmo por ele? Vários são os registros nos jornais da época sobre a abrangência da exposição ‘Dos tempos dos azulejos e beirais à cidade de hoje’. O Jornal A União, no mês de outubro de 1942, publica quase que diariamente chamadas para esse evento.

A abertura oficial da supracitada exposição ocorreu no domingo, dia 4 de outubro, no andar térreo da ex-Caixa Rural, na Rua Duque de Caxias. ‘Dos tempos dos azulejos e beirais à cidade de hoje’ contava com 258 quadros, e já no terceiro dia de exposição haviam sido vendidos 66. No dia anterior à abertura oficial da exposição, Walfredo Rodriguez promoveu um coquetel, cuja finalidade é a de receber a Associação Paraibana de Imprensa (API).

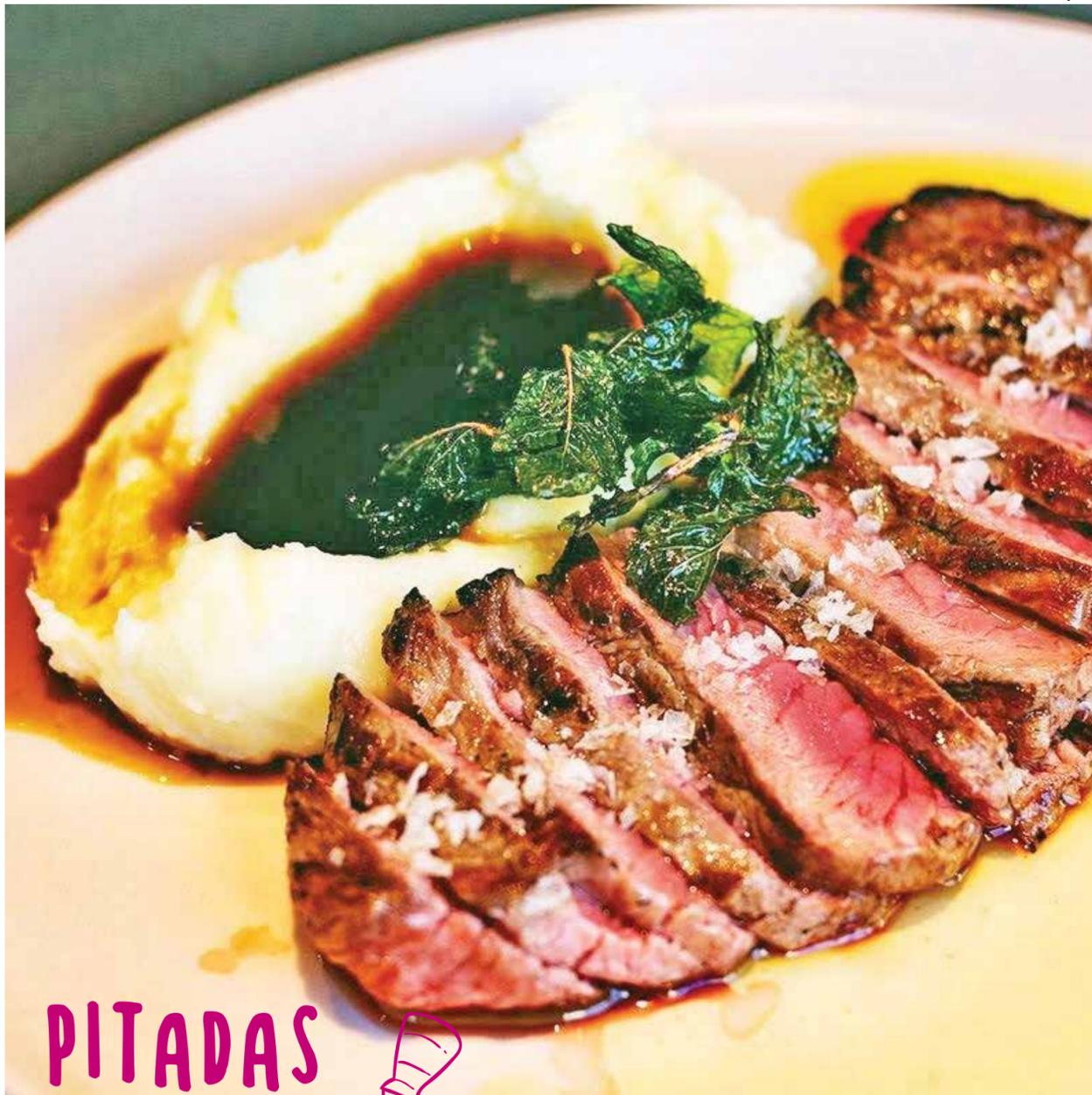
A maioria dos jornalistas da época o considerava um fotógrafo competente, que “captou vários aspectos da Parahyba de outrora e os apresentou num processo de foto-vernis, também mostrando o aspecto contemporâneo da futura João Pessoa. As cerca de 400 pessoas diárias que visitaram a exposição “ficaram impressionadas”.

Walfredo era, além de fotógrafo, um colecionador de jornais e revistas. Nasce ai a dedução de que muitas dessas fotografias – principalmente as primeiras, de meados do século 19, quando o autor da referida exposição tinha poucos anos de idade –, faziam parte de seu acervo de colecionador; mas que não foram feitas por Walfredo. Essa observação não implica em dizer que a contribuição da exposição de Walfredo foi estratégica para nortear a imprensa local, que ainda hoje utiliza suas fotografias em matérias jornalísticas.

No Jornal A União, onde Walfredo era fotógrafo, ou na Revista Era Nova foram encontradas fotos da cidade datadas de 1923, assinadas por ele. A partir da década de 1950, o autor passa a publicar algumas obras, a primeira delas o livro ‘História do Teatro da Paraíba: só a saudade perdura’, lançada em 1960, que tem o objetivo principal de retratar os teatros na Paraíba, particularmente o Teatro Santa Roza, do qual Walfredo foi diretor. Sua segunda obra de arte foi ‘Roteiro Sentimental de Uma Cidade’. Numa área da antiga Casa da Pólvora, em João Pessoa, funciona o Museu Fotográfico Walfredo Rodriguez.



Fotos: Walter Ulysses



PITADAS A GOSTO



O Paraíba Restaurant Week promove inclusão profissional de estudantes de Gastronomia. No Estágio Week, alunos da Faculdade Uninassau aprendem na prática os processos do dia a dia, atuando dentro dos restaurantes participantes do festival.

A edição paraibana do maior festival gastronômico do Brasil, o Paraíba Restaurant Week, proporciona mais do que experiências gastronômicas: ele promove também a inclusão profissional. A oportunidade de estudantes de Gastronomia da Faculdade Uninassau em estagiar nos restaurantes participantes é uma das contribuições do festival. Os alunos podem conhecer, na prática, o andamento, gestão e processos do dia a dia dos melhores estabelecimentos da cidade por meio do Estágio Week.

Raíssa Veras, assessora

comercial do Paraíba Restaurant Week, explica que, com a possibilidade do estágio, os restaurantes recebem mão de obra qualificada, enquanto que, para o aluno, é um momento de aprendizado. “É uma experiência muito rica e abre possibilidades, que muitas vezes os restaurantes nem haviam enxergado, como ter um estagiário dentro de sua equipe. O estudante passa os 24 dias do evento no local, para que se tenha um vínculo, e ao final, muitas vezes, é contratado”, explica Raíssa.

Para a coordenadora do Curso de Gastronomia da Uninassau, Isabela Barbosa, o Estágio Week tem grande importância para o crescimento profissional deles. “Atuar num festival gastronômico de grande relevância para o país proporciona aos alunos não somente a profissionalização, mas também exalta o amor pela

cozinha”, destaca. Isabela ressalta, ainda, que o Estágio Week é importante para a instituição, pois é um momento em que os alunos podem colocar em prática o que aprenderam. “Isso dá visibilidade ao nosso trabalho, à profissionalização do que temos dentro das nossas cozinhas, visando a boa formação e a atuação por excelência no mercado de trabalho”, completa.

Para participar do Estágio Week é preciso que o aluno já tenha completado 50% da formação, ou seja, a partir do terceiro período do Curso de Gastronomia. “Nesse caso, o participante já tem bons fundamentos de prática de cozinha que, com certeza, serão aprimorados no estágio. O requisito é estar quite com o cumprimento das disciplinas do curso até então e que seja um aluno assíduo às aulas”, explica Isabella.

PRATO DO DIA

Dadinho de tapioca

Ingredientes

■ Farinha de tapioca: 250 gramas

■ Queijo de coalho: 250 gramas

■ Leite: 500 mililitros

■ Sal: oito gramas

■ Pimenta-do-reino branca: a gosto

Modo de preparo:

■ Misture o queijo ralado e a tapioca. Depois junte ao leite bem quente, mexendo sempre para não formar grumos. Acrescente os temperos e continue mexendo até a mistura começar a firmar. Despeje em uma assadeira forrada com plástico (para facilitar o desenformar) e cubra com papel filme. Deixe resfriar em temperatura ambiente e leve à geladeira por pelo menos três horas. Corte em cubos e frite por imersão a 170°C até dourar.



Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Paraíba e gastronomia

Seguindo tendência nacional, Paraíba Restaurant Week lança Menu Week Plus. Festival acontece deste a última sexta-feira (11) e vai até 3 de abril, nos melhores estabelecimentos de João Pessoa e Bananeiras.

Oferecer experiências gastronômicas nos principais restaurantes de João Pessoa e Bananeiras a preços acessíveis é uma das principais propostas do Paraíba Restaurant Week. E esta edição traz uma novidade, já executada pelo festival em todo o país: o Menu Week Plus.

Raíssa Veras, assessora comercial do Paraíba Restaurant Week, explica que a ideia é manter um preço atrativo para o público, mas considerando o ticket médio de cada local, informado anteriormente pelos próprios estabelecimentos inscritos no festival. Com isso, o almoço do Menu Plus fica por R\$ 79,90 e o jantar, por R\$ 89,90.

“O Restaurant Week é um festival que acontece nacionalmente e em várias outras cidades já é praticado o Menu Plus, chegando a ter até quatro valores de menus”, conta. Raíssa explica que a participação dos restaurantes com o Menu Week Plus e padrão é a mesma, pelo mesmo período e com as mesmas regras e ambos com cardápios especiais e bem elaborados.

Segundo a organização do festival, por conta do grande aumento dos preços dos insumos que ocorreu desde o início da pandemia, houve a necessidade de um reajuste nos valores e a adesão local ao Menu Plus. “Alguns estabelecimentos que estavam desde a primeira edição conosco não estavam conseguindo fechar o menu no valor padrão. Foi então que vimos que já era o momento de aderir ao Plus, devido ao ticket médio maior e ao cardápio com valores mais altos de alguns lugares”, informa Raíssa.

Além de apreciar a gastronomia local, quem quiser participar da ação social do Restaurant Week poderá acrescentar R\$ 1 por menu. Todo o dinheiro arrecadado será doado para a ong Milagre Sertão, que assiste famílias carentes no interior da Paraíba.

Lista de restaurantes no Paraíba Restaurant Week: www.cantaloupe.com.br e [@cantaloupebr](https://www.instagram.com/cantaloupebr). Nas redes sociais: [@cantaloupebr](https://www.instagram.com/cantaloupebr) e [@restaurantweekbrasil](https://www.instagram.com/restaurantweekbrasil).



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.